



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

TAIS SIQUEIRA DO NASCIMENTO

DESCRIÇÃO DO PRONOME CLÍTICO 'ME' EM CARTAS PESSOAIS DE DUAS
REGIÕES NORDESTINAS: O USO NO RECÔNCAVO DA BAHIA E NO SERTÃO DO
PAJEÚ

Recife
2022

TAIS SIQUEIRA DO NASCIMENTO

DESCRIÇÃO DO PRONOME CLÍTICO 'ME' EM CARTAS PESSOAIS DE DUAS
REGIÕES NORDESTINAS: O USO NO RECÔNCAVO DA BAHIA E NO SERTÃO DO
PAJEÚ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Letras da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção
do título de Mestra em Letras.
Área de concentração: Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo

Recife
2022

Catálogo na fonte
Bibliotecária Lillian Lima de Siqueira Melo – CRB-4/1425

N244d Nascimento, Tais Siqueira do
Descrição do pronome clítico 'me' em cartas pessoais de duas
regiões nordestinas: o uso no recôncavo da Bahia e no Sertão do
Pajeú / Tais Siqueira do Nascimento . – Recife, 2022.
95f.: il., tab.

Sob orientação de Marcelo Amorim Sibaldo.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco.
Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras,
2022.

Inclui referências e anexos.

1. Linguística. 2. Pronome clítico me . 3. Funcionalidade - pronome. 4.
Propriedade semântica - pronome me. I. Sibaldo, Marcelo Amorim
(Orientação). II. Título.

809 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2023 -19)

TAIS SIQUEIRA DO NASCIMENTO

DESCRIÇÃO DO PRONOME CLÍTICO 'ME' EM CARTAS PESSOAIS DE DUAS
REGIÕES NORDESTINAS: O USO NO RECÔNCAVO DA BAHIA E NO SERTÃO DO
PAJEÚ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Letras da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção
do título de Mestra em Letras.
Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: 31/08/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr.^a Dorothy Bezerra Silva de Brito (Examinadora Externa)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Dr. Cleber Alves de Ataíde (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao universo, por permitir que a vida exista, que as boas energias nos guiem e permitam com que vejamos luz em momentos mais tortuosos da nossa existência, pois, nossa força está no tentar, na resiliência, em perseverar em nossos sonhos, independente do resultado, uma vez que, temos que viver um dia de cada vez e nem sempre o tempo será nosso inimigo.

Agradeço a minha mãe, Rosanha, por sempre acreditar e lutar por mim, até mesmo quando nem eu mesma acreditava. Uma mulher sem igual, que vê em mim, um exemplo de luta e sucesso, quando na verdade, ela que representa tudo isso para mim. Ela é a mulher na qual me inspiro. Somando-se a isso, mesmo em um momento tão difícil da sua vida, principalmente, quando estava internada, vi sempre em sua em sua face, força e coragem.

Sou demasiadamente grata, ao meu melhor amigo Wesley, um irmão, sempre me fortalecendo, acreditando e se preocupando comigo. Ele emana tanto amor, carinho, responsabilidade e força. Um ser sem igual, chega a ser surreal o quanto nosso amor é forte, com mais de oito anos caminhando juntos e abraçando nossas personalidades.

Agradeço imensamente ao meu namorado, Antonio, por todo suporte e incentivo para a realização e conclusão dessa pesquisa.

As minhas irmãs Bárbara e Simara, que também acreditam em mim, conversam comigo nos momentos mais felizes e tristes. Também me fazendo refletir sobre a vida e o quanto sou capaz.

Ao meu pai, João, que assim como minha mãe, permitiu, por intermédio do seu trabalho, que eu conseguisse dar continuidade aos meus estudos. Sei que a vida não é fácil e cada um dos meus familiares me ajudou como pôde e da maneira deles.

Sou grata ao meu orientador, Sivaldo, por acreditar em mim, dedicar seu tempo e sempre estar disposto a me dar oportunidades, mesmos com minhas falhas, ele nunca desistiu de mim. Algo que foi essencial para que esse trabalho fosse concluído.

Aos meus amigos Ana, Amanda, Ivan, Eliana, Laíse, Sabrina, Clênia, Marília, Thiago, João, Lídia e Marcone, que de maneira direta ou indireta, contribuíram para que eu conseguisse dar continuidade ao meu trabalho.

Agradeço aos professores Adeilson, Cleber e Dorothy, bem como, ao Programa de Educação tutorial (PET), que fizeram parte da minha jornada e me ajudaram a chegar onde estou.

Por fim e não menos importante, agradeço ao CNPq e ao PPGL, juntamente com seu corpo docente, discente e demais funcionários, por todo apoio e ensinamentos partilhados. Bem como, aos organizadores e mantenedores das plataformas digitais: Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc) e *Corpus* Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (CE-DOHS), das quais retirei as duas *corpora* que utilizo neste estudo.

*“Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.”*

(ANDRADE, 1972)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo a descrição do comportamento sintático-discursivo do pronome clítico *me* em cartas pessoais do nordeste do Brasil, mais especificamente no Recôncavo da Bahia e no Sertão de Pernambuco. O *corpus* da localidade de Pernambuco é composto por 120 cartas, datadas entre 1956 e 1977, já o material da Bahia possui 99 missivas, escritas entre 1911 e 1958. Com o intuito de repensar as propriedades semânticas e sintáticas já descritas da utilização do *me*, empregamos um estudo que abarca as descrições das funções desempenhadas por este pronome em gramáticas tradicionais, descritivas e estudos linguísticos, juntamente, com a análise das múltiplas funcionalidades do pronome *me*. O trabalho toma como base as pesquisas funcionalistas e teoria de valências e foi realizado partindo do pressuposto de que o clítico *me*, comumente classificado como objeto direto e indireto pela GT, possui funções para além daquelas descritas em algumas gramáticas, que o categorizam de maneira insuficiente. Para isso, utilizamos Halliday e Matthiessen (2014), Fuzer e Cabral (2014), Neves (2012) e Hopper e Thompson (1980), e, da Teoria da Gramática de Valência, abordada em Welker (2005), Rodrigues (2007), Perini (2007) e Neves (2000). Dessa maneira, temos a finalidade de ampliar os estudos dessa partícula e tentar entender o seu funcionamento, a partir dos usos nas cartas mencionadas. Como metodologia da análise, analisamos os usos do pronome *me*, descrevendo suas classificações e descrições dadas ao clítico *me*, assim como analisamos de que maneira as funções exercidas pelo *me* interferem na colocação pronominal nos dados das duas regiões. A partir das análises, observamos que o clítico *me* cumpre com outras funções sintático-discursivas, como partículas discursivas, que não são contempladas nas gramáticas tradicionais e descritivas analisadas nesse trabalho, como Bechara (2009), Cegalla (2008), Azeredo (2000) e Cunha e Cintra (2017). E nas descritivas: Neves (2000) e Perini (2017). Como resultado, encontramos em ambos os *corpora* as funções: dativo de interesse, acusativa e reflexiva. No material da Bahia encontramos as funções: dativo de posse e dativo ético, esse último com a singularidade de ser uma partícula discursiva e em 47,1% dos contextos tínhamos dativo de interesse. Já no material do Sertão, grande parte dos resultados, 44,4%, apresentavam a função reflexiva. Em relação à colocação pronominal, em ambos os materiais analisamos que, independentemente da função desempenhada, temos a crescente da próclise, de maneira generalizada, que representa em média 67,7% das colocações do *me* nos *corpora*.

Palavras-chave: clítico *me*; funcionalismo; valência; dativo.

ABSTRACT

This research aims to describe the syntactic-discourse behavior of the clitic pronoun *me* in personal letters from northeastern Brazil, more specifically from Recôncavo da Bahia and Sertão de Pernambuco. The corpus from Pernambuco consists of 120 letters, dated between 1956 and 1977, while the material from Bahia has 99 letters, written between 1911 and 1958. In order to rethink the semantic and syntactic properties already described of the use of *me*, we employed a study that encompasses the descriptions of the functions performed by this pronoun in traditional grammars, descriptive and linguistic studies, along with the analysis of the multiple functionalities of the pronoun *me*. The work is based on functionalist research and valence theory and was conducted under the assumption that the clitic *me*, commonly classified as direct and indirect object by GT, has functions beyond those described in some grammars, which categorize it insufficiently. For this, we used Halliday and Matthiessen (2014), Fuzer and Cabral (2014), Neves (2012) and Hopper and Thompson (1980), and, from Valency Grammar Theory, addressed in Welker (2005), Rodrigues (2007), Perini (2007) and Neves (2000). In this way, we aim to expand the studies of this particle and try to understand its functioning, based on the uses in the letters mentioned. As methodology of analysis, we analyze the uses of the pronoun *me*, describing its classifications and descriptions given to the clitic *me*, as well as analyze how the functions performed by *me* interfere in the pronominal placement in the data of the two regions. From the analyses, we observed that the clitic *me* fulfills other syntactic-discourse functions, as discourse particles, which are not contemplated in the traditional and descriptive grammars analyzed in this work, such as Bechara (2009), Cegalla (2008), Azeredo (2000) and Cunha and Cintra (2017). And in the descriptive ones: Neves (2000) and Perini (2017). As a result, we found in both corpora the functions: dative of interest, accusative and reflexive. In the material from Bahia we found the functions: dative of possession and ethical dative, the latter with the singularity of being a discourse particle and in 47.1% of the contexts we had dative of interest. In the material from Sertão, a large part of the results, 44.4%, presented the reflexive function. In relation to pronominal placement, in both materials we analyzed that, regardless of the function performed, we have the increasing of proclisis, in a generalized way, which represents an average of 67.7% of the *me* collocations in the corpora.

Keywords: clitic *me*; functionalism; valence; dative.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Verbos mais representativos dos dativos de interesse, posse e ético.....	20
Tabela 2 – Pronomes pessoais oblíquos.....	30
Tabela 3 – Função sintática do <i>me</i> em gramáticas.....	33
Tabela 4 – Categorias semânticas selecionadas na oração.....	40
Tabela 5 – Critérios e grau de transitividade.....	41
Tabela 6 – Verbos mais representativos da função reflexiva, acusativa e dativa de interesse no <i>corpus</i> do Sertão de Pernambuco.....	57
Tabela 7 – Verbos mais representativos do dativo de interesse, reflexiva, acusativa, dativo de posse e ético no <i>corpus</i> do Sertão da Bahia.....	58
Tabela 8 – Resultados das funções encontrados no trabalho da Paviani (2004).....	59

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tabela gradiente de transividade.....	42
Quadro 2 – Cartas do Sertão de Pernambuco.....	47
Quadro 3 – Cartas do Recôncavo da Bahia.....	51
Quadro 4 – Modelo do teste de transividade.....	66
Quadro 5 – Tabela gradiente de transividade.....	66

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – O comportamento do pronome ‘me’ no <i>corpus</i> do Sertão de Pernambuco.....	56
Gráfico 2 – O comportamento do pronome me no <i>corpus</i> do Sertão da Bahia.....	57
Gráfico 3 – Colocação pronominal no <i>corpus</i> do Sertão de Pernambuco.....	69
Gráfico 4 – Colocação pronominal no <i>corpus</i> do Sertão da Bahia.....	70
Gráfico 5 – Partículas atrativas nas cartas do Sertão de Pernambuco.....	73
Gráfico 6 – Partículas atrativas no Recôncavo da Bahia.....	74

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Valência do verbo colocar.....	45
Figura 2 – Valência do verbo conhecer.....	61
Figura 3 – Valência do verbo entrar.....	65
Figura 4 – Próclise ao verbo não-finito em complexos verbais na diacronia do português, por data de publicação/apresentação dos textos.....	76

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	REVISÃO DA LITERATURA.....	18
3	COMO AS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS E GRAMÁTICAS DESCRITIVAS CLASSIFICAM O PRONOME ‘ME’.....	30
3.1	A sintaxe de colocação dos pronomes clíticos do português brasileiro.....	33
4	O FUNCIONALISMO: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	37
4.1	Conceitos de frase e transitividade na teoria funcionalista.....	38
4.2	Grau de transitividade.....	41
4.3	Metodologia.....	43
4.3.1	As cartas do Sertão do Pajeú.....	46
4.3.1.1	<i>Os dados sócio-históricos dos missivistas pernambucanos.....</i>	48
4.3.2	As cartas do Recôncavo baiano.....	51
4.3.2.1	<i>Os dados sócio-históricos dos missivistas baianos.....</i>	53
4.3.3	Validação do corpus.....	54
5	DISCUSSÃO E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO SINTÁTICO-DISCURSIVO DO PRONOME ‘ME’ NOS CORPORA.....	56
5.1	As funções exercidas pelo me.....	59
5.2	Grau de transitividade das orações com o pronome me.....	66
5.3	Colocação pronominal nos corpora.....	69
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
	REFERÊNCIAS.....	80
	ANEXO 1 - RECORTE DOS CONTEXTOS COLETADOS A PARTIR DO MATERIAL DO SERTÃO DE PERNAMBUCO.....	84
	ANEXO 2 - RECORTE DOS CONTEXTOS COLETADOS A PARTIR DO MATERIAL DO RECÔNCAVO BAIANO	91

1 INTRODUÇÃO

Conforme Carvalho e Brito (2018, p. 7), em relação à definição dos pronomes, os linguistas têm considerado os conceitos preestabelecidos insatisfatórios, tendo em mente que os pronomes pessoais não substituem nomes propriamente, ao passo que os pronomes interrogativos e demonstrativos podem representar adjetivos, advérbios e até mesmo verbos ou frases. Levando em consideração que mesmo essa colocação sobre os pronomes mostra-se insuficiente diante da complexidade da colocação pronominal e da possibilidade do pronome pessoal substituir até mesmo sintagmas maiores, uma vez que, isso torna os pronomes uma categoria especial dos elementos linguísticos.

Tendo isso em vista, Carvalho e Brito (2018) afirmam que uma das características que tornam os pronomes uma categoria singular dos elementos da Linguística é a contribuição proporcionada por esses elementos na compreensão da construção de sentenças, como também, de maneira geral, a ligação entre um pronome e seu referente pode ser estabelecida por meios semânticos, morfossemânticos, morfossintáticos, sintáticos e discursivo-pragmáticos.

Os autores, citando Bhat (2004, p.273), pontuam que os pronomes podem ser divididos em duas categorias: pronomes pessoais, expressões de um único elemento que representam os papéis discursivos, e proformas, expressões de dois elementos, um que indica um conceito geral e o outro com várias possibilidades, como: localizar uma entidade, denotar desconhecimento de uma entidade, obter informações sobre uma entidade, identificar uma entidade como sendo a mesma denotada por alguma outra expressão e relacionar uma entidade com alguma outra na qual tal conceito geral é empregado.

Partindo para a definição do pronome *me*, encontrada em gramáticas, observamos inconsistências, os pronomes são, não raramente, considerados palavras utilizadas para substituir nomes, segundo alguns apontamentos apresentados por gramáticas normativas do português brasileiro (PB) (BECHARA, 2009; CEGALLA, 2008). Especificamente, o pronome *me*, segundo Cegalla (2008, p. 180), pertence ao quadro dos pronomes pessoais na categoria de pronome oblíquo e, quanto à sua acentuação, é classificado como átono.

Todavia, essa definição é consideravelmente problemática ao não abranger as particularidades desse pronome, pois, de acordo com Paviani (2004), por meio de muitas observações relacionadas ao fato de línguas românicas diferenciarem pronomes átonos e tônicos, no português, bem como no romeno, o átono, elemento que se acrescenta a outra

palavra como clítico, pode adquirir tonicidade, como no exemplo “*Me dá um cigarro.*” Em Bechara (2009), essa possibilidade também é apresentada.

Ademais, os pronomes fazem parte de um paradigma no qual as colocações a respeito das suas funções são postas por sistemas de traços morfológicos e esses traços podem apresentar membros de um grupo de particularidades conceituais intrínsecas às funções exercidas pelo pronome, sejam elas semânticas ou discursivas.

Ao refletir sobre isso, podemos citar o trabalho de Ribeiro (2008), pesquisa que se baseia em dados de informantes afrodescendentes do PB rural falado no estado da Bahia. Carvalho (2008, p. 17) apresenta em sua tese alguns dados dessa pesquisa que corroboram a afirmativa sobre a complexidade da colocação pronominal, como pode ser observado neste dado: “Minha mãe (*me*)¹ mandou (eu) para a escola”, exemplo que corrobora com a asserção de que a forma não determina que posição o pronome pode ocupar na sentença, uma vez que o pronome *me* poderia ocupar tanto a posição anterior ao verbo *mandar*, como posterior, sem prejuízo semântico. Dessa maneira, o *me* poderia tanto estar presente na frase na posição em que se encontra como no lugar de eu, pronome pessoal que poderia não estar presente na frase, já que não haveria prejuízo da interpretação. Ambos os pronomes podem ocorrer concomitantemente, mas, caso um dos dois fosse excluído, não ocorreria prejuízo semântico.

Uma investigação que trabalha particularmente com a colocação do pronome *me* e pode ser destacada é a da autora Paviani (2004), estudo que analisa fatores linguísticos e extralinguísticos em dados coletados em uma região colonizada por imigrantes italianos, no Nordeste do Rio Grande do Sul, mais precisamente na localidade de Nova Roma, distrito do Município de Flores da Cunha. Como resultado dessa pesquisa, a autora identifica o pronome *me* enfático como característico do português falado em região colonizada por italianos.

Bem como, uma partícula enfática que possui como consequência do seu uso generalizado e muito frequente, inicialmente entre os bilíngues, a ocorrência na fala do monolíngue, não causando estranheza aos falantes, mas os ouvintes percebem que esse pronome não é de uso comum e é característico dessa região, como no excerto, retirado do trabalho da autora, “A roupa, eu *me* lavo ela toda sozinha.”.

Esta pesquisa toma como ponto de partida o trabalho de Nascimento (2019), que aponta que o pronome *me*, nos dados do Sertão de Pernambuco, material que corresponde a cartas pessoais trocadas entre dois casais, é encontrado majoritariamente na posição proclítica, que é uma tendência do português padrão e pode estar relacionado à natureza do material

¹ Os parênteses indicam que o caso atribuído ao pronome tem como equivalente morfológico uma única forma.

investigado. Em relação às funções desempenhadas pelo clítico *me*, nesse trabalho mencionado, encontramos as funções de acusativo, reflexivo e dativo de interesse, mesmo o pronome podendo desempenhar as funções de dativo de posse e dativo ético, não há a ocorrência desse pronome como um dativo enfático, ou seja, ético e nem como dativo de posse.

Trabalhamos com dois materiais, um *corpus* do Sertão de Pernambuco e outro do Recôncavo da Bahia. O *corpus* da localidade de Pernambuco é composto por 120 cartas, datadas entre 1956 e 1977 e oriundas de Poção, Custódia, Arcoverde, Brejinho e Triunfo - PE, já o material da Bahia possui 99 missivas, escritas entre 1911 e 1958 e provenientes das localidades Salvador, Conceição e Santo Amaro, Serrinha, Angico, Benfica, Roçado e Fazenda Novo mundo.

Levando isso em consideração, nosso trabalho tem por objetivos:

1. Descrever o comportamento sintático-discursivo do pronome *me* nos *corpora*: *corpus* do Recôncavo da Bahia e *corpus* do Sertão de Pernambuco.
2. Analisar a colocação pronominal do pronome *me* nos *corpora*.

Alçamos às hipóteses de que os dados nas duas comunidades investigadas, em relação à colocação pronominal, serão encontrados de maneira majoritária na posição proclítica, uma vez que, é uma tendência. E, no tocante as funções assumidas pelo pronome *me*, acreditamos que há a possibilidade de encontramos o pronome ético nos dados das cartas do Recôncavo da Bahia, escritas entre 1911 a 1958, já que se trata de um material com um recorte temporal diverso do *Corpus* do Sertão de Pernambuco, datadas entre 1956 a 1977.

Para alcançar nossos objetivos, partimos das seguintes perguntas norteadoras:

1. As funcionalidades abarcadas nas gramáticas tradicionais e descritivas contemplam as particularidades do clítico *me* dentro do quadro dos objetos indiretos, também chamados de dativos?
2. Realizando um comparativo do comportamento do pronome *me* entre as duas regiões, a função do clítico *me* interfere na colocação pronominal?

Com esse intuito, faremos uso das categorizações abordadas em gramáticas tradicionais, a saber: Bechara (2009), Cegalla (2008), Azeredo (2000), Cunha e Cintra (2017);

e descritivas: Neves (2000) e Perini (2017), a respeito do nosso objeto de estudo, e dos conceitos levantados por Paviani (2004) e Vanderlei (2014). Utilizaremos, como aporte teórico-metodológico, os pressupostos do Funcionalismo, defendido por Halliday e Matthiessen (2014), Fuzer e Cabral (2014), Neves (2012) e Hopper e Thompson (1980), e, da Teoria da Gramática de Valência, abordada em Welker (2005), Rodrigues (2007), Perini (2007) e Neves (2000).

Vale ressaltar, também, o pioneirismo deste trabalho, já que não há estudos sobre o uso do clítico *me* no português falado no Sertão de Pernambuco e no Recôncavo da Bahia. Desse modo, é válido discutirmos quais são as propriedades linguísticas (sintático-semânticas) e discursivas que permeiam a colocação do pronome clítico *me* nessas duas regiões, partindo da hipótese de que há a possibilidade de se obter dados que apresentam particularidades das funções do dativo, pouco discutidas nas gramáticas tradicionais e descritivas da Língua Portuguesa do PB, o que corrobora com a nossa hipótese geral da multifuncionalidade do pronome *me* e nos auxilia a determinar suas funções semânticas e discursivas.

Esta dissertação encontra-se estruturada pelos seguintes capítulos: No segundo capítulo, apresentamos a revisão da literatura, com trabalhos que investigaram o comportamento do *me* e discorremos a respeito da Gramática de Valência. Posteriormente, adentramos no tratamento do pronome *me* nas gramáticas tradicionais e descritivas e nos estudos da sintaxe de colocação pronominal. Em seguida, a fundamentação teórica da pesquisa é abarcada, juntamente com a metodologia empreendida, descrição dos *corpora*, dados sócio-históricos dos missivistas e validação do *corpus* da pesquisa. Por fim, apresentamos a análise do comportamento sintático-discursivo do pronome *me* no banco de dados selecionado, englobando os estudos das valências, classificações, grau de transitividade e colocação pronominal.

A seguir, apresentamos a revisão da literatura dos trabalhos, aos quais tivemos acesso, que tiveram como foco o nosso objeto de pesquisa - o clítico *me* - mesmo que com outras abordagens. São mencionados os trabalhos de Paviani (2004), Bastos-Gee (2004), Vanderlei (2014), Tourinho (2015) e Lacerda, Farias e Matos (2021). Ademais, adentraremos na gramática de valências.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Mencionaremos e resenharemos, aqui, alguns dos trabalhos que investigam o pronome *me* no PB e podem ser mencionados: Paviani, 2004, Bastos-Gee, 2004, Vanderlei, 2014, Tourinho, 2015, Lacerda, Nascimento (2019), Farias e Matos (2021), pois pesquisam especificamente o pronome clítico *me* na Língua Portuguesa.

No livro “O pronome ético: uma característica dialetal” de Paviani (2004), encontramos uma pesquisa sobre o uso do pronome *me* em Língua Portuguesa. A investigação da autora concentrou uma análise de dados de uma região colonizada por imigrantes italianos no Nordeste do Rio Grande do Sul, em Nova Roma, Município de Flores da Cunha. Ademais, são feitas análises do uso do pronome *me* em gramáticas das línguas grega, latina, portuguesa e italiana.

A autora busca estudar o italiano, dado que, pôde constatar, por meio da literatura, o uso frequente do pronome *me* e, além desse fator frequência, foi observado que o uso pode estar relacionado a outros aspectos linguísticos (sintáticos e semânticos). Aspectos que, talvez pudessem dar esclarecimentos sobre esse uso específico, culminando na hipótese inicial de que trata de um empréstimo da sintaxe do dialeto italiano à sintaxe do português.

A análise sociolinguística dos dados foi realizada por oitiva é feita por meio de uma classificação de grupos de fatores e categorias gramaticais, a saber: dativo ético, de interesse, de posse, entre outros. Vale salientar que essa classificação é feita partindo da hipótese de que a caracterização de classes de dativo permite observar melhor as dinâmicas de uso dessa forma particular.

Apresentamos, a seguir, as definições levantadas pela autora para classificar a colocação do *me* em categorias gramaticais: dativo de interesse, dativo de posse, dativo ético, acusativo e outros, que incluem a função reflexiva e adjunto adnominal. Considerando que, os dativos recebem categorizações pragmáticas. Essas categorias são definidas da seguinte forma:

Dativo de interesse: apresenta sujeito e objeto como sendo não correferenciais, indica o envolvimento do sujeito na ação expressa pelo verbo, em uma relação de vantagem e desvantagem, admite o movimento do objeto para a esquerda sem prejuízo do conteúdo emocional, isto é, conteúdo que está intrínseco nas relações positivas ou negativas entre as pessoas ou até mesmo em um objeto ao significar vantagem ou recusa. Além disso, pode ser substituído por “mim”, “para mim” e “de mim”, como em (1) e (2).

- (1) Não *me* faça isso, menino.
 (2) Você *me* troca uma nota de cinco mil?²

Dativo de posse: apresenta o objeto explícito, com partes do corpo ou objetos de uso particular, de posse inalienável, função temática, possuidor e benefactivo. Esse uso permite o deslocamento do objeto para a esquerda, como em (3) e (4).

- (3) Ele *me* critica os penteado.
 (4) Os cabelos, *me* lavo todos os dias.

Dativo ético: exprime envolvimento emocional do falante, indica referência à ação em si com o sentido de moralidade, permite o deslocamento do objeto para a esquerda e é comutável com zero (\emptyset), como em (5) e (6).

- (5) Meu filho não *me* come feijão.
 (6) Ele *me* foi embora.

Acusativo: exprime a função de objeto direto de um verbo transitivo direto. Como está exposto nos excertos (7) e (8).

- (7) Tua simpatia *me* domina.
 (8) Levou-*me* a escrever esta.

Outros: quaisquer classificações que não se encaixem nas mencionadas anteriormente, como nos excertos (9) e (10).

- (9) Eu *me* botei na beira da estrada.
 (10) Até das vezes *me* desanimo. (Por analogia com o eu *me* animo).

Partindo dessas categorias, os dados são analisados e discutidos por meio da análise estatística, segundo o modelo de Labov. Os resultados evidenciam que o pronome *me* enfático é uma característica dialetal do português falado em região de colonização italiana e está associado ao bilinguismo e variação linguística.

² Todos os dados apresentados nesta seção serão extraídos da pesquisa de Paviani (2004), a não ser onde seja indicado.

Do ponto de vista quantitativo, a autora encontra o dativo ético e de interesse, assim como o de posse, com uma presença de destaque nos dados da sua pesquisa. Além disso, outro resultado interessante levantado por Paviani (2004) diz respeito à incidência de alguns verbos no *corpus*, cuja presença favorece o uso do pronome enfático. Assim, a autora apresenta a seguinte tabela com os verbos mais significativos em relação ao dativo de interesse, dativo de posse, dativo ético, tendo como base a quantidade de frases correspondentes a cada caso:

Tabela 1 – Verbos mais representativos dos dativos de interesse, posse e ético

Dativo de interesse	Dativo de posse	Dativo ético
Comprar: 18 vezes	Fazer: 4 vezes	Fazer: 12 vezes
Buscar: 3 vezes	Costurar: 4 vezes	Comer: 7 vezes
Trazer: 3 vezes	Passar: 4 vezes	Sair, chegar: 2 vezes
Dentre 42 ocorrências de dativo de interesse	Dentre 37 ocorrências de dativo de posse	Dentre 52 ocorrências de dativo ético

Fonte: Paviani (2004, p. 74)

Os tipos de verbos classificados são intransitivos, transitivos e de ligação. O clítico *me* de uso enfático é mais empregado com os verbos intransitivos (62%) do que com os transitivos (48%), o que não corresponde ao que descrevem algumas gramáticas tradicionais, visto que a função básica do *me* no português padrão é objeto direto ou indireto. Alguns exemplos desses dados foram expostos pela autora em (11), (12), (13) e (14):

- (11) O mais velho, esse não *me* reza muito.
- (12) Os gurus *me* dormiram até tarde.
- (13) Ele sempre *me* deita tarde.
- (14) Ela já tem três anos e ela não *me* fala ainda.

Utilizando, como exemplo essas frases, a autora exemplifica o uso do clítico *me* como enfático nesses casos, assim, não possuindo função sintática e fazendo parte dos casos do dativo ético. Tendo isso em vista, Paviani (2004) afirma que, a partir da combinação dativo ético e verbo intransitivo, pode-se alçar possivelmente uma justificativa para o elevado índice de frequência do uso do clítico *me* com esse tipo de verbo, dado que o *me* enfático, por não ter função sintática e ser comutável com zero (\emptyset), pode ser usado indiscriminadamente, sem comprometimento com a sintaxe.

Em particular, essa última categorização é um dado importante apresentado na pesquisa, pois evidencia uma característica dialetal da região. O pronome ético *me*, com suas

diversas singularidades, como não possuir função sintática e vir comumente acompanhando um verbo intransitivo, o que é justificável, pois esse tipo de verbo não exige complemento, uma entidade Argumento 2 (A2) ou Argumento 3 (A3).³

A respeito da revisão histórica do pronome *me* nas gramáticas das línguas italiana e portuguesa, Paviani (2004) não traz um estudo exaustivo sobre o pronome, mas apresenta conceitos e discussões que levam à construção das funções e colocações desempenhadas pelo pronome *me*, segundo gramáticas, principalmente, aspectos do caso dativo nas línguas grega e latina. Uma vez que, resíduos do caso dativo ficam especialmente nas formas pronominais e como apontam as gramáticas históricas de Coutinho (1962) e Brandão (1963), os casos perderam a importância e foram substituídos por novas formas gramaticais.

Além disso, Paviani (2004, p.28) aponta que a evolução tardolatina e romance gerou uma mudança geral da morfossintaxe do romance com consequências nos pronomes, algo que resultou na invariabilidade de *nos* e *vos* e no desdobramento de duas formas para *eu* e para *tu*, ou seja, “IO – ME, TU – TE”, mudança que reflete até nos dias de hoje na declinação bicasual para estabelecer a separação sujeito e não-sujeito. Em relação à forma *eu*, as formas que possivelmente podem se reconstruir pela tardolatina são: “EO – DI ME – A ME – COM ME.”.

Ao compreender o desdobramento do pronome *me*, a autora parte para o pressuposto de que o pronome *me*, embora possa ter a função de objeto direto, está predominantemente ligado à função de objeto indireto, correspondendo ao caso dativo da língua latina e grega, a pesquisadora também reforça em seus levantamentos que, para além dessas duas categorizações, como objeto direto e indireto, o pronome *me* também pode exercer uma função reflexiva.

Por outro lado, os estudos das gramáticas da língua portuguesa que se referem ao português do Brasil sempre mostram curiosas observações sobre o uso pronominal. Geralmente, a forma *me* é vista na perspectiva da sintaxe, como objeto direto ou indireto. As gramáticas o definem como pronome átono da primeira pessoa do singular, que serve de complemento do verbo. Nunca deixam de ressaltar a sua função reflexiva: “Eu *me* esqueci”. (PAVIANI, 2004, p. 34.) (grifo nosso)

Adentrando em outro trabalho, podemos citar Bastos-Gee (2004), que também aborda o comportamento do pronome *me*, porém, particularmente, como dativo ético, com o objetivo de fornecer uma estrutura que contemple as propriedades basilares das construções apresentadas e de explicar como surge a restrição da correferência. Nessa investigação, a

³ A2 e A3 são os argumentos selecionados pelo predicador, espaços destinados, geralmente, ao objeto direto ou ao indireto.

autora mostra que os pronomes éticos não podem correferir com elementos referenciais na mesma cláusula no Brasil, como em “O João (**ME*) apresentou-me a Maria para mim!”. (BASTOS-GEE, 2004, p. 01).

Outra pesquisa que pode ser mencionada, é a de Tourinho (2015): nesse texto, a autora busca entender o fenômeno do dativo ético e, para isso, investiga casos em diferentes períodos, buscando traçar um perfil das características desse dativo não argumental no Português Brasileiro, por intermédio de dados de introspecção. Como resultado desse empreendimento, a autora constata que, assim como afirma Paviani (2004), o dativo ético e o dativo de interesse não possuem as mesmas características: o primeiro é não-argumental, não possui papel temático e nem funciona como argumento, sendo também desprovido de qualquer função sintática; já o dativo de interesse pode ser argumental. Para exemplificar essa diferença podemos trazer as seguintes frases, (15) e (16):

(15) O assunto *me* fugiu. (dativo de interesse)

(16) Ele sempre *me* deita tarde. (dativo ético)

Na frase (15), o verbo *fugir* exige um complemento indireto, que é representado pelo *me*, porém não poderíamos simplesmente classificá-lo como objeto indireto sem observar a sua função dativa e colocações já mencionadas por Paviani (2004), uma vez que apresenta sujeito e objeto como sendo não correferenciais, indica o envolvimento do sujeito na ação expressa pelo verbo e poderia ser substituído por para mim, por mim ou de mim.

Além disso, bem como menciona Paviani (2004), encontramos dificuldades em distinguir os limites entre os diversos tipos de dativos, como nesse caso em que temos o dativo de interesse e o dativo ético envolvendo aspectos emocionais e morais, que não se excluem necessariamente. Porém uma maneira de distinguir ambos está nas suas particularidades.

Já na frase (16), o *me*, poderia ser retirado da frase sem prejuízo sintático, o que caracteriza sua função enfática, pois o verbo *deitar*, não exige como argumento o pronome *me*, trata-se de um verbo intransitivo; quem deita, deita em algum lugar e esse lugar poderia ser uma exigência do verbo, ao refletirmos sobre sua valência, mas não teria um destinatário da ação, ou alguém em que a ação influi, além do que o sujeito e o *me* não podem figurar como um lugar.

Para chegar a um conceito para a função do dativo, antes de entrar em questões discursivas, a autora realiza uma comparação entre a gramática latina e a gramática

portuguesa, concluindo considerações similares a de Paviani (2004), de que, com as funções nas orações de objeto da ação verbal e complemento indireto, o pronome funcionará, respectivamente, como caso acusativo e dativo, podendo esse último ser de interesse, ético ou possessivo.

Ao analisar abordagens distintas das mencionadas pesquisas, podemos mencionar a dissertação de Vanderlei (2014), na qual é feita uma reflexão da função textual-discursiva dos pronomes *o(s)*, *a(s)*, *me* e *te*. Neste trabalho, temos uma abordagem do pronome *me* pela perspectiva da transitividade oracional e função prototípica, como objeto direto e indireto, com média a alta transitividade discursiva.

Além disso, a autora observa que, assim como aponta Said Ali (1969), quando o pronome *me* se refere ao próprio sujeito do verbo, ele é considerado um pronome reflexivo, poderíamos dizer que um elemento nominal. Vanderlei (2014) apresenta um quadro de transitividade oracional que é utilizado em sua análise para verificar quais traços são selecionados pelo *me* no relevo do discurso.

Em relação ao relevo do discurso, assim como apontam Hopper e Thompson (1980), temos uma íntima ligação entre esse relevo e a transitividade, uma vez que a figura é o conjunto das sequências narrativas ou dos pontos mais importantes do discurso, já o fundo está relacionado ao que está fora dessas sequências, algo que comenta ou amplia o que está sendo dito ou escrito pelo falante.

Como resultado da pesquisa, verificada a prototipicidade, transitividade oracional e a função textual-discursiva, que envolve o relevo do discurso (figura/fundo), a autora afirma que o pronome *me*, tanto como objeto direto como indireto, participa de contextos médio e alto da transitividade oracional e está presente, nos *corpora*, mais como figurado que fundo, algo que indica sua relevância, já que faz parte da informação mais relevante do texto.

Como objeto indireto, apresenta, em todos os casos, mais de um participante; no aspecto do verbo, a oração está finalizada; a intenção explícita do sujeito é predominante; e a individualização do objeto também. Como pode ser observado nesses excertos (17) e (18) extraídos do trabalho da autora:

(17) – Dormiu, mas ele não *me* tocou.

(18) Eu lhe fiz bem e você *me* fez mal.

Como podemos observar, ao analisar a transitividade oracional, no enunciado (17) e (18) o *me* é objeto indireto, possui mais de um participante em ambos os casos, que são,

respectivamente, *ele*, *me*, *você* e *me*, os verbos *tocar* e *fazer* estão em uma oração que está finalizada, a intenção do sujeito é explícita, como no ato de não tocar e no ato de fazer mal e a individualização do objeto *me* é realizada.

Como objeto direto, em quase todos os casos, tem mais de um participante e, nos outros aspectos, é similar ao do objeto indireto, ao ter uma oração finalizada, intenção explícita do sujeito e um objeto individualizado. Podemos observar também os excertos:

(19) – Vocês são umas faladeiras! Bela *me* tratou muito bem.

(20) Esse rapaz de coragem *me* desencantou e veio atrás de mim.

No excerto (19), temos mais de um participante, *Bela* e *me*, assim como no enunciado (20) *rapaz* e *me*, os verbos *tratar*, *desencantar* e *vir* estão em orações com atos finalizados, a intenção do sujeito está explícita como no ato de Bela tratar bem e o rapaz desencantar e ir atrás dela e a individualização do objeto *me* é realizada.

Ademais, podemos citar Lacerda, Farias e Matos (2021), que objetivaram ampliar os estudos sobre o comportamento do *me*, e, para isso, fizeram uso das proposições de Vanderlei (2014). Os pesquisadores chegam às mesmas colocações que a autora, porém acrescentam uma discussão sobre o *me* como uma partícula discursiva: “Aí fiz, *me* saí muito bem, cumpri meu papel, agradei o professor, né, fiz tudo direitinho.” (LACERDA; FARIAS; MATOS, 2021, p. 229). Nessa ocorrência, o pronome surge mais para marcar o papel do sujeito do que da ação verbal, pois o verbo não precisa dele para se configurar sintaticamente, mas, no nível semântico pragmático, é necessário para evocar o ambiente em que a mudança de estado está acontecendo e informar que sujeito da cena está relacionado ao papel de paciente.

Os autores têm como foco entender essa questão, já que, como eles observam, quando o pronome ocorre com verbos pronominais, *sair* e *lembrar*, o *me* ocupa uma função alusivamente sintática, algo que faz com que ele desempenhe um papel que sai do âmbito sintático para o lugar discursivo. Como resultado dessa análise, os pesquisadores concluíram que o comportamento do *me* depende da situação de uso e pode desempenhar outras funções não previstas em um cunho mais tradicionalista, que não observam os aspectos discursivos.

Em suma, existem outros trabalhos com a classificação dos pronomes, como Tekavcic (1980), Carvalho (2008), Carvalho e Brito (2018), porém, eles não adentram nas particularidades do clítico *me* e nem aplicam as teorias da gramática da valência para compreender o porquê do comportamento do *me* como dativo, algo que traz uma problemática sobre o pronome ser ou não enfático. Já que, a solução pode estar nas exigências da

predicação verbal, visto que consideramos o verbo como o núcleo da frase e também observamos questões discursivas, para além do campo do verbo.

Paviani (2004) analisa os verbos, mas não se aprofunda nas questões de previsibilidade valencial, Vanderlei (2014) e Lacerda, Farias e Matos (2021) investigam a transitividade oracional, mas voltando seu olhar para a prototipicidade: o *me* como objeto direto ou indireto e como partícula discursiva.

Dessa forma, nos inspiramos nesses trabalhos e buscamos contribuir com os estudos sobre o comportamento do *me*, diferenciando nosso trabalho dessas discussões mencionadas, ao adentrar na valência do verbo e observar quando o pronome foge dessa previsibilidade valencial. Partimos para questões abordadas no campo do funcionalismo, ao defender que a frase é uma parte do enunciado que representa uma totalidade; uma experiência na qual todos os elementos são essenciais ao trazerem significações. Dito isso, buscamos unir a teoria da gramática das valências às funções assumidas pelo pronome *me*, analisados dentro do quadro de transitividade defendida no funcionalismo e da previsibilidade valencial.

Dialogando com o que é apontado nos trabalhos mencionados e adentrando na gramática de valências podemos mencionar alguns trabalhos que tem como foco entender as relações estabelecidas nas orações por intermédio dos argumentos da gramática de valência.

Em vista disso, podemos pontar que Welker (2005), faz o percurso histórico da Gramática de Valências no Brasil, que, segundo o autor, faz parte da Gramática de Dependências do linguista francês Lucien Tesnière (1959). Vale salientar que o autor tem como intuito apenas abordar os diferentes tipos de valências nos dicionários e sua utilidade, mas valemo-nos dos conceitos e informações fornecidas.

Com isso em mente, voltamos aos pressupostos da gramática de valências. Esse conceito foi pela primeira vez abordado no Brasil, em 1990, por intermédio de um dicionário de verbos de Borba (1990) que, posteriormente, transformou-se em um dicionário geral do mesmo autor em 2002. Escritor também organizou o primeiro livro no Brasil sobre a gramática da valências, em 1996.

Consoante o autor, a gramática de valências perpassa o emprego da valência lógica, semântica, sintática, pragmática e sintático-semântica. Na lógica, tivemos a primeira utilização do termo *argumento*, uma abordagem que se ocupa em alçar o número de argumentos que o predicador possui em relação ao seu significado, em questões mais quantitativas, tanto que, nessa abordagem, são apresentados os representantes dos argumentos são X, Y e Z.

Na Valência semântica, como apontado por Welker (2005), citando Borba (1996), temos a apresentação das propriedades semânticas dos predicados e seus traços subcategorizados. Porém, outros pesquisadores e, posteriormente, o próprio Borba pontuam que a semântica discutida na gramática de valências estaria mais ligada às estruturas conceituais e aos papéis temáticos.

O papel temático torna-se muito importante para esse segmento da semântica, pois, nele, são estabelecidos os casos profundos, nos quais, independentemente do idioma, o falante, que tem conhecimento desses casos, consegue estabelecer as relações do verbo, como no exemplo do verbo *comprar*, que implica o comprador (agente) e objeto comprado (objetivo ou acusativo).

A valência sintática diz respeito aos actantes que o verbo exige na superfície e qual é a forma ou função desempenhada pelos complementos (objeto direto, objeto indireto, adjunto, complemento oracional etc.). Uma problemática levantada nesse ponto diz respeito a quais complementos são realmente imprescindíveis para o verbo, já que não existe unanimidade e isso depende muito da significação que o predicador traz.

Segundo Welker (2005), na valência pragmática, as questões extralinguísticas que podem motivar a variação na valência são abordadas, existindo casos em que pode aumentar a valência verbal ou mesmo facultar actantes, os chamados obrigatórios relativos, como, por exemplo, na frase “Ele sabe presentear”, em que temos a ocultação do objeto direto do verbo “presentear”. Para mais, temos a valência sintático-semântica, que é similar à semântica, mas, além da categoria semântica que pertence aos actantes, aborda também as restrições seletivas, como na posição de A1 do verbo *amar*, que só pode figurar um argumento [+animado].

Na gramática de Valência, temos os Constituintes Imediatos (IC), que englobam o nome (N), sintagma nominal (SN), verbo (V), sintagma verbal (SV), entre outros, em uma relação de hierarquia e dependência (co)ocorrências, quando os argumentos estão interligados ao predicador ou não. Nesse último caso, da dependência, temos a constituição da Gramática de valências, que se finca nas relações de dependência estabelecidas pelo verbo como núcleo da frase.

Além disso, para discorrer sobre a gramática de valências, recorreremos à dissertação de Ribeiro (2007), para abordar alguns de seus aspectos na falta de acesso aos materiais originais que discorrem sobre essa teoria, como a Gramática de Valências, de Busse (1986), Gramática de Valências: teoria e aplicação, de Vilela (1992) e Gramática da Língua Portuguesa, de Vilela e Koch (2001) *apud* Ribeiro (2007).

Tendo isso em vista, partimos do pressuposto de que a teoria de valências nos auxilia a classificar a multifuncionalidade do clítico *me* e determinar suas funções sintáticas e discursivas, uma vez que aborda o verbo como aquele que determina o número de lugares vazios que podem existir dentro de uma sentença; os argumentos do predador.

Também levamos em consideração as colocações de Perini (2007), que discute a importância de analisarmos as funções sintáticas, observando que a função sintática, em si, não tem utilidade nenhuma ao colocá-la como aquela que permite estabelecer o relacionamento entre forma e significado. O autor usa, a título de ilustração, a seguinte frase: “O cachorro *me* mordeu”. Nela é discutido o conceito de sujeito, que implica atribuições de papéis temáticos aos sintagmas nominais da oração, concordância verbal e a distribuição do pronome *eu* em contraste ao *me*.

Para isso, Perini (2007) afirma que seria preferível lançar mão de conceitos abstratos entre um sintagma nominal e o verbo, já que o fenômeno em si é necessário em si mesmo. Temos a noção e interpretação de que o cachorro é o agente na correlação desse sintagma com a terminação do verbo, e o *me* é o paciente. À vista disso, para além da análise sintática, buscamos compreender as situações semânticas imbricadas na sintaxe.

Segundo Ribeiro (2007), outro ponto importante que temos que observar na valência e do ponto de vista semântico, são os traços sêmicos possíveis do actante, como no exemplo “Maria come bolo”. O predador *comer* é bivalente, assim exige dois argumentos actantes, o sujeito A1 tem que possuir traços [+animado], pois, caso fosse uma entidade [-animada], como “A porta come bolo”, não seria possível, em um sentido denotativo, uma vez que, o espaço de A1 deve pertencer a um elemento [+animado].

Somando-se a isso, o conceito de valência está relacionado exatamente aos espaços que o verbo seleciona esse espaço argumental, pois, caso não seja selecionado pelo verbo, é circundante. Porém, existe uma problemática intrínseca a isso, por exemplo, ao citarmos a frase “Ela colocou o livro na mesa”; como adjunto de lugar, *mesa* seria considerado um elemento acessório, um espaço que não é exigido pelo verbo colocar, uma localização. Todavia, como é um espaço previsto pela valência do verbo, torna-se um actante [-humano]; mesmo sendo um adjunto de lugar, torna-se um elemento não acessório, um argumento.

Para elucidar a questão das valências, podemos mostrar o exemplo do verbo *dar*, que exige três lugares em uma sentença. Como *X dar Y a Z*. Esses espaços poderiam ser tanto argumentos do verbo, ou seja, actantes, quanto não previstos pela valência do verbo, os circundantes. Mas, nesse caso, todos os três elementos são actantes, aquele que dá, o objeto dado e o destinatário, como em “Joana *me* deu um bolo da padaria”: Joana (Dador ou A1), *dar*

(predicador), um bolo (objeto ou entidade A2), *me* (destinatário ou A3) e da padaria (elemento circundante), já que não é previsto. O nosso objeto de pesquisa dentro dessa frase poderia ser observado como objeto indireto, um elemento que é não correferencial com o sujeito, mas é destinatário da ação verbal.

Dessa maneira, temos em vista que nem todos os adjuntos podem ser classificados como circundantes, só serão quando não ocuparem um espaço exigido pelo predicador, como pode ser observado com o verbo *comprar*, um predicador bivalente, “João comprou um sorvete na esquina”, temos dois actantes: João (A1) e um sorvete (A2) e o local (na esquina) que não é um argumento exigido pelo verbo, é um circundante, o que corrobora com a assertiva mencionada, que orienta a previsão de que o argumento é a valência verbal, não sua categoria gramatical.

Em relação ao papel das valências, podemos citar as colocações de Perini (2007, p. 79), ao afirmar que a atribuição dos papéis temáticos é dependente, relativamente à classe do verbo, dentre as quais temos: transitiva, construção em que a oração tem sujeito agente e outro sintagma como paciente, “(Sujeito-Agente) + verbo + sufixo de PN-Agente + SN-Paciente”); e ergativa, quando o sujeito não é agente, mas paciente “(Sujeito-Paciente) + verbo + sufixo de PN-Agente + SN-Paciente”’. Como podemos observar nas frases a seguir:

Construção transitiva: João esquentou a água. (João-Agente) + esquentar + (A água-Paciente).

Construção ergativa: A água esquentou. (A água, Sujeito-Paciente) + esquentar.

O autor afirma que a associação entre os verbos e sua disposição, ou melhor, diátese, constitui sua valência e é um conhecimento dominado pelo usuário da língua. Dessa forma, os verbos são classificados segundo a sua valência, o verbo *dizer*, por exemplo, exige um Sujeito-Agente, mas o verbo *esquentar*, como pode ser observado nos exemplos, pode ter sua diátese tanto transitiva quanto ergativa, isso dependerá das circunstâncias pragmáticas. Cada uma das construções apresentadas é uma diástase desse verbo e o conjunto de todas as diástases de um verbo é a sua valência.

Para além disso, dentre as possibilidades de valência, temos os predicadores: (a) monovalentes, que selecionam um argumento; (b) bivalentes, que exigem dois argumentos; (c) trivalentes, três argumentos; (d) avalentes, sem argumentos e (e) tetravalentes, quatro argumentos. Pensando na quantidade estabelecida de argumentos que o verbo pode selecionar, observamos que, segundo Rodrigues (2007), a gramática de valência postula a existência de

uma estrutura de relação do verbo, porém, afirma que nem sempre essa estrutura é invariável, pois ela pode se adaptar à situação discursiva e a significação do predicador como demonstramos no parágrafo anterior.

Ainda segundo o autor, partir da valência do verbo implica a afirmativa da previsibilidade valencial, uma vez que o predicador encerra uma estrutura relacional, que pode ser adaptável ao contexto, mas significa um estado-de-coisas acabado, um fato que já é suficiente para a comunicação do pensamento. Isso não significa que essa estrutura não possa ser acrescida por um adjunto, no entanto, como com o verbo *telefonar* em “João telefonou para o escritório.”, observamos que o adjunto não é previsto pela valência do verbo, uma vez que se trata de um predicador bivalente (X telefona Y), que só pede em sua relação A1 (telefonador) e A2 (Destinatário). Porém, um elemento circundante é possível, como em “João telefonou, apressadamente, para o escritório” e não altera as relações estabelecidas. Por mais que não seja prevista pela valência, essa estrutura pode ser ampliada e seu conteúdo adentrará em questões discursivas, abarcando mais significações.

Segundo Neves (2000), o estado-de-coisas é verificado nos enunciados que são realizados por meio de uma seleção feita pelo verbo. Nela, o falante organiza o texto de uma forma que expresse o conteúdo ideacional que ele quer transmitir em peças de informações devidamente distribuídas para que esteja garantida a troca linguística nos atos em que ela se constitui na fala. Essas informações são aquelas que determinam a ordem linear dos sintagmas e a escolha da predicação, por meio da escolha da natureza do predicado e seleção dos argumentos.

Em suma, a gramática de valência estabelece a previsibilidade valencial, na qual o predicador determina a quantidade e quais serão seus argumentos, juntamente com o valor, seja ele actante, quando é previsto, ou circundante, elemento que não é previsto. Lembrando que a categoria gramática do elemento não é o que determina se é actante ou circundante, mas sim, a exigência do verbo, que, para sua completa significação, necessita do preenchimento do espaço argumental, que pode ter tanto de traços [+humanos] quanto [-humanos]. Em razão disso, a utilizamos em nossa pesquisa, para compreender, principalmente, a valência verbal dos contextos em que o *me* é uma partícula discursiva, um elemento não argumental.

Tendo em conta a nossa metodologia, no capítulo a seguir, descrevemos como as gramáticas selecionadas nesse trabalho abarcam o comportamento do pronome *me* e quais classificações são utilizadas.

No próximo capítulo, discorreremos sobre a fundamentação teórico-metodológica da nossa pesquisa, com o intuito de entrelaçar os nossos objetivos ao material teórico estudado.

3 COMO AS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS E GRAMÁTICAS DESCRITIVAS CLASSIFICAM O PRONOME ‘ME’

Para compreender como as gramáticas tradicionais e descritivas apresentam a classificação e categorização do clítico *me*, ao refletirmos sobre sua complexidade, realizamos uma análise de como esse pronome é colocado, seus conceitos e implicações nas gramáticas normativas: Bechara (2009), Cegalla (2008), e Cunha e Cintra (2017). E nas descritivas: Azeredo (2000), Neves (2000) e Perini (2017). Levando em consideração que, muitas vezes, na gramática, temos a construção dos conceitos por meio da semântica, sem olhar para os traços formais e vice-versa.

Entendemos que a gramática normativa tem como modelo teórico o ensino da língua nas escolas, analisa a linguagem associando linguagem e lógica, apresentando normas e padrões. Já a gramática descritiva, tem a preocupação de descrever a língua observando o uso atestado entre os falantes.

Além disso, ao compararmos esses estudos com a investigação funcionalista que empreendemos nesta pesquisa, entendemos que, para além de buscar entender a estrutura gramática dos enunciados com o pronome *me* e compreender suas classificações, buscamos descrever esse pronome em situações discursivas que se verificam na interação sociocomunicativa.

Ao ter isso em vista, podemos apontar que na gramática tradicional de Bechara (2009), o pronome *me* é classificado dentro da categoria dos pronomes pessoais, conceituado como pronome pessoal oblíquo, classe que indica que esse pronome está ligado semanticamente a um determinado pronome pessoal do caso reto, especificamente, o pronome *eu*. O pronome *me* desempenha a função de complemento e é apresentado como átono, como pode ser visto na tabela a seguir:

Tabela 2 – Pronomes pessoais oblíquos

PRONOMES PESSOAIS RETOS		PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
		Átonos (sem prep)	Tônicos (c/ prep)
SINGULAR	EU	<i>Me</i>	Mim
	TU	Te	Ti
	ELE, ELA	Lhe, o, a, se	Ele, ela, si
PLURAL	NÓS	Nos	Nós
	VÓS	Vos	Vós
	ELES, ELAS	Lhes, as, os, se	Eles, elas, si

Fonte: Bechara (2009, p. 139)

Para, além disso, o autor afirma que, geralmente, no português, quando usamos os pronomes sujeitos *eu*, *tu*, *nós* e *vós*, esses são omitidos ao usarmos os oblíquos, como em “se

não *me* engano [...]” (exemplo nosso). Também é apresentada a possibilidade do clítico *me* ser um pronome oblíquo reflexivo, como no exemplo “eu *me* vesti rapidamente”, afirmando que, de maneira geral, esse pronome português desempenha a função de objeto direto. Veja-se: “dou-*me* (obj. direto) ao trabalho (obj. indireto) de fazer”. Já em outras línguas, como o francês e espanhol, esse pronome aparece como objeto indireto “je me donnela peine de lefaire; me doy el trabajo de hacerlo.” (BECHARA, 2009, p. 151).

Para mais, além das funções mencionadas (objeto direto, objeto indireto e da reflexiva), o autor aborda os chamados “dativos livres”, que não se encaixam nos objetos indiretos, uma vez que não estão diretamente ligados ao predicado. Dentre esses termos, temos os dativos *de interesse*, *ético*, *posse* e *opinião*. Elementos que não são selecionados pelo verbo e, devido a isso, têm um notável valor discursivo. Dentre os quais, podemos encontrar o nosso objeto de estudo contemplando algumas dessas funções, como:

Dativo de interesse: que indica, de forma secundária, aquele que aproveita ou predica a ação verbal.

(32) Não *me* faça isso, mulher.

Dativo ético: considerado uma variedade do dativo de interesse, indica aquele que o falante tenta conseguir a benevolência para realizar um desejo.

(33) Não *me* mexam na comida.

Dativo de posse: indica o possuidor.

(34) Ele *me* critica as comidas.

Cegalla (2008) também afirma que o clítico *me* é um pronome pessoal e oblíquo, funcionando como objeto ou complemento. O autor só aborda o pronome investigado como objeto direto, indireto e com função reflexiva, não abarca os conceitos de dativos, como Bechara (2009) apontou.

Em Cunha e Cintra (2017), o pronome *me* é classificado dentro do quadro dos pronomes oblíquos e, assim como nas gramáticas mencionadas, abarca as funções de objeto direto, objeto indireto e reflexiva, considerando que os autores definem o objeto indireto como aquele que exige um complemento preposicionado. Além disso, também apresenta o conceito de pronome de interesse, colocado como aquele que não desempenha função sintática, um recurso expressivo com o qual a pessoa que fala mostra seu interesse no

cumprimento da ordem emitida. O autor afirma que, por vezes, esse clítico é chamado de *dativo ético* ou *de proveito*.

Somando-se a isso, Cunha e Cintra (2017) explanam que o pronome *me* pode ser um complemento de verbos de regência distinta, ou seja, de diferentes verbos, porém deve desempenhar uma função idêntica à regência de cada verbo, como na frase “só Roberto *me* viu e cumprimentou”. Nela, ambos os predicados (*ver* e *cumprimentar*) pedem um objeto direto. Mas, caso sejam verbos de regência divergente, já não é possível, como em “só Roberto *me* viu e deu as contas”, já que *ver* pede um objeto direto e *dar* pede um objeto indireto. Isso poderia ser consertado com a repetição do pronome *me* para cada verbo: “só Roberto *me* viu e *me* deu as costas.” (CUNHA E CINTRA, 2017, p. 318).

Adentrando nas gramáticas descritivas, em Perini (2017), o clítico *me* é explicado com as funções de objeto direto e indireto, sua possível função reflexiva não é mencionada e também os dativos não são abordados. Já na gramática contemporânea de Neves (2000), o clítico *me* é caracterizado como um pronome pessoal que pode desempenhar funções intencionais, textuais e explicar a natureza temática do referente, como também tem a competência de indicar de maneira pura a pessoa gramatical, o que difere de alguns outros pronomes, como os possessivos e demonstrativos. O clítico analisado é apresentado como uma forma oblíqua átona, que pode ser reflexiva ou não.

A autora afirma que, no pronome pessoal na forma reflexiva, o sujeito e complemento são correferenciais e, ao não serem reflexivas, entram nas classificações de objeto direto e indireto. Neves (2000) afirma ainda que os pronomes pessoais átonos reflexivos possuem a mesma forma tanto para objeto direto como indireto, existindo também a possibilidade de esse pronome ocorrer como sujeito, nos casos em que o sujeito da oração infinita, como objeto direto do verbo, vem com o pronome átono se colocando como clítico: “deixe-*me* falar-lhe da minha felicidade. (= deixe que eu fale).” (NEVES, 2000, p. 449).

Além disso, a autora pontua que, em um uso mais restrito, como literário ou formal, o pronome oblíquo átono pode ser contraído com um oblíquo átono não reflexivo de terceira pessoa, como em “Mostrou-*mo*.” Assim como pode apresentar-se reforçado por um oblíquo tônico da mesma pessoa, fenômeno que recebe a nomenclatura de pleonasma do objeto, ou também chamado de redobro, seja direto ou indireto: “A mim essa prova só *me* traz mais tristeza”. (exemplo nosso).

Tanto Neves (2000) quanto Perini (2017) não abarcam os conceitos de dativo de posse e dativo ético que são dados ao pronome *me*, porém é nítida a diferença entre essas gramáticas descritivas das gramáticas tradicionais, uma vez que, nas descritivas temos uma preocupação

com as funções desempenhadas pelos elementos investigados, indo para além do conceito e adentrando nas situações de uso real, que são padronizadas, até mesmo as variações seguem padrões, pois a língua é um sistema vivo e interligado a padrões. Azeredo (2000) discorre a respeito do pronome *me* somente com a função de objeto direto e indireto. Diferentemente das outras gramáticas analisadas, não chega a comentar a função reflexiva.

Ao analisarmos esse breve compilado de gramáticas, entre tradicionais e descritivas, conseguimos construir a seguinte tabela, que apresenta as funções sintáticas destacadas nas gramáticas para o pronome oblíquo átono ou tônico *me*:

Tabela 3 – A função sintática do pronome *me* em gramáticas

Autor	Pronome	Função sintática
Neves (2000)	Pronome átono	oblíquo Objeto direto, objeto indireto e reflexiva
Azeredo (2000)	Pronome átono	oblíquo Objeto direto ou objeto indireto
Cegalla (2008)	Pronome átono	oblíquo Objeto direto, objeto indireto e reflexiva
Bechara (2009)	Pronome átono	oblíquo Objeto direto, objeto indireto, reflexiva e dativo de posse, ético e interesse
Cunha e Cintra (2017)	Pronome oblíquo	Objeto direto, objeto indireto, reflexiva e interesse
Perini (2017)	Pronome oblíquo	Objeto direto ou objeto indireto

Fonte: a autora

Em suma, constatamos que, em todas as gramáticas, o clítico *me* está presente na categoria dos pronomes pessoais oblíquos átonos, mas, Cunha e Cintra (2017) e Perini não fazem menção ao átono, com a possibilidade de desempenhar a função de objeto direto, indireto e reflexiva. Apenas em Perini (2017) e Azeredo (2000), a função reflexiva não é mencionada. Para, além disso, em Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2017), é adicionada a função de dativo de interesse, juntamente com suas implicações, por mais que os autores categorizem esse caso com conceitos e características diferentes, uma vez, Cunha e Cintra (2017) abordam o dativo dentro de uma só categorização, sem mencionar suas ramificações. Bechara (2009) também apresenta mais duas categorias de dativo: ético e posse, uma análise observando as questões discursivas, bem como admitindo a possibilidade de tonicidade do *me*.

3.1 A sintaxe de colocação dos pronomes clíticos do português brasileiro

Com o intuito de compreender a colocação pronominal, abordamos o trabalho de Martins (2012), que desenvolve estudos teóricos com resultados diacrônicos e quantitativos, os quais objetivam descrever a sintaxe de colocação dos pronomes clíticos do Português

Brasileiro no decorrer dos séculos. Na pesquisa do autor, sobre a colocação pronominal dos clíticos, são usadas amostras para análise do fenômeno estudado que foram extraídas de textos escritos por brasileiros nascidos no estado de Santa Catarina, no Sul do Brasil, nos séculos XIX e XX.

O autor afirma que muitos estudos diacrônicos a respeito da sintaxe de ordenação dos clíticos em português foram desenvolvidos e encontraram resultados significativos, como os seguintes: Pagotto (1992, 1993, 1998); Lobo (1992); Martins (1994); Torres Morais (1995); Cyrino (1997); Galves (2001); Paixão De Sousa (2004); Galves; Torres Morais; Ribeiro (2005); Galves; Britto; Paixão De Sousa (2005); Carneiro (2005); Martins (2009).

Por meio dessas pesquisas, diferentes padrões empíricos foram encontrados e refletem mudanças sintáticas na ordenação dos clíticos em diversas gramáticas do português no curso dos séculos, partindo do pressuposto de que a mudança linguística, segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006), está interligada à mudança gramatical em duas variedades contemporâneas do português: o Português Europeu, doravante PE, e o Português Brasileiro, PB.

Segundo Nascimento (2019), citando Martins (2012), é constatado na investigação desse autor alguns fatos interessantes sobre a colocação dos clíticos e afirmações sobre os padrões empíricos de ordenação dos clíticos que refletem um período de mudança sintática, que pode ser interpretado como a competição entre três gramáticas do português: Português Clássico (PC), PB e PE.

Além disso, constata, de forma geral, que na diacronia do português, em orações finitas não dependentes com verbos simples, os contextos categórico-majoritários são de próclise ou ênclise e contextos de variação próclise/ênclise. Ressaltando que o autor faz o seguinte levantamento sobre esses três contextos, a partir da sua pesquisa:

(i) A próclise é o padrão em orações com operadores de negação predicativa; em orações iniciadas por quantificadores, por certos advérbios ou por constituintes que estão focalizados de forma expressa. A próclise nesses contextos é o padrão de ordenação em textos escritos em toda a história do português, mais precisamente entre os séculos XIII e XX. Salientando que, ao se referir à próclise como padrão de ordenação nesses ambientes, não é descartada a possibilidade de que ocorrências com ênclise sejam atestadas, levando em consideração que há registros na literatura de casos de ênclise. Porém, esses casos são isolados e não marcam ou delimitam o padrão em um número significativo de escritos em uma determinada época, dessa forma, não podem caracterizar uma gramática específica do português.

(ii) **A ênclise é o padrão** em casos nos quais o verbo ocupa, precisamente, a primeira posição absoluta da estrutura da oração, em textos dos séculos XIII ao XIX e em textos portugueses do século XX. A próclise nesse contexto é atestada na diacronia do português. Somente em textos brasileiros dos séculos XIX e XX, a próclise é atestada seguramente, o que posiciona a próclise como uma característica inovadora da gramática do PB.

(iii) **Há variação próclise/ênclise:** isso acontece em orações finitas não dependentes, ou seja, neutras, precisamente em orações finitas por sujeitos não focalizados, advérbios não modais e sintagmas preposicionais. A variação nos padrões de ordenação do clítico nesses contextos é objeto de estudo de muitas pesquisas. Em textos dos séculos XIII até o século XX, investigações que estudam os diversos estágios gramaticais do português no curso dos 12 séculos. Em textos dos séculos XIII até o XVI, na gramática do PA (Português Antigo), a ênclise é recorrente e um aumento progressivo da próclise é registrado. Em textos dos séculos XVI e XVIII, na gramática do PC, a próclise é majoritária; em textos portugueses dos séculos XVIII e XIX, há variação próclise/ênclise, com aumento progressivo de ênclise em PE; em textos brasileiros, durante os séculos XVIII até o século XX, há variação próclise/ênclise, com aumento progressivo da próclise: em PB, a próclise é o padrão de ordenação nesses e demais contextos, embora a ênclise seja bastante recorrente em textos escritos, por influência do padrão enclítico do PE.

Em suma, tendo como base seus estudos diacrônicos do português na escrita de brasileiros nascidos nos séculos XIX e XX, Nascimento (2019), mencionado Martins (2012), afirma que o pesquisador encontra, de um lado, no que tange aos contextos de próclise categórico-majoritária, alçados no ponto (i) acima, predominantemente, próclise. Por outro lado, o autor não encontra ênclise categórica, como a descrita no ponto (ii), já que há um aumento progressivo de próclise nos textos brasileiros analisados. A respeito da variação próclise/ênclise, o autor discorre que há resultados interessantes, que apresentam um aumento significativo das taxas de próclise.

Vale salientar, que a autora Paviani (2004) também alça informações sobre a colocação dos clíticos, porém, de modo específico, em relação ao pronome *me*, levantando a afirmativa de que o estudo realizado pela autora mostra o uso maciço da próclise, o que corrobora com o que dizem os gramáticos da língua portuguesa sobre a próclise como uma tendência do PB: Sail Ali (1966), por exemplo, fala-nos da tendência da colocação no Brasil. Mattoso Câmara Jr. (1968), por sua vez, comenta que a próclise, por uma questão fonética, “dá mais relevo ao pronome [...]”. Em se tratando da oralidade da língua, os casos de próclise vão além dos prescritos pela norma geral do idioma. Parece-nos que é isso o que realmente acontece com o

pronome me proclítico. As posições desses autores são reforçadas por José L. Monteiro (1988), que diz ser “nítida entre nós a tendência para o emprego proclítico dos pronomes átonos [...]”. O uso da próclise, como uma regra geral, fica, pois, por nós registrado, embora não seja isso o tema de nosso estudo. (PAVIANI, 2004. p. 75)

Dessa maneira, ambos os autores apontados abarcam, amparados nos dados de suas pesquisas, informações de gramáticos e estudos sobre a colocação pronominal, questões relevantes sobre a predileção e tendência do uso da próclise, que vem progredindo nos séculos XIX e XX no PB.

No próximo capítulo, discorreremos sobre a fundamentação teórico-metodológica da nossa pesquisa, com o intuito de entrelaçar os nossos objetivos ao material teórico estudado.

4 O FUNCIONALISMO: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Adotando a perspectiva da teoria sistêmico-funcional, a língua é compreendida como uma rede sistêmico-funcional, na qual, o evento comunicativo é imprescindível para analisarmos o contexto comunicativo e compreendermos o uso da língua, com as possíveis funções, como: ideacional, experiencial e lógica, interpessoal, de papéis sociais e textuais e instrumental. O objetivo precípua dessa abordagem é chegar até explicações que explicitem a gramática das línguas naturais em sua estrutura linguística, estudada nos componentes sintáticos, semânticos e pragmáticos.

É importante salientar que, apesar de optarmos por essa perspectiva para o embasamento deste trabalho, não refutamos outras perspectivas, pois acreditamos que existem diversas abordagens e pontos de partida distintos, não só na Linguística, mas em diversas outras áreas do conhecimento científico. Assim, acreditamos que não existe uma teoria melhor do que a outra, mas sim posições diferentes, objetos vistos e construídos por colocações diversas, sob olhares plurais. Essa diversidade de pensamento é característica no campo da linguística e perpassam embates que são iminentes a sua construção.

Corroborando com essa assertiva, o trabalho de Kato (1998), ao observar que a língua é significante e significado e, dependendo do pressuposto metodológico, esse pressuposto não vai mudar, ao unir abordagens distintas, como formalistas e funcionalistas, é possível chegar a descobertas interessantes, como ocorreu em seu trabalho com Castilho (1992), em que uniram forças para estudar a ideia funcionalista, em relação à derivação estrutural de que os advérbios modalizadores seriam um tipo de hiper-predicadores.

Por esse motivo, adotamos o modelo funcionalista, uma teoria que trabalha com dados utilizados como evidência empírica, na busca por descrever o uso do clítico *me* e as funções que ele assume nos *corpora*. Posto que, segundo Cunha (2020), essa teoria tem a preocupação de analisar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diversos contextos nos quais elas estão inseridas, entende-se que o modelo apresenta laços com pesquisas que abordam a relação entre linguagem e sociedade.

Ainda segundo a autora, a preocupação dessa teoria está para além das questões gramaticais, uma vez que considera o evento comunicativo que envolve falante, algo dito e ouvido. Dessa forma, essa abordagem almeja interpretar as consistências presentes no uso interativo da língua e, para isso, analisa as condições do discurso. Um exemplo que pode evidenciar essa afirmativa são os exemplos (21) e (22):

(21) Você é um chato.

(22) Chato é você.

Como afirma Cunha (2020), essas frases não poderiam ser analisadas somente a partir do viés sintagmático sem ocorrer o prejuízo da interpretação, já que, para explicar a diferença entre essas duas construções, seria necessário compreender o porquê de o falante da frase (21) escolher essa construção e não a (22). Indo para o contexto, podemos afirmar que a frase (21) é uma afirmativa, já a frase (22) é uma réplica, fruto de uma discussão anterior. Dessa maneira, não poderia ter sido escolhida pelo falante da construção (22). Essa exemplificação é utilizada para entendermos qual o propósito da análise funcionalista, que recorre ao contexto de uso, o qual pode motivar diversas estruturas sintáticas.

À vista disso, Cunha (2020) postula que podemos alçar duas propostas basilares, que fazem parte da essência da análise linguística funcional: a língua realiza funcionalidades que são externas ao sistema linguístico e essas funcionalidades exteriores influem sobre a sistematização interna do sistema da língua. Assim, a língua não é considerada um conhecimento autônomo, mas sim condicionada ao comportamento comunicativo.

No percurso histórico das abordagens funcionalistas comumente nos deparamos com uma divisão realizada a partir do grau de condicionamento do sistema linguístico aos fatores externos. Em um primeiro momento, temos o mais radical, aquele que afirma que não existe o nível estrutural da sintaxe, dado que a língua pode ser estudada somente por meio dos eventos comunicativos. Em um segundo momento, nos depararmos com o grau moderado, esse modelo adota uma junção entre forma e função, considerando que as funções externas e a organização formal podem coexistir. Podemos destacar os trabalhos de Dik e Halliday (2004) que adotaram essa última postura, como veremos no próximo subcapítulo.

4.1 Conceitos de frase e transitividade na teoria funcionalista

Importa considerar que, em nosso estudo, partimos dos pressupostos defendidos por Halliday e Matthiessen (2014) para abarcar os conceitos de frase e transitividade, em razão de acreditarmos que essa abordagem condiz com a análise que empreendemos e se alinha às relações investigadas na gramática de valência, estabelecendo um diálogo pertinente para a pesquisa descritiva dos usos do clítico *me*.

Em vista disso, Modesto (2006) discorre sobre quais seriam as abordagens de Halliday e Dik (2004), afirmando que Halliday é quem propõe a teoria funcionalista sistêmica, no intuito de compreender como o falante escolhe ou seleciona os itens que estão disponíveis na

língua para construir seu enunciado. Dessa maneira, implica que o uso é considerado e relevante para essa escolha, sendo a língua um sistema para produzir significações, que estão no nível pragmático, e as cadeias de relações, no nível sintagmático. Vale salientar que uma das contribuições dessa teoria é o acréscimo do nível pragmático aos estudos dos níveis linguísticos.

Em Halliday e Matthiessen (2014), temos a elaboração de um levantamento de quais seriam essas cadeias de relações. Levando em consideração que cada língua acomoda em sua gramática alguma construção sistemática de processos relacionais, os autores mencionam a da língua inglesa, na qual as relações basilares da sua transitividade são intensivas, possessivas e circunstanciais.

Modesto (2006), citando Dik (1989), afirma que quem adota uma postura de estudar as línguas naturais investigando como o usuário seleciona e infere no sistema linguístico faz uma abordagem funcionalista. Segundo o autor, Dik (1989) postula que temos várias competências envolvidas no processo comunicativo, que estão além das competências linguísticas, como capacidades epistêmicas, lógicas e sociais.

Ainda, o autor defende que utilizamos dois tipos de sistemas de regras: aqueles que regem as expressões linguísticas, semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas, e os que comandam os padrões de interação verbais nos quais essas expressões são utilizadas, a pragmática. Além disso, o paradigma funcional se ocupa em apresentar um quadro geral desse sistema pragmático.

O conceito de transitividade que, nas gramáticas tradicionais, muitas vezes é analisado em frases isoladas, como em Said Ali (1969), que aborda o conceito de transitividade dentro dos verbos nocionais, que são aqueles que têm função predicativa. Esses dividem-se em transitivos e intransitivos, respectivamente, que se completam com um substantivo e que não necessitam de outro termo, consta no exemplo: “Maria veio *me* trazer comida”. Nesse caso, analisando sob o viés dessa perspectiva, o predicador *trazer* exige, em sua transitividade, objeto direto.

Tendo isso em vista, Fuzer e Cabral (2014) realizam um levantamento sobre quais são as categorias semânticas que utilizamos para significar o mundo, de um ponto de vista da semiótica. Partem da semiologia, que estuda a comunicação por signos, os sistemas fechados. As autoras apresentam os componentes da oração e a associação à perspectiva da gramática sistêmico funcional:

Tabela 4 – Categorias semânticas selecionadas na oração

Categorias semânticas	Conceito	Gramática tradicional
Processo	É o elemento central da oração, que indica a experiência se desdobrando por intermédio do tempo.	Verbos
Participantes	As entidades envolvidas no processo e afetadas por ele.	Substantivos ou nomes
Circunstâncias	O espaço facultativo em que o processo se desdobra, (tempo, modo, lugar).	Advérbios

Fonte: Fuzer e Cabral (2014, p. 41) Adaptações realizadas pela autora

Como podemos observar, o processo se desdobra no tempo, categoria que tem em seu desenvolvimento os participantes e circunstâncias, essa última sendo opcional. Ao refletir sobre isso e com apoio dos conceitos estabelecidos em Halliday e Matthiessen (2014), percebemos que todos esses elementos são essenciais para as construções de sentidos na oração, o que implica em seu conceito de transitividade, que considera não somente o verbo como importante, mas todos os outros elementos.

Essa lógica está imbricada nas unidades complexas, construídas pelos grupos de palavras. Esses não podem ser analisados de forma isolada, uma vez que, ao analisarmos frases isoladamente enquanto um conjunto de palavras, como geralmente as gramáticas tradicionais fazem, podemos perder aspectos interessantes das significações. Seria o mesmo que falar de uma instituição escolar apenas como uma construção física de concreto, mas não mencionar os mecanismos estruturais que intermedeiam o funcionamento da escola.

A postura mencionada mostra que temos que analisar a língua pensando em uma totalidade. Assim, levamos em consideração que, na gramática funcional, existem dois pressupostos básicos: a maior unidade de funcionamento é o texto e as unidades linguísticas são multifuncionais. Dessa premissa, podemos elencar o conceito de *frase*, que é parte de um enunciado, uma unidade linguística que está presente nas conexões sintático-semânticas e que representam a realidade.

Para, além disso, ao refletirmos sobre a transitividade na teoria funcionalista, podemos afirmar que o predicador verbal tem como núcleo em sua declaração sobre o sujeito, um verbo significativo, que traz uma ideia nova ao sujeito, seja um predicador transitivo ou intransitivo. Assim, a transitividade verbal é feita de acordo com o texto, não de maneira isolada, pois parte do princípio de que o mesmo verbo pode ser empregado intransitivamente ou transitivamente, com objeto direto, com objeto indireto e até mesmo com ambos. Como podemos observar nos excertos a seguir, apresenta-se a variabilidade do predicador verbal a partir do verbo *perdoar*:

- (23) Perdoai sempre = intransitivo
 (24) Perdoai as ofensas = transitivo direto
 (25) Perdoai aos inimigos = transitivo indireto
 (26) Perdoais as ofensas aos inimigos = transitivo direto e indireto

Neves (2000) adota essa postura, além de fazer uso do conceito da valência verbal, afirmando que essa valência é a capacidade que o verbo tem de abrir “casas” para serem preenchidas por sujeitos e complementos, compondo a estrutura argumental. Para a autora, existem quatro tipos de verbos: verbos em que o objeto sofre mudança no estado com objeto paciente, (afetado) e sujeito (agente), como em (27); verbos cujo objeto não sofre mudança física, não sendo um paciente afetado (28); verbos que possuem um complemento preposicionado (29) ou não (30) e verbos que possuem complementos oracionais (31). Como pode ser observado nesses excertos extraídos de neves (2000):

- (27) Minha mãe *fez-me um bolo*.
 (28) Os amigos *te flagrarão rindo sozinho*.
 (29) *Ponho a lanterna no chão*.
 (30) *Deu ao genro um engenho* com setenta escravos.
 (31) *Lembro-me de que o Presidente disse ao General Golbery: “Se está havendo reação ao nome desse deputado, vamos escolher outro.”*

Somando-se a isso, segundo afirmativas de Rodrigues (2007), com esses pressupostos, diferentemente do conceito tradicional de transitividade, temos as relações com o predicador vistas sob um ângulo diferente, uma transitividade que está intimamente relacionada à metafunção ideacional da linguagem, visto que esse sistema codifica a experiência no mundo, uma realidade que é estruturada na língua.

4.2 Grau de transitividade

Tomando como ponto de partida as discussões mencionadas anteriormente, acreditamos ser necessário entender qual o grau de transitividade das orações com os verbos que se repetem em ambos os *corpora*, visto que partimos de um conceito de transitividade que considera não somente o verbo como importante, mas também os outros elementos do enunciado. Para isso, fazemos uso da tabela de transitividade da oração proposta por Hopper e Thompson (1980), citada por Cunha, Costa e Cezario (2003):

Tabela 5 – Critérios e Grau de Transitividade

Critérios	Transitividade alta (+)	Transitividade alta (-)
1. Participantes	dois ou mais	Um
2. Cinese	Ação	não-ação

3. Aspecto do verbo	Perfectivo	não-perfectivo
4. Punctualidade do verbo	Punctual	não-punctual
5. Intencionalidade do sujeito	Intencional	não-intencional
6. Polaridade da oração	Positiva	Negativa
7. Modalidade da oração	modo <i>realis</i>	modo <i>irrealis</i>
8. Agentividade do sujeito	Agentivo	não-agentivo
9. Afetamento do objeto	Afetado	não-afetado
10. Individuação do objeto	Individuado	não-individuado

Fonte: Cunha, Costa e Cezario (2021, p.37 *apud* HOPPER e THOMPSON, 1980)

É importante considerar que os *participantes* são referentes à transferência da ação; a *cinese* indica se o verbo expressa uma ação ou não; o *aspecto* está ligado à ideia de completude da ação, acabada ou em andamento; a *punctualidade* refere-se à distância entre a ação e seu efeito; a *intencionalidade do sujeito* diz respeito a ele ter realizado a ação de forma proposital ou não; a *polaridade* diz respeito ao fato da oração ser positiva ou negativa; a *modalidade* relaciona-se à possibilidade ou efetividade que a oração possa indicar; a *agentividade* trata-se do sujeito ser agente ou não; o *afetamento* é o grau de afetamento de quem recebe a ação, o paciente; e, por fim, a *individualização do objeto* é se conseguimos identificar o paciente afetado pela ação ou não.

A transitividade, diferentemente da observada nas gramáticas tradicionais, é tratada nessa abordagem não somente com o verbo como cerne da oração, mas todos os elementos são basilares para determinar o grau de transitividade do enunciado ou sentença. À título de ilustração, podemos citar a seguinte frase: “Você *me* deu muita liberdade”, um enunciado que possui uma transitividade muito alta, ao analisarmos o preenchimento dos seus critérios.

Guiamo-nos pelo seguinte quadro para analisar a gradatividade dessa transitividade:

Quadro 1 – Tabela Gradiente de Transitividade

QUANTIDADE DE CRITÉRIOS	TRANSITIVIDADE
0 a 2	Muito baixa
3 a 4	Baixa
5 a 6	Média
7 a 8	Alta
9 a 10	Muito alta

Fonte: Lacerda, Farias e Matos (2021, p.231 *apud* MATOS, 2011)

Utilizando essa tabela para analisarmos a oração mencionada “Você *me* deu muita liberdade”, teríamos: dois participantes (você e *me*), verbo de ação, no sentido do ato de dar algo para alguém, mesmo que não seja algo físico (DAR), aspecto perfectivo (verbo no passado), verbo *punctual* (ação completa), sujeito intencional, oração afirmativa, oração *realis* (modo indicativo), sujeito agentivo (você), objeto afetado e individualizado (*me*, humano,

correspondente ao sujeito eu). Além disso, observamos que, por atender a todos os 10 critérios, temos uma oração com transitividade muito alta.

4.3 Metodologia

Como nosso objetivo é analisar os contextos em que aparece o *me* e investigar seu comportamento, escolhemos como material de análise cartas de correspondência pessoal escrita de duas regiões distintas Sertão de Pernambuco e Recôncavo Baiano. Com as hipóteses de que os dados nas duas comunidades investigadas, em relação à colocação pronominal, serão encontrados de maneira majoritária na posição proclítica, uma vez que, é uma tendência. E, no tocante as funções assumidas pelo pronome *me*, acreditamos que há a possibilidade de encontramos o pronome ético nos dados das cartas do Recôncavo da Bahia, escritas entre 1911 a 1958, já que se trata de um material com um recorte temporal diverso do *Corpus* do Sertão de Pernambuco, datadas entre 1956 a 1977.

Como metodologia da nossa pesquisa, realizamos os seguintes passos: recorte dos contextos, que estão presentes nos anexos 1 e 2, em que o fenômeno aparece nos *corpora*, levantamento dos dados sócio-históricos dos missivistas, classificamos o pronome *me* de acordo com as gramáticas e trabalhos investigados, analisamos a transitividade das orações, valência verbal e colocação pronominal.

Em um primeiro momento, analisamos o pronome *me* dentro das cartas que formam os *corpora*, selecionando os contextos nos quais nosso objeto de estudo estava presente, enumerando esse recorte de acordo com a ordem de disposição das cartas nas plataformas digitais de documentos históricos. Cada contexto foi selecionado e enumerado dentro da missiva selecionada, mesmo com a presença de mais de um excerto em cada carta. Esse processo foi realizado manualmente.

No material do Sertão de Pernambuco, temos 120 cartas, trocadas entre dois casais não ilustres, pessoas que não possuem um alto status social, nas quais encontramos nosso objeto de análise em 243 ocorrências. No *corpus* do Sertão da Bahia, material de um acervo familiar, que possui 99 missivas, encontramos 153 ocorrências. As missivistas são parentes, mãe, tia, afilhada e irmã.

O *corpus* do Sertão de Pernambuco é disponibilizado pelo Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc), coordenado pelo Dr. Cleber Ataíde e faz parte do projeto “Banco Informatizado de Textos (BIT): a construção de um *corpus* de manuscritos e impressos pernambucanos do século XVIII, XIX e XX.”. Além disso, a

plataforma está disponível no site: <https://ledoc.com.br/index.html>. O laboratório tem como objetivo de contribuir para a coleta, tratamento e análise de textos pernambucanos dos séculos XVIII, XIX e XX. Tendo isso em vista, a transcrição do material foi realizada com a adoção de normas semidiplomáticas⁴ de transcrição sugeridas pelo projeto “Para História do Português Brasileiro”.

O *corpus* do Sertão da Bahia está presente na plataforma *Corpus* Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (CE-DOHS), coordenada pela Dr.^a Zenaide Carneiro e Dr.^a Mariana Lacerda e faz parte do projeto “Vozes do Sertão em dados: história, povos e formação do português brasileiro”. A plataforma está disponível no site: http://www5.uefs.br/cedohs/det_CB.html. A plataforma tem como missão compor um *corpus*, tanto quanto possível, representativo da complexa realidade linguística do Brasil Colonial. A transcrição das missivas também adota normas semidiplomáticas e está em uma edição fac-similar. Essas informações e demais questões sobre os *corpora* serão pormenorizadas no próximo subcapítulo.

Em seguida, para a divisão dos tipos de pronome *me*, valemo-nos das classificações alçadas durante o trabalho, principalmente as de Paviani (2004), pois acreditamos que, de todas as classificações abordadas, as da autora são as mais completas e contemplam os usos encontrados nos nossos dados. Também tivemos a preocupação de analisar sob a ótica da valência gramatical e discursividade discutida em trabalhos de cunho funcionalista.

É importante mencionarmos que adaptamos os resultados da nossa investigação, tomamos como partida alguns trabalhos, as análises que são realizadas, como o trabalho de Paviani (2014) e Martins (2012), que utilizam como materiais de investigação, respectivamente, marcas de fala e peças de teatro, porém, sempre levamos em consideração que a natureza dos nossos dados é diferente, ao analisarmos cartas pessoais.

Classificamos o nosso objeto de pesquisa, sintaticamente, dentro do quadro de objeto direto, objeto indireto e reflexivo, assim, assumindo que, como aponta Paviani (2004), o pronome *me* pode desempenhar as seguintes funções: acusativo, dativo de interesse, dativo de posse, dativo ético e reflexivo. Esse último podendo significar um adjunto adnominal. Tendo em vista que o pronome *me* pode apresentar particularidades, como sendo apenas uma partícula discursiva, dependendo das suas diferentes funcionalidades, como no caso de ser um dativo ético, uma partícula discursiva. Somando-se a isso, após realizar essa análise, fazemos

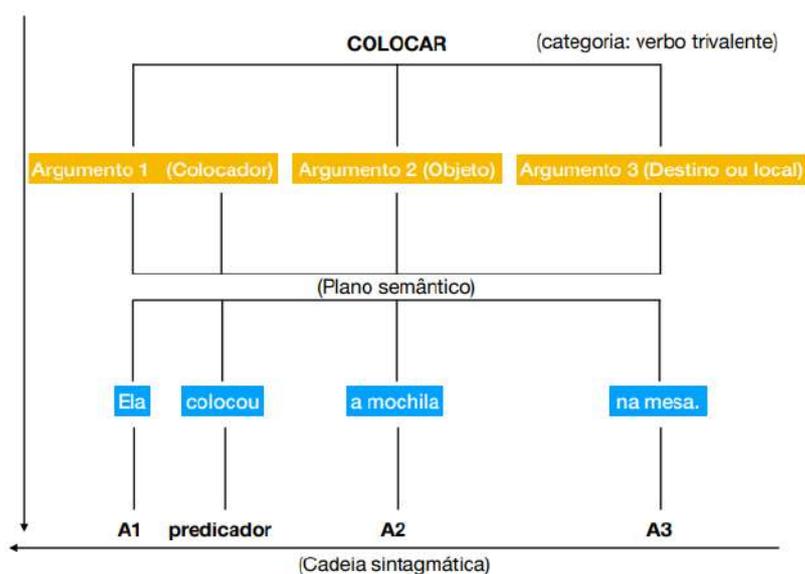
⁴ Segundo Cambraia (2005), a edição semidiplomática, diferentemente de outras normas de transcrição, como a diplomática, que apresenta o documento fidedigno ao documento original, apresenta um grau mediano de interferência dos editores, que realizam modificações para que um público que não seja capaz de decodificar características originais, como abreviaturas, consiga compreender o material.

um levantamento dos verbos utilizados em cada função do clítico *me*, juntamente, com sua frequência.

Após realizar esse procedimento, construímos gráficos dos resultados desse empreendimento e passamos a realizar a análise e discussão do nosso objeto de estudo, direcionando nosso olhar para a valência do verbo e utilizando com o aporte teórico a gramática da valência.

Embasados nesse aporte, consideramos que essa estrutura analisada possui um estado-de-coisas, definido por Neves (2000), como algo que pode ocorrer em um mundo real ou mental; pode ser precisado no tempo e espaço; determinando sua duração, ou melhor, um fato, visto, ouvido ou percebido. Para exemplificar essa construção, trazemos a seguinte figura com o verbo *colocar*:

Figura 1: Valência do verbo colocar



Fonte: a autora

Como pode ser observado na figura, ao nos valermos do uso da gramática de valência, não partimos do pressuposto tradicional de transitividade do verbo, que, geralmente, considera os elementos ligados ao verbo como seus complementos. Partimos do pressuposto de que o predicador *colocar* configura-se em um estado de coisas que exige três entidades em sua ligação para constituir os papéis semânticos, o que culmina na construção da cadeia sintagmática, na união dessas relações. Como no excerto utilizado, temos a correlação entre colocador, objeto e localização ou destino, sendo um argumento [-humano], compreendendo a interdependência entre os constituintes.

Assim como reflete Ribeiro (2007), porém com outro fenômeno, na frase “custou-*me* fazer a prova”, o *me* é categorizado como um objeto indireto, pensando nisso, deve existir a compreensão de que nem sempre o objeto indireto vai se referir à entidade que se destina a ação verbal, pois o verbo *custar* sequer representa uma ação. Assim, nesse caso o *me*, não é a entidade em que se manifesta a ação do verbo, mas sim a entidade em que se manifesta a situação descrita pelo verbo. Levamos em consideração essa preocupação em nossa pesquisa.

Depois da construção desses gráficos, realizamos uma análise do grau de transitividade das orações em que os verbos coincidem nos dois corpora, observando se há diferença na transitividade da oração.

Por fim, realizamos uma análise da colocação pronominal, ou seja, enclítica ou proclítica, com o auxílio de Martins (2012), para compreender se a função exercida pelo *me* interfere em sua colocação pronominal e qual a posição mais recorrente no conjunto de dados linguísticos coletados dos dois corpora. Analisamos, também, as partículas atratoras presentes nos contextos de próclise, atreladas as funcionalidades do pronome *me*, para buscar uma possível justificativa para a constância dessa colocação.

Dito isso, no subcapítulo a seguir, descrevemos os corpora utilizados e a justificativa para a sua escolha.

4.3.1 As cartas do Sertão do Pajeú

Os corpora são constituídos de cartas pessoais de dois acervos, o projeto intitulado “Banco Informatizado de Textos (BIT): a construção de um *corpus* de manuscritos e impressos pernambucanos do século XVIII, XIX e XX”, disponível na plataforma digital do (LeDoc), que apresenta 120 cartas pessoais do Sertão de Pernambuco. Além desse acervo, o “*Corpus* de Documentos Históricos do Sertão”, que possui 99 cartas pessoais do Recôncavo da Bahia, disponíveis na Plataforma CE-DOHS.

Justificamos a escolha desses dois materiais, uma vez que, a comparação entre os dois matérias nunca foi realizada, bem como, os dados são novos, pois nunca foram analisados para descrever o fenômeno investigado nessa pesquisa. Em função de tratarem-se de cartas pessoais, que exigem um determinado grau de intimidade entre os missivistas, vislumbramos que o pronome *me* é recorrente, como uma forma do missivista se posicionar no evento comunicativo.

O material do Sertão de Pernambuco é composto por 120 cartas pessoais trocadas entre dois casais não ilustres do Sertão do Pajeú, que são pessoas que não possuem um alto status social, em meados do século XX, especificamente entre 1956 a 1977. Das 120 cartas, 22 pertencem ao primeiro casal e são datadas dos anos 50. As outras 98 missivas pertencem ao segundo casal e foram produzidas nos anos 70, como podemos observar nos quadros a seguir:

Quadro 2 – Cartas do Sertão de Pernambuco

Missivistas	Data	Local	Quantidade
Penha	1975	Triunfo	1
Celma Ramos	1972-1977	Triunfo, Brejinho	52
João Gomes	1972-1977	Poção, Custódia, Arcoverde, Triunfo	45
Raimundo José (Missivista redator)	1956-1958	Triunfo	21
Maria Barbosa	1956	Triunfo	1
Total			120

Fonte: a autora

Em relação ao conteúdo das missivas, os casais discorrem sempre sobre as novidades da cidade, problemas do relacionamento, questões familiares e profissionais, promessas de amor e intrigas causadas por terceiros, além de idas para a igreja e sentimentos mal interpretados. Dentre as cartas, Raimundo José escreveu 21 missivas para Maria, Maria Barbosa escreveu 1 para Raimundo José, Celma Ramos escreveu 52 cartas para João Gomes, João Gomes 45 para Celma Ramos e Penha 1 para João Gomes.

Dentre essas cartas, uma foi escrita por Penha, prima de Celma Ramos, mas essa missivista não é descrita nesse trabalho, uma vez que, em sua carta não há ocorrência do *me*. As cartas foram enumeradas de 1 a 120, consoante à ordem de disposição na qual estão na plataforma digital. Ressaltamos que, nas missivas trocadas entre o primeiro casal, temos escrita delegada.

Algo que significa que o conteúdo disposto nas cartas é de autoria de um sujeito, mas, a materialização da língua, é feita por um terceiro interlocutor, na modalidade de texto escrito. Essa escrita delegada ocorre motivada por nosso missivista Raimundo José Soares não ter

nenhum grau de escolaridade, ou seja, não ter sido alfabetizado, não possuindo o domínio da escrita.

É válido ressaltar que os fatores extralinguísticos não foram selecionados na nossa pesquisa, em virtude das limitações do *corpus*. Por outro lado, na análise, consideramos o perfil dos escreventes em relação ao local de origem e época, já que essa localidade dos missivistas pernambucanos é divergente dos locais de produções do *corpus* no estado de Pernambuco.

Além disso, é importante mencionar que a quantificação dos dados foi realizada de maneira manual, em outras palavras, selecionamos todos os contextos de aparição do pronome *me*, calculamos e categorizamos as funções e ocorrências do clítico em posição pré-verbal e pós-verbal, sejam frases de período simples ou composto.

O seguinte procedimento foi realizado com esse material do Sertão de Pernambuco: selecionamos e analisamos as ocorrências nas missivas de acordo com os contextos linguísticos em que aparecem, totalizando 243 ocorrências nas quais o pronome *me* estava presente, observando que, das 120 cartas, somente em 28 missivas o nosso objeto de estudo não se manifestou.

4.3.1.1. Os dados sócio-históricos dos missivistas pernambucanos

Tendo isso em vista, partimos para a discussão dos dados sócio-históricos dos escreventes do Sertão de Pernambuco, por meio de informações cedidas por Lima (2016) e Ataíde (2016) a respeito do primeiro casal e segundo casal, dados obtidos a partir de um questionário sociolinguístico utilizado por Almeida (2014), em uma pesquisa para alcance do título de Doutora em Língua e Cultura. Dentre os missivistas, temos Maria Barbosa, Raimundo José, Missivista Redator 1, Celma Ramos e João Gomes.

Maria Barbosa Soares: escrevente, nascida em Triunfo, no ano de 1940, era filha do ex-vereador do município de Triunfo e irmã do ex-prefeito desta mesma cidade, nos anos 70/80. Sua ocupação profissional era limitada apenas às atividades domésticas cotidianas, à confecção de roupas para membros de sua família e, por um curto período de tempo, passou a redigir escrituras de terras e testamentos para a população local da zona rural, do município de Triunfo - Pernambuco. No tocante ao seu grau de escolaridade, a missivista tinha apenas o Ensino Fundamental 1.

Raimundo José Soares: nasceu na comunidade rural do sítio Brejinho - PE em 1935 e enviou as cartas de Triunfo e Poção – PE. Era agricultor e tirador de trempe uma função designada para quem trabalha no processo de cozimento da rapadura no engenho de produção artesanal. Dentre as cartas, 21 missivas então em seu nome, que datam do período de 1956-1958, foram narradas por ele para seu amigo redator. O missivista narrador não tem nenhum grau de escolaridade, alfabetização ou letramento, dessa maneira, a escrita foi por ele delegada.

O Missivista Redator 1: ocupou o cargo de presidente do sindicato dos trabalhadores rurais do município de Triunfo - PE, trabalhou como cozinheiro de rapadura, agricultor e professor, docente que ensinava somente para homens. O referente missivista não tinha formação de nível superior para exercer a profissão de docente, mas era considerado um dos grandes sábios daquela região, já que era um dos poucos letrados da região em sua época. Este, por sua vez, foi responsável pela escrita das missivas narradas pelo missivista Raimundo José.

Em relação ao segundo casal, a missivista Celma Ramos e o missivista João Gomes, os dados coletados estão disponíveis no Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc), no Banco Informatizado de Textos: Cartas particulares.

Celma Ramos de Souza Gomes: A escrevente nasceu no dia 25/10/1952, na zona rural do município de Triunfo, interior do Estado de Pernambuco. Teve formação superior em 1997 em Biologia com complementação em Matemática. Na infância, antes de aprender o domínio da prática de leitura e escrita, já se sentia motivada para tal, já que, nas horas de diversão, era comum o contato com jornais, livros e demais suportes e gêneros textuais que circulavam no contexto sócio-histórico cultural local da época.

Em uma entrevista realizada por Almeida (2014) a informante afirma que foi autodidata no processo de alfabetização, por consequência dessa exposição frequente a materiais de natureza impressa e manuscrita. Em 1957, ingressou em uma escola pública regular, estabelecida na sua comunidade rural. Frequentou a instituição até a 4ª série do Ensino Fundamental e, logo após esse período, parou seus estudos por cinco anos retomando-os em 1969, já então matriculada no Colégio Stella Maris.

A supracitada instituição de ensino privado situava-se na região central do município de Triunfo (PE) e ficou, tradicionalmente, conhecida por seu projeto-político pedagógico planejado, aplicado e avaliado por Freiras e Madres de naturalidade alemã. A unidade escolar delimitava seu atendimento ao público feminino e funcionou, por um determinado período de tempo, como internato. Anos mais tarde (1976), a escrevente formou-se no Ensino Médio.

Segundo a escrevente, o relacionamento com o destinatário de suas cartas teve início em 1º de janeiro de 1972, e, subsequentemente, casaram-se em 1º de julho de 1978. A informante está viva até os dias atuais.

João Gomes Sobrinho: O informante nasceu no dia 25/04/1954, no Estado de Pernambuco, município de Floresta. Residiu até os 17 anos na fazenda Porção, zona rural da comuna. Lá, estudou da primeira à quarta série do ensino regular, depois iniciou um supletivo já no município de Triunfo (PE) para concluir o ciclo do fundamental 2.

Terminada esta etapa de sua escolarização, ingressou no Ensino Médio (antigo 2º grau) na mesma cidade supracitada. Em meados desse período, mudou-se para a comuna de Custódia (PE), onde trabalhou por um tempo em um bar com seu irmão. Por lá, reiniciou seus estudos (Ensino Médio Supletivo) dando posterior continuidade na cidade de Arcoverde, agreste pernambucano. Já residindo neste município, ingressou na carreira militar e deu continuidade a seus estudos até o ano de 1977, quando foi transferido para Salgueiro e ficou impossibilitado de concluir e restante de sua escolarização.

Como pode ser observado, em relação ao primeiro casal, a escrevente Maria possui um baixo grau de escolaridade, porém, exercia algumas atividades importantes de escrita para a população da sua cidade, como a elaboração de escrituras de terras e testamento, e, em relação ao missivista redator 1, mesmo não tendo uma informação exata sobre qual o seu grau de escolaridade, há a afirmativa de que esse redator não possuía ensino superior, mas, exercia a profissão de professor na sua região, por ser um dos poucos que eram letrados.

O missivista redator foi necessário, tendo em vista que o missivista Raimundo não tinha nenhum grau de escolaridade. Ademais, para a análise dos dados, deve-se levar em consideração que das 22 cartas trocadas entre o primeiro casal, apenas 1 carta foi escrita por Maria e 21 cartas foram redigidas pelo missivista redator 1, para o Raimundo, pois este não era alfabetizado, configurando esse ato como escrita delegada.

Em relação ao segundo casal, percebemos que a Celma Ramos possui um alto grau de escolarização, pois possui o ensino superior, já o missivista João Gomes não concluiu o ensino médio e ao estudar não estava matriculado no ensino regular, mas sim, supletivo.

Tendo isso em vista, podemos realizar inferências a respeito dos dados sócio-históricos desse material. Observamos que, em relação às missivistas do Recôncavo da Bahia, temos mulheres cultas e semicultas, dentre elas, uma com bastante instrução, algo que pode ser afirmado a partir das informações apresentadas a respeito dos seus estudos, as outras quatro também são apontadas como mulheres com muita instrução, por mais que não tenhamos uma informação precisa sobre o grau de escolaridade das escreventes, temos

informações que nos levam a refletir sobre as condições sociais dessas mulheres e suas habilidades de escrita ao realizarmos um paralelo com a realidade social daquela época, precisamente entre o início e meio do século XX, período em que a educação teve muitos avanços em sua popularização e redemocratização.

Porém, esses avanços não foram suficientes para expandir a educação escolar para todos, então o perfil de pessoas bem instruídas naquela época, está associado as suas condições sociais, a serem mulheres ilustres em suas localidades, de famílias com boas condições financeiras e prestígio social. Em relação aos missivistas do material do Sertão de Pernambuco, não temos também informações exatas do grau de escolaridade de todos os escreventes, mas podemos inferir das informações apresentadas que por mais que os casais fossem não ilustres, eram pessoas importantes para a região, com acesso a materiais de leitura e escrita, além de ofícios que permitiam acesso a uma escrita mais elaborada.

4.3.2. As cartas do Recôncavo baiano

Realizamos o mesmo procedimento com o “*Corpus* de Documentos Históricos do Sertão”, que apresenta 99 cartas pessoais, escritas entre 1911 e 1958, disponíveis na Plataforma *Corpus* Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (CE-DOHS). Das 99 cartas, encontramos 153 ocorrências do clítico investigado, e, em 32 missivas, não encontramos o nosso objeto de pesquisa. As cartas desse acervo foram escritas por descendentes dos remetentes das cartas do século XIX para vários destinatários. Representam uma amostra da escrita culta ou semiculta feminina da primeira metade do século XX.

Quadro 3 – Cartas do Recôncavo da Bahia

Missivistas	Data	Local	Quantidade
Antonia	1917-1939	Roçado, Angico, Bahia, Serrinha	26,
Aracy	1914-1958	Santo Amaro, Salvador	52
Lulu	1922-1923	Bahia	7
Virgínia	1934-1935	Rio de Janeiro, Fazenda Novo Mundo – BA	6
Maria	1911-1926	Bahia	8

Total	99
--------------	-----------

Fonte: a autora

Nesse material, temos a troca de cartas entre familiares, material pertencente a um acervo particular da Bahia, porém, dentre essas cartas, temos 5 missivistas e uma delas foi radicada no Rio de Janeiro. Acreditamos que isso não trará prejuízo ao trabalho, uma vez que, por mais que uma das remetentes tenha nascido no Rio de Janeiro, as cartas foram escritas em sua grande maioria na Bahia, algumas poucas na capital, Salvador, precisamente 18 missivas, e o restante das cartas foram enviadas do interior, que engloba as localidades: Roçado, Angico, Serrinha, Conceição, Bemfica e Fazenda Novo Mundo, regiões localizadas no Recôncavo baiano.

Dentre as cartas, 26 foram escritas pela tia Antonia, 8 para a Maria e 17 à Yáyá, Aracy escreveu 52, 3 para o seu padrinho e 49 para sua madrinha, Lulu escreveu 7, duas para o seu irmão e 4 para Yáyá, Maria escreveu 8, 5 destinadas aos filhos e 3 para a filha, Virgínia escreveu 6, 1 para Yáyá e 5 para a Aracy.

A respeito do conteúdo das missivas, as cartas foram trocadas entre familiares e tratam de assuntos pessoais e cotidianos, tais como, expressão de saudades, informações sobre o estado de saúde, notícias de falecimentos, comentários sobre festejos, comunicado de pagamento de dívidas e resgate de apólices, entre outros comuns entre familiares naquela época.

4.3.2.1. Os dados sócio-históricos dos missivistas baianos

Consoante às informações disponíveis na plataforma do *corpus* e no material de Carneiro, Oliveira e Almeida (2011), coletânea de fontes para o estudo do português, o material da Bahia é constituído por 99 cartas datadas do século XX, escritas entre 1911 e 1958, por cinco mulheres semicultas e cultas, oriundas de Salvador, de Santo Amaro e do Rio de Janeiro. Essas pertencentes a famílias com representatividade no Brasil Colônia, no Brasil Império e com significação também no Brasil República, das famílias Araújo Pinho, Argolo, Carvalho, Costa Pinto, Ferreira de Moura e Wanderley.

Do total de cartas do acervo, 26 foram escritas por Tia Antonia [Antonia Theresa Wanderley], dentre as quais, em 19 encontramos nosso objeto de pesquisa, filha de João Maurício Wanderley e Antonia Thereza de Sá Pitta e Argollo (Barões de Cotegipe- BA),

tendo nascido em Salvador, em 20.04.1862 e falecido em 12.09.1944, solteira e sem sucessão. Do total de cartas, 8 foram destinadas à Maria [Maria Luisa Wanderley de Araújo Pinho - sobrinha] e 17 à Yáyá [Maria Luisa Wanderley de Araújo Pinho - irmã]. Católica apostólica romana, como as demais missivistas, muito religiosa e envolvida em atividades religiosas. Na coletânea investigada e na plataforma do *corpus* não têm informações a respeito da sua escolaridade.

Aracy [Aracy Leonardo Pereira], filha de Américo de Pinho Leonardo Pereira e Maria das Mercês da Costa Pinto Leonardo Pereira. Nasceu na cidade do Salvador, em 23.10.1905 e faleceu em 13.12.1985, solteira e sem sucessão. Escreveu 52 cartas, dentre as quais em 36 encontramos nosso objeto de pesquisa, sendo 03 para “Meu Padrinho” [João Ferreira de Araújo Pinho Junior], 49 para “Minha Madrinha” [Maria de Carvalho Araújo Pinho]. Aprendeu francês no colégio em que foi educada, o Colégio das Religiosas Sacramentinas, com freiras nativas da França. cursou inglês, espanhol e fez aulas teóricas e práticas de Culinária. Muito ativa e dedicada ao grupo familiar.

Lulu [Maria Luisa Wanderley de Araújo Pinho], filha de João Ferreira de Araújo Pinho e Maria Luisa Wanderley de Araújo Pinho. Nasceu em 20.04.1891, na Vila Conde de Subahé, na Freguesia de Nossa Senhora do Rosário, na cidade de Santo Amaro - BA, e faleceu em 11.03.1928, solteira e sem sucessão. Escreveu 07 cartas, das quais utilizamos 02, 02 para “Meu caro Irmão” [?], 01 para “Yoyô” [João Ferreira de Araújo Pinho Junior], e 04 para “Querida Yáyá” [Maria de Carvalho Araújo Pinho]. A missivista é considerada uma pessoa culta, nas informações disponibilizadas, mas não há informações a respeito da sua escolaridade.

Maria [Maria Luisa Wanderley de Araújo Pinho], pessoa culta e muito carinhosa, filha de João Maurício Wanderley e Antonia Thereza de Sá Pitta e Argollo (Barões de Cotegipe). Nasceu em 28.11.1858, em Salvador, e morreu em 19.08.1942, casada e com sucessão. Ela escreveu 8 cartas, dentre as quais utilizamos 05 em nossa pesquisa, 5 destinadas a “Meus caros Filhos” [Felipe Wanderley de Araújo Pinho, Joaquim Wanderley de Araújo Pinho e Maurício Wanderley de Araújo Pinho – não se sabe precisamente quais deles eram os destinatários], e 3 à “Minha cara Filha” [Maria Luisa Wanderley de Araújo Pinho]. Não obtivemos informações a respeito da sua escolaridade.

E, Virgínia e Antonio [Virgínia Ottoni Vieira], filha de Doutor Misael Ottoni Vieira e Ana de Cerqueira Lima. Nasceu em 01.04.1905, no Rio de Janeiro, e faleceu em 13.01.2003, viúva e com descendência. Autora de 6 cartas, dentre as quais só utilizamos 4 em nossa pesquisa, 5 para “Yáyá” [Maria de Carvalho Araújo Pinho] e 1 para “Aracy” [Aracy Leonardo

Pereira]. Era uma pessoa fácil de se comunicar e muito agradável, segundo o Dr. João da Costa Pinto Victoria, que conviveu com a mesma. Por mais que a missivista tenha nascido no Rio de Janeiro, grande parte da sua vida foi vivida na cidade natal dos seus parentes, Bahia. Nas informações disponibilizadas, não há informações a respeito da sua escolaridade.

4.3.3 Validação do *corpus*

Tomamos como base os trabalhos de Lima (2018) e Silva (2019), que realizaram investigações também com o *corpus* do Sertão de Pernambuco, porém a partir de um recorte divergente e no estudo de outros fenômenos, para levantar informações a respeito dos missivistas do sertão de Pernambuco. Vale salientar que Silva (2019) discorre sobre problemáticas interessantes em relação ao material linguístico analisado, problemas comuns em uma investigação com um *corpus* histórico, a saber: o caráter pouco autêntico dos dados, devido às condições de produção e seu caráter fragmentado.

Visto que são meros fragmentos de *corpora* mais amplos, pode-se discutir a falta de representatividade, pois, os dados, muitas vezes, são desiguais, problema da validade histórica e social, dado que as perspectivas, valoração e caracterização que fazemos da nossa realidade são diversas daquelas realizadas no passado; também pode-se questionar a autoria, já que há escrita delegada e ela pode sofrer influências do redator.

A autora, Silva (2019), observa que a sociolinguística histórica deve fazer o melhor uso desses dados e que as problemáticas observadas não impossibilitam a pesquisa e a validade dos dados, desde que o Princípio do Uniformitarismo linguístico seja utilizado, de maneira moderada, para que não se crie um anacronismo, salientando que o material investigado pode apresentar diversas limitações, porém a análise de caráter qualitativo pode fornecer informações relevantes sobre o fenômeno estudado.

Partimos desse princípio reconhecendo que, por mais que fala e escrita sejam produtos linguísticos sob formas de enunciados, a concepção falada representa o pensamento por signos convencionados, já a concepção escrita é uma representação mediata do pensamento. Assim, nos valem desse princípio reconhecendo essas diferenças e compreendendo que esse princípio vai atuar nos dois contextos investigados para elencarmos os padrões das funcionalidades do pronome *me*, observar os dados desse ponto de vista mais superficial, reconhecendo a superficialidade.

É importante evidenciar que a autora, mencionada anteriormente, também destaca a relevância de trabalhar com um material escrito e com o gênero *carta pessoal* como objeto de

investigação, pois esse material possibilita o estudo histórico, já que em sua composição há data, remetente, destinatário e local, assim como proporciona uma proximidade comunicativa e favorece o aparecimento de traços de oralidade, possuindo meio de realização gráfica.

Ao analisar essa afirmativa e entrelaçar com os nossos *corpora*, podemos dizer que o grau de intimidade entre os escreventes favorece traços de oralidade, a depender do registro, mais formal e informal. Mesmo assim, não é algo simples, pois depende do grau de parentesco e da hierarquia entre os falantes, uma mãe falando com o seu filho tem um determinado grau de intimidade, já o filho respondendo para a mãe, teremos outro grau.

Dessa forma, o material investigado está próximo ao contínuo da proximidade comunicativa, algo que possibilita a ocorrência do fenômeno. Tendo isso em vista, acreditamos que as problemáticas relacionadas à validação do *corpus* não diminuem sua relevância, nem das informações pertinentemente levantadas.

Para mais, a partir dos pressupostos defendidos por Faraco (2005) a respeito da Linguística Histórica, utilização e validação de materiais escritos, consideramos que o material analisado é uma possível fonte de fenômenos que passaram por eventuais variações e mudanças, pois a escrita, por ser mais duradoura que a fala, permitiu ao longo da história o uso e o desenvolvimento de recursos sintáticos, como sentenças longas contendo sucessivas intercalações de outras sentenças, dentre outras peculiaridades.

Dito isso, em seguida, apresentamos a discussão e análise do funcionamento do clítico *me* nos *corpora*.

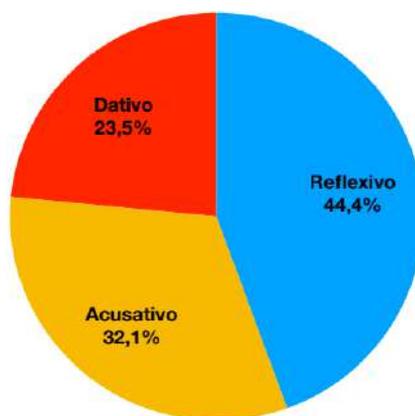
5 DISCUSSÃO E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO SINTÁTICO-DISCURSIVO DO PRONOME ‘ME’ NOS CORPORA

Para analisar o comportamento do clítico *me* nos *corpora*, dividimos a análise em três subseções. No primeiro, analisamos e discutimos o comportamento e classificações dadas ao *me*, a partir de perspectivas da gramática tradicional e da gramática de valência, juntamente com os conceitos estabelecidos em trabalhos anteriores e pesquisas funcionalistas. No segundo, analisamos o grau de transitividade das orações com verbos recorrentes em ambos os *corpora*, e, por fim, no terceiro, analisamos a questão da colocação pronominal do nosso objeto de investigação, correlacionando os achados as questões sóciohistóricas dos dados dos missivistas.

Neste capítulo, são apresentados os quadros de comportamento do clítico *me* nos dois *corpora*, do Sertão de Pernambuco e do Sertão da Bahia, em integração com suas funções e tabelas dos verbos mais representativos em cada *corpus*, em relação às funções desempenhadas.

Sobre os dados do corpus pernambucano, foram contabilizadas 243 ocorrências o pronome *me*, das quais 108 reflexivas, 78 acusativas e 57 dativas. Em termos de porcentagem o *me* com a função reflexiva (44,4%) foi a função mais recorrente, seguida da, acusativa com 32,1% e da dativo de interesse com 23,5%. O gráfico ilustra a distribuição da função desse pronome no corpus.

Gráfico 1 - O comportamento do pronome ‘me’ no corpus do Sertão de Pernambuco



Fonte: a autora

Como podemos observar, o pronome *me* se apresenta no *corpus*, predominantemente, com a função reflexiva, em seguida, acusativa e por último dativa. Em números absolutos,

foram 243 ocorrências com o pronome *me*. As outras classificações, como dativo ético e posse não são encontradas nesse material.

Quanto aos verbos mais recorrentes associados às funções, foram *procurar* e *sentir* quando o *me* atua na função reflexiva; o *deixar* e *levar* na função acusativa e *dizer*, *falar* e *escrita* quando ocupante na função acusativa. A tabela 6 sintetiza esses e outros mais representativos de cada função.

Tabela 6 – Verbos mais representativos das funções reflexiva, acusativa e dativa de interesse no corpus do Sertão de Pernambuco

Reflexiva	Acusativo	Dativo de interesse
Preocupar: 11 vezes	Deixar: 10 vezes Levar: 10 vezes	Dizer: 10 vezes Falar: 10 vezes
Sentir: 10 vezes	Considerar, conhecer, entender: 4 vezes	Escrever: 10 vezes
Dentre 108 frases	Dentre 78 frases	Dentre 57 frases

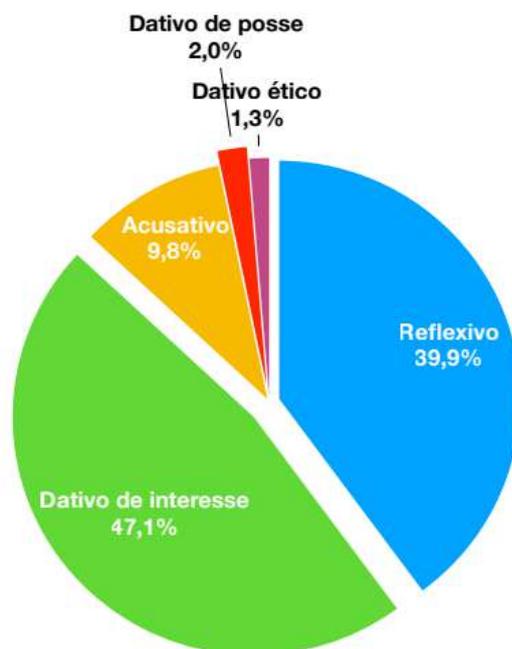
Fonte: a autora

Vale salientar que o número de frases não corresponde ao número de ocorrências, uma vez que, apontamos a totalidade de frases com a classificação reflexiva, acusativa e dativo de interesse, em sua completude, e os verbos registrados são os mais recorrentes, dentro dessa totalidade. Diante disso, como podemos observar, na função reflexiva, temos uma constância dos verbos *preocupar*, *sentir*, verbos que, nesse contexto, podem ser considerados pronominais. Nos acusativos, os verbos *deixar*, *levar*, *considerar* e *entender*, nos dativos de interesse, *dizer*, *falar* e *escrever*, que desempenham, geralmente e respectivamente, funções de objeto direto e indireto.

Realizando uma comparação entre esses verbos mais representativos, com os verbos apresentados no trabalho da Paviani (2004), observamos que as funções desempenhadas pelos verbos nos dativos de interesse são similares, ao compararmos os predicadores *comprar*, *buscar* e *trazer*, com *dizer*, *falar* e *escrever*. analisamos que, geralmente, esses verbos são acompanhados com objeto indireto, não fugindo do que é previsto nas gramáticas de maneira geral, assim como ocorre com os acusativos e reflexivos.

No que se refere aos dados encontrados no *corpus* do Sertão Bahia, além das funções mencionadas, *reflexiva*, *dativo de interesse* e *acusativa*, nos deparamos com o dativo de posse e o ético, como pode ser observado no quadro a seguir, juntamente, com os verbos mais representativos de cada função nesse material:

Gráfico 2 - O comportamento do pronome *me* no corpus do Sertão da Bahia



Fonte: a autora

Observamos que o pronome *me* se apresentou no *corpus* baiano predominantemente, com a função dativo de interesse (47,1%), em seguida, reflexiva (39,9%), acusativa (9,8%), dativo de posse (2,0%) e dativo ético (1,3%). Ou seja, do total de 153 ocorrências com o pronome *me*, 72 foram com dativo de interesse, 61 reflexivas e 15 acusativas, 3 dativo de posse e 2 dativo ético.

No *corpus* da Bahia, temos como verbos mais representativos do dativo de interesse: *dizer*, *dar* e *mandar*. Na função reflexiva: *lembrar*, *esquecer*, *parecer* e *encontrar*. No acusativo: *prevenir*, *conhecer*, *responder*, *esperar*, *agradar* e *convidar*. Dativo de posse: *doer* e dativo ético *entrar* e *chegar*. A tabela 7 sintetiza os verbos mais recorrentes no corpus.

Tabela 7 – Verbos mais representativos do dativo de interesse, reflexiva, acusativa, dativo de posse e ético no *corpus* do Sertão da Bahia

Dativo de interesse	Reflexiva	Acusativo	Dativo de posse	Dativo ético
Dizer: 30 vezes	Lembrar: 10 vezes	Prevenir: 3 vezes	Doer: 3 vezes	Entrar: 1 vez
Dar: 13 vezes	Esquecer, parecer: 4 vezes	Conhecer, responder: 2 vezes	-	Chegar: 1 vez
Mandar: 8 vezes	Encontrar: 3 vezes	Esperar, agradecer, convidar: 1 vez	-	-
Dentre 72 frases	Dentre 61 frases	Dentre 15 frases	Dentre 3 frases	Dentre 2 frases

Fonte: a autora

No trabalho de Paviani (2004), encontramos verbos similares e até mesmo iguais, como verbo *doer*, utilizado no dativo de posse, uma hipótese para explicar o porquê de geralmente, como é visto nos dados da autora e no nosso trabalho, esse verbo estar associado

ao dativo de posse, pode ser explicado pelo evento comunicativo e sentido semântico, ao percebermos que nos contextos observados, esse dativo está ligado a partes do corpo ou objetos, que são inalienáveis, não podem ter sua posse transferida.

Para mais, a autora Paviani (2004) encontra em seu trabalho um resultado divergente em relação às funções exercidas pelo pronome *me*, em virtude de em ambos os nossos materiais encontramos com maior frequência dativos de interesse e função reflexiva, outrora a autor apresenta em seus dados uma grande constância do *me* como enfático e adjunto adnominal como pode ser examinado na tabela a seguir:

Tabela 8 – Resultados das funções encontradas no trabalho da Paviani (2004)

Grupo	Frequência	Porcentagem
Enfático	$\frac{95}{104}$	91%
Adjunto adnominal	$\frac{44}{55}$	81%
Objetivo indireto	$\frac{41}{120}$	34%
Reflexivo	$\frac{0}{71}$	0%
Dupla função	$\frac{0}{8}$	0%
Outros	$\frac{5}{7}$	71%

Fonte: (PAVIANI, 2004. p. 59)

Quanto ao dativo ético, Paviani (2004) traz nos seus resultados a menção aos verbos *fazer*, *comer*, *sair* e *chegar*. Nos nossos dados, nos deparamos com os predicadores *entrar* e *chegar*, que são verbos intransitivos e isso pode explicar o fato de ocorrerem com dativo ético, um elemento comutável com zero, já que sua retirada não implica em problemáticas sintáticas. Porém, a autora, como mencionado, também encontra *fazer* e *comer*, verbos que, geralmente, não são intransitivos, dessa forma, uma explicação para esse fenômeno pode ser encontrada no contexto comunicativo e questões extralinguísticas, como o bilinguismo, contemplado nos dados da pesquisadora.

5.1 As funções exercidas pelo *me*

Tendo isso em vista, podemos partir para as classificações utilizadas nas gramáticas tradicionais, pesquisas anteriores sobre a categorização do pronome *me* e a teoria de valência.

Afirmando que, primeiramente, no tocante ao pronome *me* com a função reflexiva, é apontado tanto no trabalho da Paviani (2004) quanto das gramáticas tradicionais que o pronome *me* reflexivo está ligado à função de sujeito, aquele que faz e recebe a ação, um sujeito agente e paciente, como pode ser visto em (3) e (6). Porém, assim como observam Lacerda, Farias e Matos (2021), além disso, esse pronome também pode ser uma partícula discursiva, ao observamos que mesmo ele sendo retirado da frase, não interfere na estrutura argumental, como nas orações (1), (2), (4), (5):

- (1) Eu não posso *me* casar agora. (Sertão de Pernambuco, C51)
- (2) Para explicar como *me* sinto. (Sertão de Pernambuco, C78)
- (3) “[...]levantando-*me*; entre seis e sete e meia.” (Sertão de Pernambuco, C79)
- (4) Não *me* lembro si escrevi por |S. Amaro ou por Buracica. (Recôncavo da Bahia, C45)
- (5) Tenho sempre *me* esquecido de |compra-las. (Recôncavo da Bahia, C59)
- (6) Cada vez *me* convenço mais que o pessoal |daqui é um furo acima de bicho e um |abaixo da gente. Recôncavo da Bahia, C07)

Pensando na valência dos verbos, por tratar-se de uma função reflexiva interligada ao sujeito, não há alteração nessa valência. Então, pode ser mais adequado afirmar que o *me* com a função reflexiva, representa o sujeito que faz e sofre uma mudança de estado como também, pode ser uma partícula discursiva que não altera a sintaxe, mas é necessária em questões discursivas, para compreender seja o objeto ou o sujeito da oração, bem como, na previsibilidade valencial: ele é a A1 com traços [+] humanos.

Com o caso do acusativo, não encontramos nenhuma problemática em sua classificação, ao significar o objeto direto do predicador, tanto nas colocações de trabalhos anteriores, quanto na teoria da valência verbal, como pode ser observado nos excertos que apresentamos, com os verbos DEIXAR, LEVAR, CONHECER, PREVENIR e RESPONDER, que são verbos bivalentes nesses eventos comunicativos:

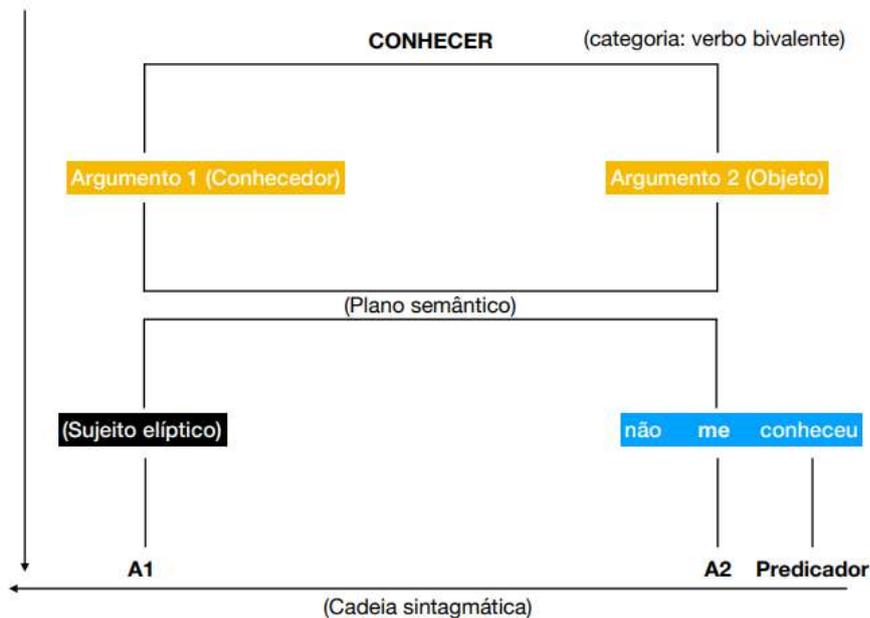
- (7) [...]vivo sepa<↓>⁵radode ti às saudades não *me*deixam[...]. (Sertão de Pernambuco, C08)
- (8) Não sei realmente qual o motivo que leva-*me* | a escrever-te esta.” (Sertão de Pernambuco, C19)
- (9) [...] passou, não *me* | conheceu. (Sertão de Pernambuco, C20)
- (10) [...]e umas moças |Valverde, que *me* conheceram na igreja. (Recôncavo da Bahia, C14)
- (11) [...]previnam-*me* para eu ir | conversar direto com Snr Alberto. (Recôncavo da Bahia, C45)

⁵ Palavra ou frase escrita na entrelinha inferior, conforme as normas de transcrição do PHPB.

(12) Você não tinha escrito a esse respeito |toelle responde-*me* que não. (Recôncavo da Bahia, C35)

Como acusativo, o *me* está presente com o papel temático de paciente em todos os verbos encontrados nos nossos dados e dentro da previsibilidade valencial é a A2, o argumento que ocupa a posição de objeto, com traços [+ humanos]. Como pode ser observado na figura a seguir com o excerto (9):

Figura 2: valência do verbo conhecer



Fonte: a autora

Acerca do dativo de interesse podemos selecionar as seguintes frases:

- (13) [...]na terça | feira de manhã *medisseram* que Genesio meu irmão tinha | chegado. (Sertão de Pernambuco, C78)
 (14) Como *me* pediste para escrever. (Sertão de Pernambuco, C61)
 (15) Socorro veio dar-*me* a notícia. (Sertão de Pernambuco, C100)
 (16) Araújo está *me* dando pressa. (Recôncavo da Bahia, C26)
 (17) Disse *me* Belinha |que Tété Machado foi quem deu uma |ou mais dessa ideias[...] (Recôncavo da Bahia, C17)
 (18) [...]porque a |serpentina foi de lá para juntar á |nota e *me* mandar[...] (Recôncavo da Bahia, C34)

Com esses excertos, nos deparamos com os verbos *dizer*, *pedir*, *dar* e *mandar*. Diferentemente do que é colocado por Rodrigues (2007) - que os dativos de interesse não ocorrem com verbos trivalentes - temos, nesses exemplos, verbos que exigem três espaços

vazios e o *me* é o destinatário da ação verbal. O autor aponta que, via de regra, o dativo de interesse ocorre com verbos bivalentes. Por mais que o autor não trabalhe com o clítico *me*, essa abordagem é relacionada aos dativos de interesse de maneira geral.

Caso olhássemos somente para o que é posto em classificações pelas gramáticas tradicionais e contemporâneas citadas neste trabalho, sobre o dativo de interesse, também não daria conta da abrangência do pronome *me*, que, nessa classificação, realmente é “livre”, uma vez que, não está diretamente ligado ao predicador, como exposto em Bechara (2009) e como pode ser observado no excerto “[...]o | assunto *mifogiu* então até Breve[...]”, já que o *me* indica de forma secundária aquele que aproveita ou predica a ação verbal. Porém, além de ser necessário na sintaxe do verbo, por ele ser um actante, ou seja, um argumento exigido pelo verbo, A2, sua presença é fundamental, observando a previsibilidade valencial e questões discursivas, como a interpretação da frase, uma forma do missivista se posicionar no evento comunicativo.

Compreendemos que Bechara (2009) não abarca o conceito “dativo livre” como se não existisse relação entre o dativo e o predicador, ele aponta que essa categoria representa aquele que aproveita ou predica a ação verbal, mas, não há uma discussão sobre essa relação de liberdade ser somente em relação aos laços entre sujeito e objeto, pois, nesse caso de dativo, o sujeito e objeto são não correferenciais. Lembrando que, nesse trabalho, englobamos o *me* como objeto indireto no conceito de dativo de interesse, já os autores das gramáticas analisadas fazem uma separação.

Bechara (2009) afirma que, de maneira geral, o pronome *me* no português brasileiro desempenha a função de objeto direto, vamos de encontro desse apontamento com os nossos dados que, no Sertão de Pernambuco, surge, em 44,4%, como reflexivo e, no Recôncavo da Bahia, 47,1% é dativo, ou seja, com a função de objeto indireto.

Pensando nas colocações de Paviani (2004), a definição de dativo seria adequada, uma vez que o sujeito e o objeto não são correferenciais, como é posto no conceito que a pesquisadora traz, de que o dativo de interesse indica o envolvimento do sujeito na ação expressa pelo verbo, em uma relação de vantagem e desvantagem, admite o movimento do objeto para a esquerda sem prejuízo do conteúdo emocional, isto é, conteúdo que está intrínseco nas relações positivas ou negativas entre as pessoas ou até mesmo em um objeto ao significar vantagem ou recusa. Além disso, pode ser substituído por “mim”, “para mim” e “de mim”. Como podemos observar no excerto (15) Socorro veio dar-*me* a notícia. Enunciado que poderia ser escrito colocando o objeto para a esquerda e substituindo o *me* por *para mim*: “Socorro veio dar a notícia para mim”.

Esse dativo seria aquele que indica uma vantagem ou desvantagem que alguém possa ter na ação do outro, como pode ser visto nos excertos (19) e (20), que demonstram respectivamente, uma vantagem ao receber um presente e em (20) uma desvantagem ou recusa em ser feita de bobinha:

(19) “[...]o presente tão significativo que você *me* | enviou[...]” (Sertão de Pernambuco, C18)

(20) “[...]precisa muito existir um homem que queira *me* fazer| bobinha[...]” (Sertão de Pernambuco, C44)

Porém, a autora não trabalha com a conceituação de valência, uma abordagem essencial para que entendamos o porquê de esse dativo não poder ser comutável com zero e ser exigido pelo verbo. Isso porque Celso e Cunha (2017) categorizam esse tipo de dativo como comutável com zero, o mesmo que dativo ético e percebemos que essa colocação não é adequada, ao observar as particularidades do pronome observado. Como observamos nesses excertos extraídos dos nossos dados com dativo de interesse (21) e dativo ético (22):

(21) Como *me* pediste para escrever. (Sertão de Pernambuco, C61)

(22) Só ontem *me* chegou uma |carta de Antonio. (Recôncavo da Bahia, C88)

Conseguimos depreender que em (21) o pronome *me* não poderia ser comutável com zero, ele têm um papel relevante no enunciado, ocupa o espaço de argumento, já no excerto (22) o *me* é uma partícula discursiva, uma forma do escrevente se posicionar no evento comunicativo, não funciona como argumento do verbo *chegar*, dessa maneira, é comutável com zero sintaticamente.

Além disso, adentrando na gramática das valências, podemos apontar que o dativo de interesse possui função sintático-discursiva actante, pois a retirada do pronome *me* das frases acarretaria em uma problemática sintático-semântica, como se tirássemos dos dois enunciados a seguir, o pronome *me*, perderíamos o argumento A2 do predicador:

(23) “[...] porque |não concertam a cerca e *me* disseram que |é porque dizem que quem trabalha no concerto do cemiterio morre logo!!!”. (Recôncavo da Bahia, C07)

(24) “Aracy está *me* dando pressa.” (Recôncavo da Bahia, C26)

A seguir, alguns excertos do dativo de posse que encontramos nos dados do Recôncavo da Bahia:

(25) [...]felicemente não *me* doe e não está inchado. (Recôncavo da Bahia, C64)

(26) O meu pé que está indo |muito bem não *me* doe e não está |inchado. (Recôncavo, C68)

(27) Enfim|não me dói[...] (Recôncavo da Bahia, C75)

Nesse tipo de dativo, como coloca Bechara (2009), temos a indicação do possuidor, porém seria mais interessante a classificação da Paviani (2004), ao apontar que esse tipo de dativo apresenta o objeto explícito, com partes do corpo ou objetos de uso particular, de posse intransferível, com função temática de possuidor e benefactivo, como nos excertos que foram apresentados, que tratam sobre o pé da missivista, parte do corpo inalienável.

Pensando na previsibilidade valencial, temos um verbo que não exige como um de seus argumentos, o objeto indireto, assim sua retirada não traria prejuízo sintático, mas, discursivamente, dentro do evento comunicativo, é relevante que esteja presente, já que o evento comunicativo é muito específico ao apresentar objetos ou partes do corpo de posse inalienável mesmo podendo ser deduzido pela implicação da frase, como (25), que dificilmente poderia estar relacionado a outro sujeito, mesmo que não colocado explicitamente.

Com o dativo ético, encontramos os seguintes casos:

(28) [...]pois éra minha |noite com Vóvó e pela manhã |*me* entraram 2 criados novos[...] (Recôncavo da Bahia, C11)

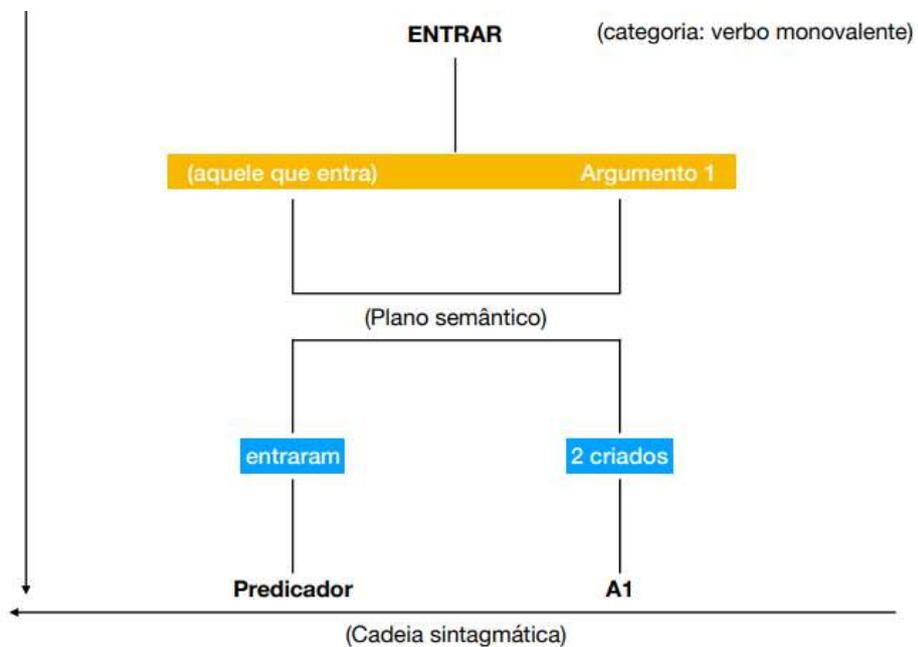
(29) Só hontem*me* chegou uma |carta de Antonio. (Recôncavo da Bahia, C88)

Nessa função, como afirma Paviani (2004), Bechara (2009) e Celso e Cunha (2017), porém esse último, também dá a nomenclatura de dativo de interesse a essa função, que ao analisarmos está dentro da categoria de dativos, mas com outra funcionalidade, temos o dativo ético como um pronome que exprime envolvimento emocional do falante no sentido de moralidade ou para conseguir benevolência para realizar um desejo.

Porém, acreditamos que esse tipo de dativo, segundo o contexto comunicativo que encontramos nesses dados está interligado a questões de afetividade, mas, não moralidade, como nos excertos (28) e (29). Algo que dialoga com o que Paviani (2004) e Celso e Cunha (2017) afirmam é esse pronome ser comutável com zero, visto isso, tanto na transitividade tradicional, quanto valência verbal, pois, o verbo *entrar*, tem em sua valência nesse contexto comunicativo, somente um argumento, o sujeito, *2 criados*, o *me* está de forma enfática, mesmo na transitividade oracional ele não seria necessário, já que, não é afetado pela ação do verbo ou mudança de estado provocada pelo verbo.

Dessa forma, acreditamos que essa função do *me* está intimamente ligada à afetividade nos nossos dados, não moralidade como aponta Paviani (2004), uma vez que, em ambos os casos não temos situações que indiquem a temática moralidade, mas sim afetividade, como em (28) em que a missivista se mostrou afetivamente afetada pela situação de em sua noite com a sua vó terem entrado dois novos criados. Já em (29), a missivista mostrasse afetada afetivamente pela chegada da carta. Não temos um evento comunicativo que indique moralidade, mas sim um envolvimento emocional da missivista com o objeto da frase, o *me* como elemento em que a situação comunicativa se manifesta.

Figura 3: valência do verbo entrar



Fonte: a autora

Nesse excerto, temos o dativo ético, ocorrendo com o verbo *entrar*, um predicador monovalente, que só tem espaço para A1, percebemos por intermédio dessa figura que nem no plano semântico nem na cadeia sintagmática temos a necessidade de colocar o *me* na frase, já que não há prejuízo da interpretação e estrutura frasal, temos a ocorrência do dativo enfático, na tentativa do missivista se posicionar na frase.

Além disso, como estuda Bastos-Gee (2004), o *me* desempenhando a função de dativo ético não pode correferir com elementos referencias na mesma cláusula no Brasil, dessa maneira, bem como aponta a autora e está presente nos nossos excertos, não poderíamos ter a seguinte ocorrência (29) “Só hontem*me* chegou (*ME) uma carta de Antonio.”. Ambos os enunciados que temos no nosso trabalho como dativo ético, corroboram com essa assertiva.

5.2 Grau de transitividade das orações com o pronome *me*

Nesse subcapítulo, na busca por analisar se o mesmo verbo vai apresentar um comportamento diferente em uma época e outra, uma vez que, os *corpora* são datados de períodos divergentes, Sertão de Pernambuco (1956 a 1977) e Recôncavo da Bahia (1911 a 1958), apresentamos a análise dos verbos que coincidiram nos dois *corpora*, observando se há diferença na transitividade da oração.

Os 21 predicadores que coincidiram em ambos os materiais foram: *achar, admirar, agradar, conhecer, dar, dizer, encontrar, enganar, entender, responder, escrever, esquecer, informar, lembrar, levantar, mandar, parecer, pedir, perguntar, recordar e ver.*

Para realizar essa análise, utilizamos os dez critérios de transitividade já mencionados nesse trabalho: participantes, cinese, aspecto do verbo, punctualidade do verbo, intencionalidade do sujeito, polaridade da oração, modalidade da oração, agentividade do sujeito, afetamento do objeto, individuação do objeto, marcando positivo ou negativo para os critérios, como é demonstrado nesse modelo:

Quadro 4 : Modelo do teste de transitividade

-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Critérios	Participantes	Cinese	Aspecto	Punctualidade	Intencionalidade	Polaridade	Modalidade	Agentividade	Afetamento	Individuação

Fonte: a autora

Além disso, aplicamos também, a tabela gradiente da transitividade da oração, para constatar o grau de transitividade do enunciado analisado:

Quadro 5 – TABELA GRADIENTE DE TRANSITIVIDADE

QUANTIDADE DE CRITÉRIOS	TRANSITIVIDADE
0 a 2	Muito baixa
3 a 4	Baixa
5 a 6	Média
7 a 8	Alta

9 a 10	Muito alta
--------	------------

Fonte: Lacerda, Farias e Matos (2021, p.231 apud MATOS, 2011)

Com isso em vista, esses são os enunciados selecionados para o teste de transitividade no material do Sertão de Pernambuco (1956 a 1977):

- (30) “Depois de refleti achei-*me* muito mal educada e muito | ruim.”. (C21)
- (31) “Olhe, muitome admiro, em ser preciso mentir[...].” (C44)
- (32) “[...]eume agradei mar | daquele mão[...].” (C94)
- (33) “[...]passou, não *me* | conheceu.”. (C20)
- (34) “[...]erao nove oras *mi* deu vontade de vim embora[...].” (C25)
- (35) “[...]na terça | feira de manhã *medisseram* que Genesio meu irmão tinha | chegado[...].”(C73)
- (36) “[...]amesmame encontrou com saúde[...].”(C90)
- (37) “[...]Celma se não *me* engano eu tinha te falado[...].” (C86)
- (38) “João sei que você já *me* entenda um pouco[...].” (C19)
- (39) “E depois eu pergun- | tei porque não fizeste e respondestes- *me*[...].”(C75)
- (40) “[...]caso não for possível escreva-*me*.”. (C76)
- (341) “[...]amor então eu não pude mais *me* esquecer[...].”(C34)
- (42) “*Me* informei de tuas colegas sobre recomeço[...].”(C31)
- (43) “[...]deitado e *mi* lembrei que tinha uma carta dentro da | caixa do perfume[...].”(C69)
- (44) “[...]só*mi* levanto 8 horas.” (C68)
- (45) “Procure o preço | e manda-*me* avisar.”. (C117)
- (46) “[...]parece- | *me* que você era bem mais cordial?”. (C56)
- (47) “Como *me* pedistes para escrever[...].” (C61)
- (48) “Sim! Maria, pergun- |ta-*me* se eu tenho coragem de casa | com você <↑contra> seus pais[...].” (C04)
- (49) “Com esta possa recordar-*me* no futuro[...].” (C19)
- (50) “[...]louca pra *mi* ver entam fui a | sua casa[...].” (C35)

Como resultado dessa análise, encontramos o predicador *enganar* com muito baixa transitividade, os verbos *admirar*, *entender*, *parecer*, *recordar* com orações de baixa transitividade, *achar*, *agradar*, *dar*, *encontrar*, *escrever*, *esquecer*, *lembrar*, *mandar* e *ver*, com média transitividade, *conhecer*, *levantar*, *perguntar* e *informar* alta transitividade e *dizer*, *responder* e *pedir* com muito alta transitividade.

Realizamos o mesmo procedimento com o material do Recôncavo da Bahia (1911 a 1958), no qual foram selecionados os seguintes contextos:

- (51) “Como eu estava *me* achando |mais 4 magra, tomei 3 frascos[...].” (C50)
- (52) “[...]já não *me* admiro d'isso[...].” (C90)
- (43) “As novidades e que muito *me* |agradou ao avistar o bonde[...].” (C37)
- (54) “[...]e umas moças |Valverde, que *me* conheceram na igreja.” (C14)
- (55) Hoje devem *me* dar o orçamento |do radio sobre o concerto[...].” (C44)
- (56) “Almir veio otimamente im- |pressionado daí particularmente *me* | disse que não ha comparação entre |as duas fazendas.” (C51)

- (57) “Ainda não *me* encontrei com |Zelito, êle esteve doente da vista.” (C76)
- (58) “Deus permita que *me* engane[...].” (C97)
- (59) “[...]vejo se consigo *me* entender |com Snr Durand e ver o que êle responde.” (C71)
- (60) “Ella *me* respondeu que ficou resolvido não haver |Festa nem no Parque.” (C17)
- (61) “Se faltou algu- |ma compra escreva-*me*[...].” (C79)
- (62) “[...]Antes que *me* |esqueça diga a Tontom que tem arreios[...].” (C01)
- (63) “[...]e mandei pedir a Malú que |
indagasse e *me* informasse quando pensam |pagar a letra M [...]” (C14)
- (64) “[...]só *me* lembrando das emoções crueis que estavam |passando. (C04)
- (65) “[...]bóto despertador para ás 6 ½ |levanto-*me* as 15para as 7 tómo banho[...].” (C53)
- (66) “[...]elle ficou de *me* mandar[...].” (C34)
- (67) “[...]aceitei |por *me* parecer mais segu- ro.” (C89)
- (68) “Recebi ontem um cartão de Carmen |pedindo-*me* para mandar uma en- |
comenda a China.” (C49)
- (69) “Flavio todos os dias |*me* pergunta si V mandou dizer alguma |coisa sobre os noivo s.” (C85)
- (70) “um custava \$ 52,00 e outro não *me* |recordo quanto[...].” (C75)
- (71) “Hildeth esteve aqui que veio *me* |ver.” (C64)

Nesses contextos, os verbos *achar*, *enganar*, *entender* e *lembrar* foram encontrados em orações de baixa transitividade, *admirar*, *agradar*, *encontrar*, *parecer* e *recordar* média, *conhecer*, *escrever*, *esquecer*, *mandar*, *ver*, *informar* e *dar* alta transitividade, *dizer*, *responder*, *levantar*, *pedir* e *perguntar* muito alta transitividade.

Pensando na importância da transitividade para o nosso estudo, podemos apontar os trabalhos de Vanderlei (2014) e Lacerda, Farias e Matos (2021), que objetivam ampliar os estudos sobre o funcionamento do *me* e para isso recorrem à investigação da transitividade oracional, compreendendo a prototipicidade do pronome *me* como objeto direto e indireto e investigando o comportamento do *me* como uma partícula discursiva, fugindo das funções previstas em um cunho mais tradicionalista e analisando se a o grau de transitividade da oração interfere no comportamento do clítico *me*.

Além disso, a transitividade oracional envolve o relevo do discurso (figura/fundo), apontando que nas orações com o pronome *me* temos orações de média à alta transitividade, algo que revela que o *me* está mais para figura nos enunciados, do que fundo, pois, está entre as informações mais relevantes dos contextos. Não está em uma ampliação ou comentário dos assuntos, mas sim, um dos pontos mais importantes do discurso, como pode ser apontado como os verbos *agradar*, *dar*, *encontrar*, *escrever*, *esquecer*, *mandar*, *ver*, *conhecer*, *levantar*, *perguntar*, *informar*, *dizer*, *responder* e *pedir*, que correspondem a 14 dos 21 predicadores investigados.

Utilizando como excertos do relevo do discurso (fundo/figura), respectivamente, podemos apontar os enunciados (37) e (47), mostrando que a transitividade da oração está intimamente ligada ao relevo do discurso, como em (37) temos o predicador *enganar* em uma oração com um grau muito baixo de transitividade, algo que revela o *me* mais como fundo do que figura, já em (47) temos o predicador *pedir* e uma oração com alta transitividade, revelando que o *me* no enunciado está mais para figura do que fundo.

(37) “[...]Celma se não *me* engano eu tinha te falado[...]”. (C86) (fundo)

(47) “Como *me* pedistes para escrever[...]”. (C61) (figura)

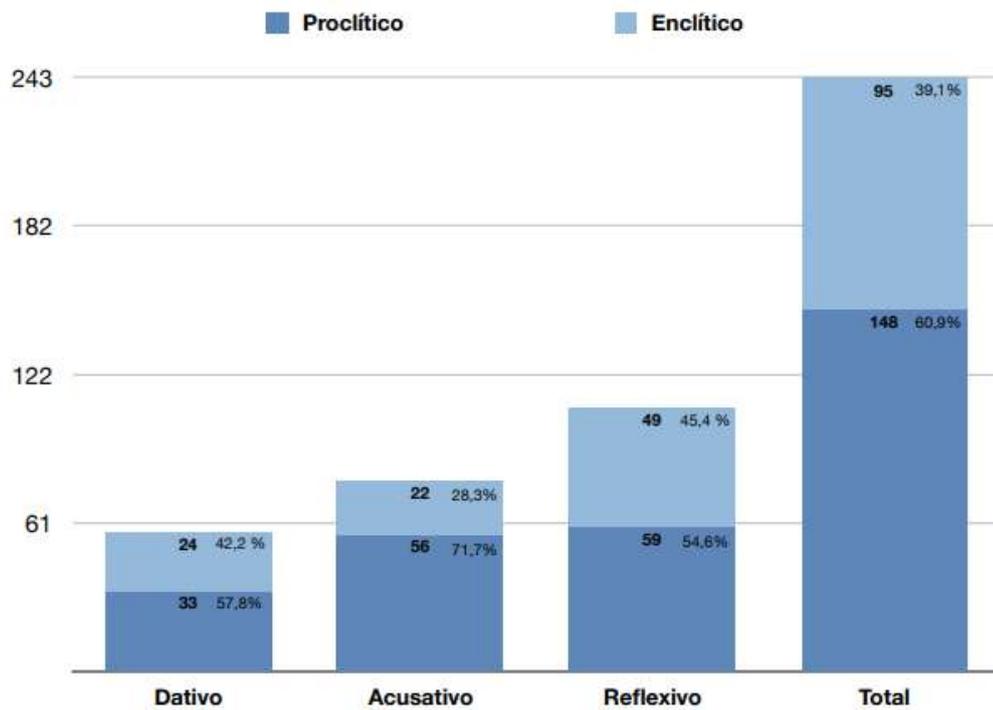
Em suma, realizando um comparativo entre o comportamento dos mesmos verbos nos diferentes contextos, constatamos que não há grandes divergências no comportamento da transitividade das orações, ao observarmos que nos enunciados com os verbos *agradar*, *conhecer*, *dizer*, *encontrar*, *entender* e *responder* o grau de transitividade das orações é o mesmo em ambos os recortes dos materiais. Além disso, os outros verbos que não possuem o mesmo grau de transitividade possuem uma disparidade pequena, uma vez que, tem entre um e dois critérios diferentes, seja participantes, polaridade ou modalidade.

5.3 Colocação pronominal nos *corpora*

Neste subcapítulo, alçamos que a colocação do clítico *me*, a partir dos resultados apresentados na investigação dos *corpora*, corrobora com apontamentos alçados pelos teóricos Martins (2012) e Paviani (2004), visto que é nítida a predileção da posição pré-verbal do pronome *me* nos dados levantados na pesquisa.

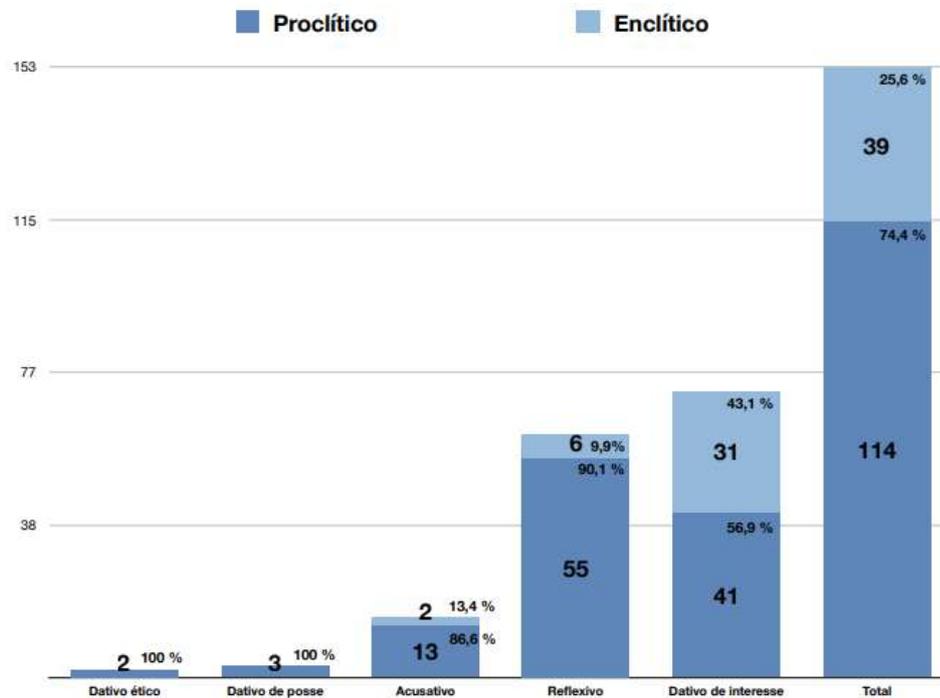
Depreendemos isso das 243 ocorrências, das quais 148 foram proclíticas e 95 enclíticas, a próclise representando 60,9%, conforme será apresentado no gráfico. Com o *corpus* do Sertão da Bahia, encontramos um resultado similar, porém mais acentuado, já que, das 153 ocorrências, 114 são proclíticas e 39 são enclíticas. Independente da função desempenhada, temos um alto índice de próclise, que representam 74,5%.

Gráfico 3 - Colocação pronominal no *corpus* do Sertão de Pernambuco



Fonte: a autora

Gráfico 4 - Colocação pronominal nos *corpus* do Sertão da Bahia



Fonte: a autora

Uma justificativa possível para o alto índice de utilização da próclise pode ser encontrada em alguns apontamentos de Paviani (2004), Mattoso Câmara Jr. (1968), Sail Ali

(1966), ao afirmarem que por uma questão fonética, que dá mais relevo ao pronome, ou melhor, de tonicidade, a próclise é uma tendência. Como já mencionado, alguns gramáticos admitem a tonicidade do *me* e essa pode ser uma hipótese para tantas ocorrências de próclise.

Alguns excertos do *corpus* que apresentam o clítico *me* em posição proclítica, a colocação pronominal mais recorrente no conjunto de dados linguísticos coletados, na função de reflexivo, acusativo, dativo, respectivamente:

(72) “Acho que como *me* sinto talvez | seja até inesplicável.” (C78)

(73) “Tua simpatia *me* domina.” (C01)

(74) “[...]o presente tão significativo que você *me* | enviou[...]” (C18)

Como podemos analisar, a posição proclítica é mais recorrente, mesmo o *me* desempenhando diferentes funções, o único caso em que a divergência não é tão acentuada está no dativo de interesse, no qual temos 56,9% das ocupações proclíticas e 43,1% das enclíticas. A ordem de colocação mais recorrente do *me* proclítico está no desempenho da função reflexiva (75), dativo de interesse (76), acusativo (77), dativo de posse (78) e ético (79), como pode ser visualizado nos excertos a seguir, que representam nessa ordem mencionada as funções desempenhadas pelo clítico *me*:

(75) “Antes que *me* |esqueça diga a Tontom que tem arreios e |” (C01)

(76) “Diga a Ella|que Julieta disse *me* que tambem teve |muita insomnia quando foi ao Angico” (C03)

(77) “[...]e umas moças |Valverde, que *me* conheceram na igreja.” (C14)

(78) (C64) “felismente não *me* doe e não está inchado.”

(79) “[...]pois era minha |noite com Vóvó e pela manhã |*me* entraram 2 criados novos, pois Silverio depois de ficar 1 |anno e meio comnosco[...]”(C11)

Como coloca Martins (2012) em suas investigações a respeito dos fenômenos de ênclise e próclise nas gramáticas do português, por meio de análises de padrões empíricos de colocação dos clíticos, apresentando a sintaxe de ordenação do pronome, em textos brasileiros dos séculos 18 a 20, há variação próclise/ênclise, porém, há um aumento progressivo da próclise. Dessa forma, por apresentarmos nessa pesquisa dados do século XX, corroboramos com essa asserção.

Além disso, por mais que tenhamos uma grande ocorrência da próclise, há variação próclise/ênclise e uma hipótese que pode justificar esse acontecimento está, de acordo com a Martins (2012), na influência do padrão enclítico do PE em textos escritos entre os séculos XVIII e século XX.

Com os nossos dados, vamos ao encontro do que é alçado por Paviani (2004) a respeito da colocação do pronome *me*, posto que a autora apresenta informações em sua pesquisa sobre o objeto de estudo também aqui investigado, que afirmam a predileção pelo uso da próclise em textos que envolvem relações familiares, dialogando com o que é levantado por gramáticos como Said Ali (1969), e linguistas como Mattoso Câmara Jr. (1968) e José L. Monteiro (1988), que afirmam que há uma tendência para o emprego proclítico dos pronomes átonos.

No entanto, um resultado interessante que encontramos é que, mesmo que no material da Bahia, datado entre 1911 e 1958, tenhamos menos cartas e sejam de um período anterior ao *corpus* do Sertão de Pernambuco (1956 e 1977), quando olhamos proporcionalmente, temos mais próclise nos dados do Recôncavo baiano, datados da primeira metade do século XX, do que nos dados do Sertão de Pernambuco, que permeia meados do século XX, imaginariamos que teríamos uma crescente, não o contrário, uma vez que a próclise é uma tendência.

Para entender o porquê dessa colocação pronominal, investigamos esse resultado o relacionando ao contexto morfossintático. Analisamos as sentenças, classificando-as em sentenças infinitivas, gerundivas e com particípio, como em, respectivamente, (80), (81) e (82). Observando se existe relação entre o tipo de sentença e a colocação da próclise.

(80) “[...]eu não posso *meca*=| [fol.2r]sar agora[...]” (C02)

(81) “[...]em você dizer que vive *me* preocupando[...]” (C20)

(82) “[...]eu fiquei | muito satisfeito em você ter *meavizado*.” (C04)

Como resultado da análise dos enunciados com próclise, constatamos que no material do Sertão de Pernambuco, dos 148 contextos nos quais a próclise estava presente, 17 sentenças estavam no infinitivo, 12 eram gerundivas e 5 estavam no particípio, as demais sentenças adentram em outras classificações. Já no material do Recôncavo baiano, dos 114 contextos, 15 eram em sentenças infinitivas, 6 gerundivas, 8 no particípio e as demais não se encaixam nessa categorização. Acreditamos que esse resultado evidencia que não há grande interferência da forma nominal dos verbos das sentenças analisadas na colocação pronominal.

Além disso, analisamos também se a presença da próclise estava associada a partículas atratoras ou a uma próclise mais generalizada, ou seja, a natureza do constituinte que antecede o verbo, que englobaram operadores de negação (83) e (84), sintagmas-Q (interrogativos e exclamativos), (85) e (86), advérbios focalizadores (87), quantificadores (88), advérbios de localização espacial e temporal dêiticos (89), advérbios modais/aspectuais (90) e advérbios

orientados para o sujeito agente (91). Como pode ser observado nos excertos a seguir, extraídos dos nossos dados:

- (83) O meu coração sofre porque vivo separado de ti ás saudades não medeixam[...]" (C 08)
 (84) “[...]mais nunca me tendo visto[...]" (C 20)
 (85) “[...]Dequeme servi tudo isso sem você aqui?[...]" (C 20)
 (86) “[...]quemme avisa amigo é!" (C 52)
 (87) “[...]estando longe de te só me vem em mente[...]" (C 43)
 (88) “Olhe,muitome admiro[...]" (C 44)
 (89) “Só hoje me foi possível ir buscar as cadernetas[...]"(C 24)
 (90) “Sobre a procuração, Cezinha já me mandou.” (C68)
 (91)“Almir veio otimamente im- pressionado daí particularmente me | disse que não ha comparação entre |as duas fazendas.” (C51)

Dentre as partículas atratoras, encontramos:

Operadores negativos: não, nem e nunca.

Sintagma-Q: de que, quem, porque, como e o que.

Focalizadores: só.

Quantificadores: muito, mais e ninguém.

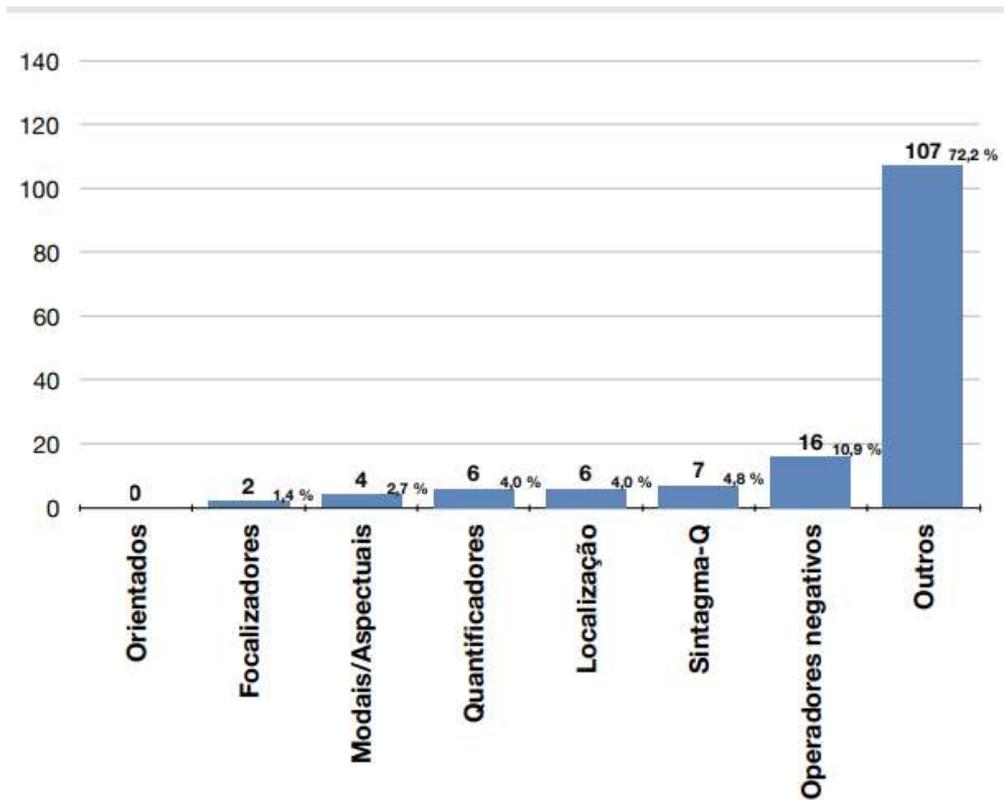
Localização espacial e temporal dêiticos: hoje, ontem, lá, depois, ainda, sempre, cá, quando, manhã e noite.

Modais/aspectuais: já.

Orientados para o sujeito agente: particularmente e realmente.

Como resultados das análises das partículas atratoras nos contextos de próclise dos *corpora*, encontramos os seguintes resultados, dentre os quais a classificação outros engloba elementos que não são partículas atratoras:

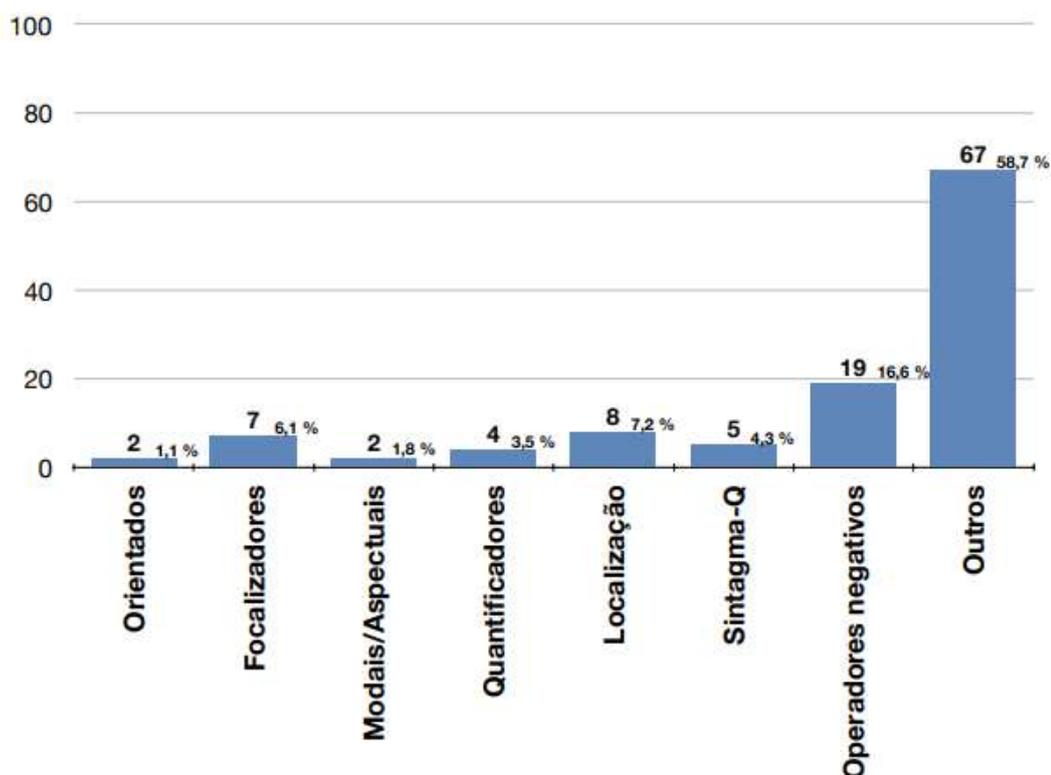
Gráfico 5: Partículas atrativas nas cartas do Sertão de Pernambuco



Fonte: a autora

Com esse gráfico, observamos que o uso da próclise no material do Sertão de Pernambuco é mais generalizado, uma vez que, das 148 ocorrências proclíticas, 107 estão presentes sem o uso dos atratores aqui mencionados, apenas em 41 frases temos a presença de partículas atradoras.

Gráfico 6: Partículas atrativas no Recôncavo da Bahia



Fonte: a autora

Como pode ser observado pelos gráficos, em ambos os materiais temos o uso de uma próclise mais generalizada, correspondendo a mais de 50%, nomeado no gráfico como outros, já que não se encaixam nas partículas atratoras investigadas, esses outros sendo um sujeito (92), verbo (93), substantivo (94) ou conjunção (95). Como pode ser observado nesses excertos:

- (92) “[...]falei com o temente e ele *medespençou* 2 dias[...]” (C73)
- (93) “[...]ao seu lado passei *mi* sinto feliz até de mas[...]” (C65)
- (94) “[...]o que a vida *me* impõe.”(C46)
- (95) “O marceneiro veio ver sua |mobília e *me* diz que raspa[...]” (C95)

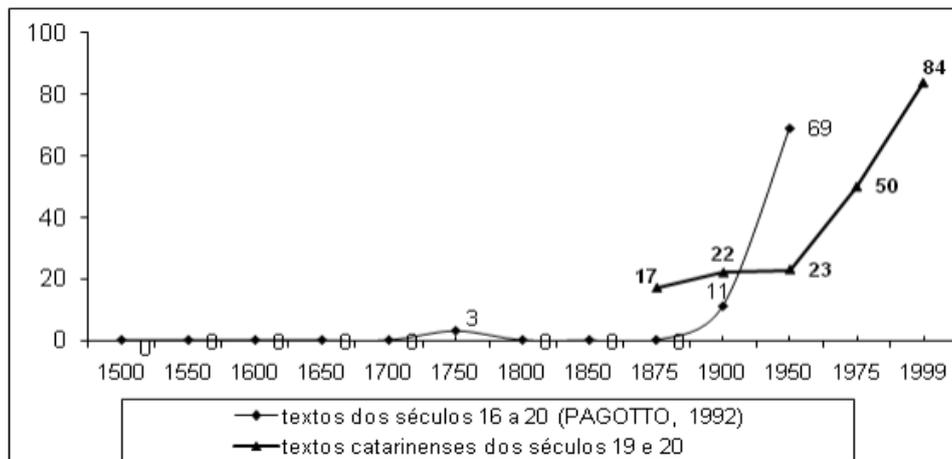
Ao observar isso, podemos afirmar que tanto no material do Recôncavo baiano, quanto do Sertão de Pernambuco temos um uso mais generalizado da próclise. Porém, mesmo com uma quantidade de cartas inferior as do Sertão, as do início e meados do século XX têm proporcionalmente mais partículas atratoras, cerca de 41,3%, enquanto as do Sertão só têm 20,8%.

Esse resultado mostra que o material do Sertão de Pernambuco tem um uso mais generalizado de partículas atratoras, enquanto o corpus da Bahia tem também um uso generalizado na grande maioria, mas temos a próclise em boa parte com o uso de partículas

atratoras, respectivamente, operadores de negação, advérbios de localização e tempo, focalizadores, Sintagma-Q, quantificadores, modais/aspectuais e orientados para o sujeito agente.

Relacionando esse achado com os dados sócio-históricos dos informantes, podemos dizer que, assim como observa Martins (2012), porém em um contexto distinto de textos escritos por brasileiros e portugueses, para observar a evolução da próclise em textos escritos devemos observar o ano de publicação/escrita dos textos, especialmente, o ano de nascimento dos autores, como observamos na figura a seguir:

Figura 4: Próclise ao verbo não-finito em complexos verbais na diacronia do português, por data de publicação/apresentação dos textos



Fonte: (MARTINS, 2010, p. 100)

Como o autor apresenta, em seus dados, há uma crescente da próclise, quer em textos do século 16 a 20, é apresentado um aumento significativo. Ao trazer essa questão para o nosso material e entrelaçá-la aos dados dos escritores das cartas, observamos que o material do Sertão foi escrito por pessoas não ilustres, nascidas em meados do século XX, precisamente, entre as décadas de 50 e 70, de um dos missivistas não temos informação da data de nascimento.

Levando isso em consideração e observando o perfil desses escreventes, apontamos que o uso mais generalizado da próclise e pouca constância de partículas atratoras, pode estar associado a essas pessoas não terem um alto nível de escolaridade, por mais que o perfil dessas pessoas mostre que na época delas, elas eram uma das poucas pessoas escolarizadas, uma vez que, vislumbramos que o pronome *me* é recorrente, como uma forma do missivista se posicionar no evento comunicativo.

Já em relação às missivistas do Recôncavo baiano, poderíamos apontar que o aparecimento constante de partículas atratoras nos contextos pode estar relacionado ao alto grau de escolaridade das escreventes, por mais que não tenhamos informações precisas a respeito de todas as missivistas, nos relatos sócio-históricos das escreventes, temos sempre o apontamento que tratavam-se de pessoas cultas, da alta sociedade, que tinham acesso a educação formal.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Respondendo as nossas perguntas norteadoras, a respeito das funcionalidades do clítico *me* observamos que as gramáticas tradicionais e gramáticas descritivas não abarcam as particularidades do pronome dativo ético, ao não mencionarem sua capacidade de ser uma partícula discursiva, um elemento comutável com zero na estrutura frasal, não actante, mas que no contexto comunicativo posiciona o escrevente e pode estar associada a questões de moralidade e afetividade, algo que é investigado em algumas pesquisas de cunho funcionalista, como os estudos de Vanderlei (2014) e Lacerda, Farias e Matos (2021).

No tocante à questão sobre um comparativo do comportamento do pronome *me* entre as duas regiões, existindo a possibilidade da função do clítico *me* interferir na colocação pronominal, analisamos que independente da função desempenhada temos uma crescente da próclise.

Com as análises realizadas, podemos depreender vários aspectos do pronome *me*, classificações, funções, contextos discursivos e colocação pronominal. Levando em consideração a natureza dos nossos dados que em seus contextos comunicativo e graus de intimidade, favorecem o surgimento do pronome investigado.

Em relação às classificações encontradas nas gramáticas tradicionais e gramáticas descritivas, o pronome *me* foi descrito em questões sintáticas, abarcando as classificações de objeto direto, objeto indireto, reflexiva, dativo ético, dativo de posse e dativo de interesse nas gramáticas tradicionais. Já nas gramáticas descritivas tivemos as classificações de objeto direto, objeto indireto e reflexiva.

Diferentemente dessas classificações e suas implicações, os estudos funcionalistas consultados investigam o pronome *me* em um campo mais discursivo, apontando que esse pronome, quando dativo ético, surge mais para marcar o papel do sujeito do que da ação verbal, pois o verbo não precisa dele para se configurar sintaticamente, mas, no nível semântico pragmático necessita, para evocar o ambiente em que a mudança de estado está acontecendo e o sujeito da ação está relacionado ao papel de paciente.

Além disso, diferentemente do que é apontado por Paviani (2004), ao abordar o dativo ético somente como uma função que envolve moralidade entre os participantes da ação do predador, nos contextos que encontramos o dativo ético não havia moralidade envolvida na situação discursiva, assim, para entendermos melhor o uso dessa classificação recorreremos aos estudos funcionalistas que apontam que necessariamente não precisa envolver questões

morais, pois temos uma partícula discursiva, que também pode envolver afetividade, como encontramos nos nossos dados com os predicadores *entrar* e *sair*.

No tocante às funções assumidas pelo pronome *me* nos *corpora* analisados, em ambos os materiais nos deparamos com as funções acusativa, dativo de interesse e reflexiva. Porém, somente no material do Recôncavo baiano nos deparamos com o dativo de posse e dativo ético. Acreditamos que por os *corpora* terem eventos comunicativos, recorte temporal e graus de intimidade diferentes, além do perfil dos escreventes ser diverso, propiciou esse surgimento, já que, o dativo de posse aparece em eventos comunicativos muito específicos que envolvem partes do corpo e posse inalienável, já o dativo ético surge, como podemos observar em contextos que envolvem moralidade ou afetividade, sendo uma partícula discursiva. Em relação à colocação pronominal, diferentemente do que esperávamos na nossa hipótese inicial de que com o passar do tempo à próclise é uma tendência, o material do Recôncavo baiano nos surpreendeu, pois, mesmo sendo de um recorte temporal anterior ao do material do Sertão de Pernambuco, apresentou mais recorrências da próclise, em um uso mais generalizado.

REFERÊNCIAS

- ALI, M. Said. **Gramática Secundária da Língua Portuguesa**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1969.
- ANDRADE, O. **Obras completas**, Volumes 6-7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- AZEREDO, José. **Fundamentos de Gramática do português**. Rio de Janeiro: Editora: Jorge Zahar Editor Ltda., 2000.
- BASTOS-GEE, ANA. **Crossover (cruzamento) andethical pronouns in Brazilian Portuguese**. (2004).
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BRANDÃO, Claudio. **Sintaxe clássica portuguesa**. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963.
- CAMBRAIA, César. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 86-107. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2267200/mod_resource/content/1/Tipo%20de%20edi%C3%A7%C3%A3o%20-%20Cambraia.pdf> Acesso em: 09 de ago. de 2022.
- CARNEIRO, Zenaide. **Cartas brasileiras (1809-1904)**: um estudo linguístico-filológico. 2005. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2005.
- CARNEIRO, Zenaide; OLIVEIRA, Mariana; ALMEIDA, Norma. **Cartas brasileiras (1809-2000)**: coletânea de fontes para o estudo do português. Feira de Santana: Editora UEFS, 2011.
- CARVALHO, Dannel. **A estrutura interna dos pronomes pessoais em Português Brasileiro**. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2008.
- CARVALHO, D; BRITO, D. **Pronomes: morfossintaxe e semântica**. Salvador: EDUFBA, 2018.
- CEGALLA, Domingos. **Nova minigramática da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CORPUS DOHS. **Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão**. Disponível em: <<http://www.tycho.iel.unicamp.br/cedohs/corpora/catalog-CB.html>> Acesso em: 01 de jan. de 2021.
- COUTINHO, Ismael. **Gramática histórica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.
- CUNHA, Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2020. p. 157 – 176.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexicon, 2017.

CUNHA, M.; COSTA, M.; CEZARIO, M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M.; OLIVEIRA, M.; MARTELOTA, M. (Orgs.). **Linguística Funcional: Teoria e prática**. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

CYRINO, Sonia. **O objeto nulo no português do Brasil**. Londrina: Editora da UEL, 1997.

FARACO, Carlos. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo histórico das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

GALVES, Charlote; ABAURRE, Maria. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: CASTILHO, A. e BASÍLIO M. (Orgs.). **Gramática do Português Falado**. Vol IV. Estudos Descritivos. Campinas: Editora da UNICAMP. 2002. p. 267-313. Disponível em http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/pesquisa/artigos/ABAURRE_MBetalFase1a.pdf. Acesso em: 18 de ago. de 2019.

GALVES, Charlote. **Padrões rítmicos, fixação de parâmetros e mudança linguística: Fase II**. (Projeto de pesquisa FAPESP). Campinas: Unicamp, 2004.

GALVES, Charlote; TORRES MORAIS, Maria; RIBEIRO, Ilza. Syntax and Morphology in the placement of clitics in European na Brazilian Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 4, n. 2, p. 143-177, 2005.

GALVES, Charlote; BRITTO, Helena; PAIXÃO DE SOUSA, Maria. The change in clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: results from the Tycho Brahe Corpus. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 4, n. 1, Special Issue on variation and change in the Iberian languages: the Peninsula and beyond, p. 39-67, 2005.

HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Oxford University Press, 2014.

HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Oxford University Press, 2004.

HOPPER, Paul. e THOMPSON, Sandra. 1980. Transitivity in grammar and discourse. **Language** 56 (2): 251-299.

KATO, M. Formas de Funcionalismo na sintaxe. **DELTA**. N. especial, v.14. São Paulo, 1998. Disponível em: HTTP://www.leffa.pro.br/tela2/periodicos/delta/delta_14_especial.pdf. Acesso em: 04 de jan. de 2022.

Laboratório de Documentação Linguística de Pernambuco. **Manuscritos** (cartas pessoais, século xx, Sertão do Pajeú, 1956 a 1977). Disponível em: <http://www.ledoc.com.br/documento>. Acesso em: 18 de ago. de 2019.

LACERDA, A.; FARIAS, A. MATOS, D. A partícula discursiva *me*. In: MATOS, D. (Org.), **Sintaxe na Linguística Funcional**. João Pessoa: Editora UFPB, 2021. p. 213-237. Disponível em:

<http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/view/687/983/9524-1>

Acesso em: 14 de jan. de 2022.

LIMA, Talys. **“Maria eu observei nas palavras que mandastes dizer na carta que tu ainda duvidas do meu amor, mas você não tem razão de assim se expressar”**: a variação dos pronomes pessoais Tu e Você em cartas de amor rurais do sertão pernambucano. 2018. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, campus Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Pernambuco 2018.

LOBO, Tânia. **A colocação dos clíticos em português**: duas sincronias em confronto. 1992. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1992.

MARTINS, Ana. **Clíticos na história do português**. 1994. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994.

MARTINS, Marcos. **A colocação de pronomes clíticos na escrita brasileira**: para o estudo das gramáticas do Português. Natal: EDUFRN, 2012.

MARTINS, Marcos. **Competição de gramáticas do português na escrita catarinense dos séculos 19 e 20**. 2009. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MODESTO, A. ABORDAGENS FUNCIONALISTAS. **Revista LetraMagma**. N. 4, 2006. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura. Disponível em: <http://www.letramagma.com/Abordagens.pdf>. Acesso em: 12 de nov. de 2021.

NASCIMENTO, T. **O uso do pronome me em cartas campesinas do sertão do Pajeú em meados do século XX (1956 a 1977)**. 2019. 32 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, campus Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Pernambuco 2019.

NEVES. Maria. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NEVES. Maria. **A GRAMÁTICA passada a limpo**: conceitos, análise e parâmetro. São Paulo: Parábola, 2012.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria. **Língua barroca**: sintaxe histórica do português nos 1600. 2004. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

PAGOTTO, Emilio. **A posição dos clíticos em português**: um estudo diacrônico. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

PAGOTTO, Emilio. Clíticos, mudança e seleção natural. In. ROBERTS, Ian, KATO, Mary A. (Org.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, p. 185-206.

PAGOTTO, Emilio. Norma e condescendência, ciência e pureza. **Língua e instrumentos linguísticos**, n. 3. Campinas: Pontes, 1998.

PAVIANI, Neires. **O pronome ético: uma característica dialetal**. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

PERINI, Mário. **Estudos de Gramática descritiva: as valências verbais**. 2007. São Paulo: Parábola, 2007.

PERINI, Mário. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.

RODRIGUES, Bruno. **Estudo Descritivo dos Usos do Clítico *lhe* na Variedade formal do Português**. Dissertação (Mestrado) – DEPARTAMENTO DE LETRAS. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

TEKAVCIC. Pavao. **Grammatica storica dell'italiano: il morfosintassi**. Bologna. V. IV, Mulino, 1980.

SOUSA. R. A teoria sistêmico funcional: uma contribuição. **Revista Interdisciplinar Dossiê: Literatura e Resistência Versão Digital**. V. 9. N. 13. 2015. p. 208-219. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/viewFile/2695/2819>. Acesso em: 04 de jan. de 2022.

SILVA, Antonia. **As formas da função acusativa em cartas de amor do sertão pernambucano: entre variação e tradição discursiva**. 2019 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, campus Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Pernambuco 2019.

TORRES MORAIS, Maria. **Do Português Clássico ao Português Europeu Moderno: um estudo diacrônico da cliticização e do movimento do verbo**. 1995. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

TOURINHO. J. **DATIVO ÉTICO: UM ESTUDO SOBRE COMPORTAMENTO DO PRONOME NÃOARGUMENTAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**. Monografia (Bacharelado em Letras) - Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília. Brasília, 2015.

VANDERLEI, D. **Transitividade oracional: reflexões sobre a função textual-discursiva dos pronomes o(s), a(s), me, te**. 2014. (Dissertação) Mestrado em Estudos Linguísticos. Universidade Federal da Paraíba – UFPB. João Pessoa, 2014.

WELKER, H. A valência verbal em três dicionários brasileiros. **Linguagem e Ensino**. Vol. 8, N. 1, 2005. p. 73-100

ANEXO 1 - RECORTE DOS CONTEXTOS COLETADOS A PARTIR DO MATERIAL DO SERTÃO DE PERNAMBUCO

- 1 – “[...]quando uma feliz noticia me desperta tra- | sendo grande alegria e satisfação[...]
- 2 – “[...]tua simpatia me domina[...]
- 3 – “[...]felizmeconsi- | dero somente em ti amar[...]
- 4 – “[...]sabendo que você não | me ama[...]
- 5 – “[...]nãome considera[...]
- 6 – “[...]recebi sua | carta que veio metraser uma grande | surpresa[...]
- 7 – “[...]eu não posso meca=| [fol.2r]sar agora[...]
- 8 – “[...]eu fiquei | muito satisfeito em você ter meavizado.”
- 9 – “[...]se<↑tinha>me avisado á mais tempo | tinha evitado[...]
- 10 – “Sim! Maria, pergun- |ta-me se eu tenho coragem de casa | com você <↑contra> seus pais[...]
- 11 – “[...]fale sobre | este assunto a téus pais e depois me | diga o que eles disseram[...]
- 12 – “Olhe Maria fale em casa | para eu poder me decidir.”
- 13 – “[...]Deus resolverá e eu me | casarei contigo.”
- 14 – “Maria se túme amas de verdade responda esta carta[...]
- 15 – “O meu coração sofre porque vivo sepa<□=>|rado de ti ás saudades não medeixam[...]
- 16 – “Maria o postal que túme enviaste é | o retrato da nossa futura união[...]
- 17 – “[...]a responder a tua cartinha que veio | envolver-me de alegria[...]
- 18 – “Passo agora á defender-me: | Olha, Maria Domingo eu não tive | relações[...]
- 19 – “[...]peço que túmedi= |gasquem é esta maldisente.”
- 20 – “Olhe tenho ancias em | [[em]] mevistar contigo para o meu coração[...]
- 21 – “[...]eu fiz | plano de confessar-me para fazer uma | comunhão domingo.”
- 22 – “[...]mesmo tendo mediver- | tido um pouco[...]
- 23 – “Alegrei-me como sempre ao ver a alegria | dos outros[...]
- 24 – “[...]mande-me falar se pegou no livro algum dia.”
- 25 – “[...]Atenciosamente despeço-me com muitas saudades[...]
- 26 – “Despeço-mi”
- 27 – “[...]o presente tão significativo que você me | enviou[...]
- 28 – “[...]o | assunto mifogiu então até Breve[...]
- 29 – “Não sei realmente qual o motivo que leva-me | a escrever-te esta.”
- 30 – “João sei que você já me entenda um pouco[...]
- 31 – “Com esta possa recordar-me no futuro[...]
- “[...]amiga se assim ~~me~~ considerar-me.”
- 32 – “Dona Carlinda me falou que você veio em Triunfo[...]
- 33 – “Decida-se e escreva-me, certo?”
- 34 – “[...]carta que deixou-me um tanto confusa.”

- 35 – “[...]em você dizer que vive **me** preocupando[...]
- 36 – “[...]comovészeu**me** preocupe[...]
- 37 – “[...]e**me** preocupo em não ter uma certesa definitiva[...]
- 38 – “[...]mais nunca **me** tendo visto[...]
- 39 – “[...]passou, não **me** | conheceu.”
- 40 – “[...]Deque**me** servi tudo isso sem você aqui[...]
- 41 – “[...]Nada mais **me** interessa, se você não está[...]
- 42 – “Da amiga ou sua como ainda **me** considerar.”
- 43 – “[...]peço que faça uma fogueirinha | ou devova-**me**.”
- 44 – “[...]sei que você **me** entende um pou -|quinho, ou não?”
- 45 – “[...]os aperreios que **me** apavoram em certos movimentos[...]
- 46 – “[...]há horas que não | chego a compreender-**me**[...]
- 48 – “[...]você julgou-**me** querer terminar.”
- 49 – “Depois de refleti achei-**me** muito mal educada e muito | ruim.”
- 50 – “[...]desculpe-**me** se lhe | ofendi[...]
- 51 – “[...]falaram-**me** que parese que você estava triste com a | carta[...]
- 52 – “[...]você não tiver **me** odiado se tiver, adeus!”
- 53 – “Fiquei muito preocupada quando | Carlinda **medisse**[...]
- 54 – “[...]dirijo-**me** | a responder sua micíva[...]
- 55 – “[...]a qual veio-**me** causar grande alegria.”
- 56 – “Por isso **me** | conformo.”
- 57 – “[...]mas não **me** escreva mentindo[...]
- 58 – “Mande-**me** falar se você mandou o postal[...]
- 59 – “[...]com muitas sauda - | des acino-**me**.”
- 60 – “Mais uma vez (a foto) querido mande-**me** logo!!!”
- 61 – “A razão que leva-**me** a dirigir-te[...]
- 62 – “Amor, subscrevo-**me**, com lembranças | atodos[...]
- 63 – “[...]erao nove oras **mi** deu vontade de vim embora[...]
- 64 – “Olhe Querida eu nem **mi** perdi na quele | dia[...]
- 65 – “Esta missiva carta que veio | dechar-**me** bem feliz.”
- 66 – “[...]vou despedir-**me** com este pensamento[...]
- 67 – “Reflita se realmente ama e escreva-**me**.”
- 68 – “[...]as saudades que | **me** sufocam dia após dia[...]
- 69 – “Senti-**me** muito feliz[...]
- 70 – “[...]também não **me** falaste nada[...]
- 71 – “**Me** informei de tuas colegas sobre recomeço[...]
- 72 – “[...]acho que já **me** |conheces como sou para ir festas[...]

- 73 – “[...]paresse que alguma coisa | **me** ofendeu[...]
- 74 – “Com muitas saudades despeço-**me**”
- 75 – “Como le falei que ia seiø que **me** | esperou um pouco[...]
- 76 – “[...]eu acho lindo é **mi** sinto Feliz[...]
- 77 – “[...]amor então eu não pude mais **me** esquecer[...]
- 78 – “[...]louca pra **mi** ver entam fui a | sua casa[...]
- 79 – “[...]mas**me**alistrei já estou ganhando pesso[...]
- 80 – “[...]estasanciosa pra | **mi** vir não queria saber o quanto estou também[...]
- 81 – “[...]veiodeichar-**me** bem feliz e despreocupado.”
- 82 – “[...]não**mi** prejudica não pude esperar si eu não[...]
- 83 – “[...]bacana foi aquela muchila de balinha que você | **mi** deu[...]
- 84 – “[...]estava**me** arrumando para ir au Recife
- 85 – “[...]longe você esta comigo sempre **me** ajudando[...]
- 86 – “[...]ficaste triste porque não **me** viu mas ainda[...]
- 87 – “[...]sei que **me** entende[...]
- 88 – “[...]você**me** livrou do mal destino esta musica[....]
- 89 – “[...]você falou na carta que tinha uma coisa pra **mi** | contar[....]
- 90 – “Olhe outra coisa **mi**deich ou triste ontem[...]
- 91 – “[...]istome preocupa[...]
- 92 – “[...]estava**me** servindo mas quando eu receber dinheiro[...]
- 93 – “[...]não sei porque **me** preocupei[...]
- 94 – “[...]estando longe de te só **me** vem em mente[...]
- 95 – “[...]saber histórias que **me** fazem | ficar em dúvidas.”
- 96 – “[...]**me** contaram que no | dia 31 de maio “você” estava dançando[...]
- 97 – “[...]mas**me** disseram[...]
- 98 – “[...]istome fez | sofrer muito[...]
- 99 – “João! perdoe-**me** eu não querer ir a festa.”
- 100 – “[...]a máxima urgência dedico-**me** a respondê-la[...]
- 101 – “Olhe, muito**me** admiro[...]
- 102 – “[...]precisa muito existir um homem que queira **me** fazer| bobinha[...]
- 103 – “Escreva-**me**, logo por favor[...]
- 104 – “Despeço-**me**:| tens, da minha parte[...]
- 105 – “Só não quero que continues mentindo-**me**, certo?”
- 106 – “[...]quinze de agosto e nada de grave aconteceu-**me**.”
- 107 – “O que mais **me**preocupa[...]
- 108 – “D. Carlinda **me** falou que tu não | falou a sua mãe a respeito disto.”
- 109 – “Como sabes eu **me** preocupo.”

- 110 – “[...]principalmente quando estes **me** são queridos.”
- 111 – “[...]com a | máxima urgência dedico-**me** a respon- | dê-la[...].”
- 112 – “[...]o que a vida **me** impõe.”
- 113 – “[...]quando**me** esforço a coisa | piora.”
- 114 – “Com muita, | muita, muita vontade de te ver, despe- | ço-**me**.”
- 115 – “[...]eu nunca | **me**perduaria.”
- 116 – “João! Benzinho, não **me** conformo de maneira | alguma ficar longe de você.”
- 117 – “você é a única pessoa que | **me**compreende[...].”
- 118 – “O que muito **me** preocupa é que não sabemos como será o | dia de amanhã.”
- 119 – “Só uma coisa **me** deixou chocada[...].”
- 120 – “Olha! Deixa pra lá, não quero aborecer-te com o que **me** | acontecer.”
- 121 – “[...]mesmo que **me** esforce não consigo fazer uma | carta normal[...].”
- 122 – “[...]assim**me** faz acreditar que| ao menos um pouquinho, gosta de mim.”
- 123 – “Com muito amor, despeço-**me**[...].”
- 124 – “Recebi seu recado; isto **me** deixa muito contente[...].”
- 125 – “Foi este o motivo| principal que **me** fez escrever[...].”
- 126 – “Foi este o| motivo que levou-**me** a tarde com ela.”
- 127 – “Ela **me** deu conselhos le-| gal, bacana mesmo.”
- 128 – “Fico aguardando carta sua; escreva-**me**.”
- 129 – Será que dá| para escrever-**me**?”
- 130 – “Sabe; o que mais **me** preocupa é não ter a plena certeza[...].”
- 131 – “Olha João o que leva-**me** a| escrever-te é justamente isto[...].”
- 132 – “Não sei, como já te falei tantas vezes, se **me** é permitido[...].”
- 133 – “[...]meter-**me**| tanto na tua vida[...].”
- 134 – “[...]quem**me** avisa **amigo** é!”
- 135 – “O| motivo que **me** impede é este[...].”
- 136 – “[...]**me** botaram como responsável[...].”
- 137 – “Mande-**me** avisar.”
- 138 – “Apresso-**me** em escrever-lhe esta[...].”
- 139 – “Desculpe-**me** incomodá-lo tanto[...].”
- 140 – “Subscrevo-**me**:”
- 141 – “E’ este o motivo que levou-**me** a escrever-te.”
- 142 – “[...]não**me**lem- | bro qual de nós dois é quem ficou de escrever primeiro.”
- 143 – “[...]parece-| **me** que você era bem mais cordial?”
- 144 – “Acho que **me**acostumei[...].”
- 145 – “[...]o motivo | que **me** leva a escrever-te são audades.”
- 146 – “Assino-**me**”

- 147 – “O motivo que leva-me (*sic*) a escre- | ver-te[...]”
- 148 – “[...]se for possível escreva-| me[...]”
- 149 – “Despeço-me com saudades[...]
- 150 – “Como me pedistes para escrever[...]
- 151 – “[...]ao seu lado passei mesent[[i]]i fezi à té de | de mas só não foi melho[...]
- 152 – “[...]ao seu lado passei mi sinto feliz até de mas[...]
- 153 – “[...]entendido eu mas mesmo assim senti-me emocionado | dansando com você.”
- 154 – “[...]graças a Deus liveri-me de todas 3[...]
- 155 – “[...]sómi levanto 8 horas.”
- 156 – “[...]deitado e mi lembrei que tinha uma carta dentro da | caixa do perfume[...]
- 157 – “[...]Sim hoje eu me mudei de hotel [...]
- 158 – “Sim você disse que esta me esperando sexta feira[...]
- 159 – “[...]pode | ir pra o sítio e meesper lá sertto[...]
- 160 – “Despesso-me[...]
- 161 – “[...]eu tinha | meentrigado[...]
- 162 – “[...]na terça | feira de manhã medisseram que Genesio meu irmão tinha | chegou[...]
- 163 – “[...]falei com o tem
- 164 – ente e ele medespençou 2 dias[...]
- 165 – “[...]o motorista do ô nibons veio meprocupar[...]
- 166 – “Então na hora não lembrei-me de dentes[...]
- 167 – “[...]não sei porque a distância me separa de você[...]
- 168 – “[...]mas a [fol. 1v] consciência me pede.”
- 169 – “E depois eu pergun-| tei porque não fizeste e respondestes- me[...]
- 170 – “[...]levou- me a escrever-te esta.”
- 171 – “[...]se não derem- me licença eu não posso ir para o sítio.”
- 172 – “Mas uma coisa me causa medo[...]
- 173 – “[...]caso não for possível escreva-me.”
- 174 – “Quase me mordo ao pensar[...]
- 175 – “[...]leve-me com você[...]
- 176 – “Levantei-me às 5 horas[...]
- 177 – “[...]leve-me em seus pensamento[...]
- 178 – “me falaram que você deixou um beijo e um| abraço é verdade?”
- 179 – “Você pergunta como estou me sentindo como | noiva!”
- 180 – “[...]para explicar como me sinto[...]
- 181 – “Acho que como me sinto talvez | seja até inesplicável.”
- 182 – “[...]sempre mais preocupando-me com você.”
- 183 – “[...]elasme receberam muito bem[...]

- 184 – “Desculpa-me, não mandar uma mensa- | gem bem elegante[...]”
- 185 – “não posso me preparar agora[...]”
- 186 – “Acho que você me entende | não?”
- 187 – “[...]levantando-me; entre seis e sete e meia.”
- 189 – “[...]istome deixa muito feliz[...]
- 190 – “[...]com o mesmo despeço-me[...]
- 191 – “Despeço-me lembrando-lhe que | pessa a Deus[...]
- 192 – “Desculpe-me incomodar-te.”
- 193 – “[...]mais no momento que lembrei-me não sei porque passou[...]
- 194 – “Duas razões levam-me a escrever | esta pequena missiva.”
- 195 – “[...]papito faz | questão de dar-me[...]
- 196 – “[...]Celma se não me engano eu tinha te falado[...]
- 197 – “[...]mi lembrei de você[...]
- 198 – “[...]porque eu mi sinto bem feliz[...]
- 199 – “[...]você deve estar me esperando[...]
- 200 – “[...]me deixou contente[...]
- 201 – “[...]amesmame encontrou com saúde[...]
- 202 – “[...]me sinto feliz[...]
- 203 – “[...]amesma veio deicharme bem[...]
- 204 – “[...]lembro-me dos momentos | que ao teu lado[...]
- 205 – “[...]me sinto o homem mais feliz.”
- 206 – “[...]porqueme falaram que a política ai estava esquentan- | do[...]
- 207 – “[...]lembrei-me de você e senti | muitas saudades[...]
- 208 – “[...]eume agradei mar | daquele mão[...]
- 209 – “[...]mandemediser[...]
- 210 – “[...]as saudades já estão me | maltratando[...]
- 211 – “De início quero mais uma vez | desculpar-me por ter enviado aquela carta[...]
- 212 – “[...]quase levou-me a lou- | cura[...]
- 213 – “Meu bem, você já me perdoou?”
- 214 – “Carlinda falou-me que tudo | indica que a operação será amanhã[...]
- 215 – “Fale-me de tudo, tá?”
- 216 – “[...]só o que meperse- | gui é a saudade.”
- 217 – “Vem me dizer te quero”
- 218 – “[...]hoje mesmo apreço-me em responder.”
- 219 – “Se não meengano[...]
- 220 – “Socorro veio dar-me seu recado.”
- 221 – “Quando possível escreva-me.”

- 222 – “Esta tal política | deixa-**me** tão doida[...]”
- 223 – “[...]desculpe- | -**me** ter saído hoje sem aliança, não foi culpa minha.”
- 224 – “Então vendo a carta | dirigi-**me** para ver a quem pertencia.”
- 225 – “Com amor e saudades assimo-**me**[...]”
- 226 – “Só o que **me** faz ficar tonta é medo de ingeções[...]
- 227 – “O chato é que não lembrei-**me** de lhe consultar[...]
- 228 – “Caso você não gostar | mande-**medizer**[...]”
- 229 – “[...]**me** deitei pensando em escrever[...]
- 230 – “[...]**me** levantei depreça e fui receber[...]
- 231 – “[...]a noite **mi** acordei hoje com sono[...]
- 232 – “[...]ele disse que queria **mi** conhecer[...]
- 233 – “[...]ele disse que já **mi** | conhecia[...]
- 234 – “[...]o Sargento estava **me** chamando[...]
- 235 – “[...]pesso que | desculpe-**me**[...]”
- 236 – “[...]tenho que ir **mi** apresentar em Petrolina[...]
- 237 – “Procure o preço | e manda-**me** avisar.”
- 238 – “[...]a razão que | **me** faz dirigir está missiva.”
- 239 – “[...]dando para deixarem-**me** poxa estão.”
- 240 – “Isto **me** deixa bastante preocupa - | da.”
- 241 – “[...]assim eu | **me** sinto segura[...]
- 242 – “[...]**me** sinto alguém[...]
- 243 – “Iste fato esta semana está **me** preocupando muito.”

ANEXO 2 - RECORTE DOS CONTEXTOS COLETADOS A PARTIR DO MATERIAL DO RECÔNCAVO BAIANO

- 1 – “[...]Antes que **me** |esqueça diga a Tontom que tem arreios e |cavallos suficientes para uma ou mesmo | duas visitas[...].”
- 2 – “Não **me** parecia estar cá **fóra.**”
- 3 – “[...]a noite dá **me** preguiça de escre- |ver.”
- 4 – “Diga a Ella|que Julieta disse **me** que tambem teve |muita insomnia[...].”
- 5 – “[...]só **me** lembrando das emoções crueis que estavam |passando.
- 6 – “A minha |dôr é grande por não poder estar aho nessa |ocasião, mas resigno **me** á Vontade de Deus.”
- 7 – “mandem **me** | noticias dos can cans.”
- 8 – “Etelvina já **me** entregou o embrulhosi- | nho 4 da renda[...].”
- 9 – “Cada vez **me** convenço mais que o pessoal |daqui[...].”
- 10 – “[...]perguntei porque |não concertam a cerca e **me** disseram que | é porque dizem que quem trabalha no |concerto de cemiterio morre logo!!!”
- 11 – “[...]Mamãesinha já tinha **me** dado noti- |cia da chegada de Marianna[...].”
- 12 – “[...]é castigo que Deus **me** dá.”
- 13 – “Não posso **me** queixar, |porque nem no quarto fiquei[...].”
- 14 – “[...]pois éra minha |noite com Vóvó e pela manhã **me** entraram 2 criados novos[...].”
- 15 – “[...]e umas moças |Valverde, que **me** conheceram na igreja.”
- 16 – “[...]**me** informasse quando pensam |pagar a lettra M [...].”
- 17 – “[...]as compras roubaram **me** muito tempo[...].”
- 18 – “[...]mas **me** parece que ella quer procurar novamente o |tal S Manoel[...].”
- 19 – “não sei como **me** esqueci do anniver- |sario de Flavia[...].”
- 20 – “[...]só **me** lembrei ha poucos |días e ficamos tão veixadas[...].”
- 21 – “**Me** esqueci também do anniversario de Sinhá Soares[...].”
- 22 – “Só **me** lembrei á noute[...].”
- 23 – “Ella **me** respondeu que ficou resolvido não haver |Festa nem no Parque nem na Casa.”
- 24 – “**Me** |limito arranjar algumas cousinhas |para a Kermese.”
- 25 – “Disse **me** Bellinha |que Tété Machado foi quem deu uma |ou mais dessas ideais[...].”
- 26 – “Fazia tenção de lhe escrever no sabbado, |mas não sei como **me** distrahi[...].”
- 27 – “[...]pelo muito que **me** penalizou, |calculo quanto V terá sentido[...].”
- 28 – “Só hoje **me** foi possivel ir buscar as |cadernetas[...].”
- 29 – “Aracy está **me** dando pressa.”
- 30 – “Muito **me** sorprehendeu V **me** dizer que não recebeu[...].”
- 31 – “Não **me** lembro si escrevi por |S. Amaro ou por Buracica.”
- 32 – “Eu não **me** descui- |dei pois sei que o pessoal de fóra é desconfiado[...].”

- 33 – “Não me descuido de suas flores nas tristes datas[...]”
- 34 – “Nos Salesianos me disseram |que as Missas estavam pagas |até o fim do anno.”
- 35 – “[...]o Senhor |e minha Madrinha me |offereceram, muito agradeço |a ambos.”
- 36 – “[...]tive |muita preguiça de me le- |vantar às 5 ½[...]
- 37 – “Malú tendo ido a Dele-gacia me informou que as |de cartorio[...]
- 38 – “[...]na Centr'Oeste noSalustinho me perguntou |quase em segredo, por quem?”
- 39 – “Tenho me encontrado com |o Primo pergunta sempre por[...]
- 40 – “[...]elle ficou de me mandar[...]
- 41 – “[...]porque a |serpentina foi de lá para juntar á |nota e me mandar.”
- 42 – “Chico me deu e o registro da procu- ração[...]
- 43 – “Dr. Sabino disse-me não saber quaes os papeis da Água-Bôa que Você que ria[...]
- 44 – “Você não tinha escripto a esse respei |to elle respondeu- me que não.”
- 45 – “Sobre o imposto de renda disse-me |que não tinha lhe respondido[...]
- 46 – As novidades e que muito me |agradou ao avistar o bonde[...]
- 47 – “Á noite lembrei-me muito dele[...]
- 48 – “Ontem de volta do cemiterio fui |a Vitória, lá me encontrei com |Maria de João Francisco[...]
- 49 – “Dr. Sabino como Snr Florisvaldo |não estava, quem me atendeu foi Dr. Sabino.”
- 50 – “[...]tellefonei para Ze e |felizmente ela me respondeu que estava lá.”
- 51 – “[...]ele me disse que ai lêr a sua |carta com a atenção[...]
- 52 – “[...]o meu trabalho de dentes ficará termina- |do até o dia 22, quer me parecer |que não[...]
- 53 – “Disse- me pedro que Ti adoeceu |de impaludismo[...]
- 54 – “Hoje devem me dar o orçamento |do radio sobre o concerto[...]
- 55 – “Antonia acaba |de me telefonar que João Mauricio |está me esperando[...]
- 56 – “[...]Apolo e divertiram-se muito se |gundo me disseram, foram 2 um grupo[...]
- 57 – “Encontrei-me com D. Edith.”
- 58 – “[...]ela me disse que |todas as papelêtas já estão prontas[...]
- 59 – “[...]disse-me que a molestia foi ótima, |êlas voltam para o Rio no dia 18.”
- 60 – “Snr Viana trouxe-me como lhe |mandei dizer o orçamento \$5.950,00[...]
- 61 – “[...]previnam-me para eu ir |conversar direito com Snr Alberto.”
- 62 – “O concerto do radio é \$ 405.00 ontem |deram-me esta resposta[...]
- 63 – “[...]disse |me ter posto uma carta no correio[...]
- 64 – “Hontem á noite Lucio me telefo- nou perguntando se eu voltava real- |mente na segunda[...]
- 65 – “[...]disse-me então que Lucinho e Pedro vinham sábado[...]
- 66 – “[...]Dircinha Batista não me agradou.”
- 67 – “O que me diz de Maria Delfina |sobre o despêjo?”
- 68 – Recebi ontem um cartão de Carmen |pedindo-me para mandar uma encomenda[...]
- 69 – “Como eu estava me achando |mais 4 magra, tomei 3 frascos[...]

- 70 – “Vai a nota do dinheiro que veio |para Você **me** explicar o engano.”
- 71 – Almir veio otimamente im- |pressionado daí particularmente me |disse que não há comparação entre as suas fazendas[...].”
- 72 – “[...]mas ninguém **me** respondeu sobre o |assunto[...].”
- 73 – “[...] levanto-me as 15para as 7 tómo banho[...].”
- 74 – “Mandei Vavá comprar um blóco e êle **me** trouxe esse aéreo.”
- 75 – “Minha madrinha |Deu-me Pedro Carneiro a bôa noticia[...].”
- 76 – “[...] Lucia não havia levado o talão de reci- bos pediu-me que voltasse outro dia.”
- 77 – “[...]fui a 15 disse-**me** ser melhor fazer |assim você pagaria os 15 dias de fevereiro[...].”
- 78 – “Snr Fernando disse-**me** que | deixasse terminar o pagamento[...].”
- 79 – “[...]êle havia **me** pedido que quando |João fosse lhe escrever eu prevenisse a |êle.”
- 78 – “Não **me** recórdo se mandei dizer |a Maria[...].”
- 79 – “[...] a noite só < **me** > cobri com um |lençol e colcha.”
- 80 – “Já estou **me** sentando e com o pé **esquer-** |do no chão[...].”
- 81 – “[...]êle |tambem **me** disse que a 15 eu podia |começar a andar[...].”
- 82 – “Elias **me** preveniu que Nestor |ia viajar hoje[...].”
- 83 – “[...]MmeButerfly e uma outra que não |**me** lembro o nome.”
- 84 – “[...]fui logo a Dr. Sabino e êle **me** |deu esse requerimento para você assinar[...].”
- 85 – “Dr. Sabino disse-**me** |que estava tudo direito[...].”
- 86 – “[...]eu respondi que tinha sido ele mesmo que |**me** havia dado[...].”
- 87 – “Tenho sempre **me** esquecido de |compra-las.”
- 88 – “Ceza |disse-**me** já ter lucrado 2 Ks e está com |muito bom apetite[...].”
- 89 – “Celina Mélo mandou **me** dizer que |vai tirar nova radiografia.”
- 90 – “[...]ela **me** |mandou 2 e eu já tinha um |resto de 1[...].”
- 91 – “Celina **me** telefonou há pouco teve |de tirar nova radiografia da vesícula[...].”
- 92 – “[...]vesículae do intestino disse-**me** estar muito |fraca e abatida[...].”
- 93 – “[...]o fundo era de um |vermelho vivo não **me** agradou.”
- 94 – “Stella **me** convidou para ir com eles ao baile[...].”
- 95 – “[...]um fogão a querosene por \$500.00 de 3 bocas disse-me | ser ótimo[...].”
- 96 – | “[...]Tosca, Boemia, |M Butterfly e a outra não **me** lembro[...].”
- 97 – “Hildeth esteve aqui que veio **me** |ver.”
- 98 – “felismente não **me** doe e não está inchado.”
- 99 – “[...]eu tenho **me** desdo- |brado em copias pontos para as |provas[...].”
- 100 – “[...]êle **me** respondeu que Zé 1 iria lhe |mandar na quinta[...].”
- 101 – “Catão disse-**me** que eu poderia |andar pouco, firmando no calcanhar[...].”
- 102 – “Cezinha já **me** mandou vou pedir a Juvenal para |**me** fazer isso.”
- 103 – “José Gabriel que **me** informou ter tido |um numero muito grande de convidados[...].”

- 104 – “Iaiá Vieira almoçou hoje aqui, ela |ia lhe escrever, pediu-**me** papel[...]”
- 105 – “O meu pé parece que está indo |muito bem não **me** doe e não está |inchado.”
- 106 – “Catão veio no dia 17 apertar |as ataduras e disse**me** que tirasse |uma nova radiografia[...]”
- 107 – “Pedi a Catão um remédio para |o fígado ele **me** deu Boldeno.”
- 108 – “[...]lembrei-**me** de você que gosta tan- to.”
- 109 – “Ele < **me** > examinou, o meu fígado não tem nada.”
- 110 – “Minha Madrinha |Realmente **me** surpreendeu a chegada de José[...]”
- 111 – “Até o momento |que lhe escrevo 3 hs da tarde Snr Durand |não **me** apareceu[...]”
- 112 – “O ballet não tem \$4, deram-**me** o papel para quando chegarir receber.”
- 113 – “No dia 31 quando Milton |estive aqui eu tratei de **me** informar[...]”
- 114 – “[...]ê**me** disse que |poderia esperar 2 alguns dias.”
- 115 – “Você **me** responda com a maxima ur- |gencia[...]”
- 116 – “[...]vejo se consigo **me** entender |com Snr Durand e ver o que êle responde.”
- 117 – “Dr. Sabino **me** respondeu que não combinasse[...]”
- 118 – “Não consegui ainda **me** comunicar com o Snr Durand.”
- 119 – “Antonia disse-**me** que vai lhe escrever agradecendo o presente.”
- 120 – “Eu no momento não **me** lembrei[...]”
- 121 – “Emfim |não **me** dói[...]”
- 122 – “Você **me** arranja no Bemfica |um pouco de sebo de carneiro[...]”
- 123 – “um custava \$ 52,00 e outro não **me** |recordo quanto[...]”
- 124 – “[...]tenho **me** n[o]rteado |bastante com êle[...]”
- 125 – “[...]vê neste tom e é |bem bonita, foi a que mais **me** |agradou.”
- 126 – “Ainda não **me** encontrei com |Zelito, êle esteve doente da vista.”
- 127 – “Catão **me** disse que |no dia 15 eu poderia começar a |andar com o pé enfaixado[...]”
- 128 – “[...]porque ele **me** preveniu[...]”
- 129 – “Se faltou algu- |ma compra escreva-**me**[...]”
- 130 – “[...]pois |não **me** lembro.”
- 131 – “Flavio todos os dias |**me** pergunta si V mandou dizer alguma |coisa.”
- 132 – “Yoyô entregou-**me** 200 \$ seus[...]”
- 133 – “[..]elle disse- |**me** que eu guarde que são seus de um negocio.”
- 134 – “Aracy **me** escreveu uma longa carta, |ainda não respondi.”
- 135 – “[...]nem **me** convinha fazer outro agora.”
- 136 – “[...]excusado é dizer- |lhe o prazer que **me** casou.”
- 137 – “Vontade não **me** faltou!”
- 138 – “Só hontem **me** chegou uma |carta de Antonio[...]”
- 139 – “[...]só **me** assu[s]ta |a epocha de frio[...]”
- 140 – “Rocha veio cá **me** |trazer o pedido d'elle[...]”

- 141 – “[...]dizer-**me** |isso, muito vexado[...]
- 142 – “Yóyó que **me** mande |dizer se um dos cachorrinhos |não é para Caio[...]
- 143 – “Dantinhas aqui |estive ontem e disse-**me** |ter o cunhado vindo[...]
- 144 – “[...]aceitei |por **me** parecer mais segu- ro.”
- 145 – “[...]a mim |essa ideia só **me** traz mais |tristeza e apreensões.”
- 146 – “[...]já não **me** admiro d'isso[...]
- 147 – “[...]só **me** |lembro o que será quando |elle estiver no Paraná e V de volta.”
- 148 – “O marceneiro veio ver sua |mobilia e **me** diz que raspa |com toda facilidade[...]
- 149 – “V **me** |mande dizer se é para |escurecel-a[...]
- 150 – “**Me** responde |se poder na 4^a feira[...]
- 151 – “Quando vier qualquer coisa **me** mande o meu livrinho |de aniversarios.”
- 152 – “Deus permita que **me** engane[...]
- 153 – “[...]pois a dor não cedia nem |a morphina **me** sedol.”